

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

Laís Santos Vitti

**Escala de Otimismo para adolescentes: construção de instrumento e investigação de suas
qualidades psicométricas**

Campinas

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

Laís Santos Vitti

**Escala de Otimismo para adolescentes: construção de instrumento e investigação de suas
qualidades psicométricas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Psicologia da Escola de Ciências da Vida - PUC-Campinas, como
requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como
Ciência e Profissão.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tatiana de Cássia Nakano Primi

Campinas

2023

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

159.9 Vitti, Laís Santos
V852e

Escala de otimismo para adolescentes: construção de instrumento e investigação de suas qualidades psicométricas / Laís Santos Vitti. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

142 f.: il.

Orientador: Tatiana de Cássia Nakano Primi.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

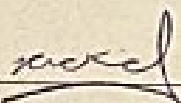
1. Psicologia. 2. Psicologia do adolescente - Otimismo. 3. Psicologia positiva - Avaliação. I. Primi, Tatiana de Cássia Nakano. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. III. Título.

23. ed. CDD 159.9

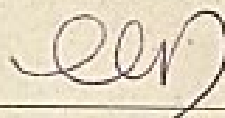
FOLHA DE APROVAÇÃO
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
LAÍS SANTOS VITTI

**ESCALA DE OTIMISMO PARA ADOLESCENTES: CONSTRUÇÃO DE
INSTRUMENTO E INVESTIGAÇÃO DE SUAS QUALIDADES PSICOMÉTRICAS**

Tese defendida e aprovada em 23 de JUNHO de 2027 pela
Comissão Examinadora



Prof.ª Dr.ª Tatiana de Cássia Nakano Primi
Orientadora da Tese e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)




Prof.ª Dr.ª Leticia Lovato Dellazzana Zanon
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof. Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Prof.ª Dr.ª Ana Paula Porto Noronha
Universidade São Francisco (USF)

Documento assinado digitalmente
 CAROLINE TOZZI REPPOLD
Data: 03/03/2024 14:54:02 -0300
Verifique em: <https://sistemas.ufsc.br>

Prof.ª Dr.ª Caroline Tozzi Reppold
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

A Deus, aos meus pais, ao meu filho Pedro e ao meu esposo Henrique.

Persegui meus inimigos e os alcancei...

Eu os destruí... eu os atravessei.

O braço forte do Senhor me cingiu de forças. Ele é minha rocha. A quem temerei?

Ele é minha força, Ele é o meu escudo. Ele é o meu Deus, outro não há!

Agradecimentos

Primeiramente eu agradeço a Deus por ter tido a oportunidade de alcançar mais um sonho na minha vida. Desde o meu primeiro contato com a Psicologia, eu soube que gostaria de seguir carreira acadêmica. No entanto, o que eu não imaginava eram todos os percalços, altos e baixos que eu teria que suportar e superar para chegar até aqui. Sem dúvidas, para mim, sem a permissão de Deus eu não teria conseguido.

Eu agradeço ao meu pai Antônio (*in memoriam*) e a minha mãe Alaíde por terem se dedicado ao máximo para que eu pudesse acessar o que vocês não tiveram oportunidade de ter. Eu cresci ouvindo dos meus pais que eu deveria estudar para conseguir chegar a um lugar de destaque. O meu pai tinha o sonho de que eu me tornasse “doutora” e aqui estou eu, prestes a ser reconhecida como uma verdadeira doutora.

Agradeço também ao meu esposo Henrique, por todo apoio emocional e carinho que despendeu a mim desde o primeiro dia que nos conhecemos. De fato, jamais imaginei que a minha vida poderia mudar tanto em tão pouco tempo. Ao Pedro, meu filho, obrigada por ter me escolhido para ser a sua mamãe. Todos os dias o seu sorriso e a sua alegria me impulsionam a não desistir, a lutar para me tornar alguém melhor. Desejo, de todo o meu coração, que essa grande conquista possa contagiá-lo e firmar, em seu coração, o desejo pelo conhecimento.

Aos meus queridos professores o meu muito obrigada. Especialmente, agradeço a minha orientadora a professora doutora Tatiana Nakano pela oportunidade que você me deu. Agradeço por ter me acolhido, me incentivado, me desafiado, me tirado da zona de conforto, me ajudado a confiar nas minhas ideias e na minha capacidade. Obrigada também por acolher o meu filho Pedro com tanto carinho. Sem dúvida ter alguém que nos orienta e nos incentiva e se importa verdadeiramente com o nosso bem-estar, não tem preço. Isso nos motiva a continuar, a fazer diferente e a não desistir de lutarmos para sermos referências no que fazemos.

Gostaria de agradecer também ao meu antigo orientador, o professor doutor André Faro. Sem dúvidas, nessa caminhada acadêmica, a minha base eu adquiri ao longo dos anos de orientação, supervisão, projetos, parcerias e intervenções realizadas. Quem dera todos os alunos pudessem ter um orientador tão comprometido com os seus alunos. Gratidão a você e ao meu eterno GEPPS, por todos os anos de aprendizado e alegrias que partilhei com vocês.

Ao professor doutor Makilim, pessoa que eu admiro e respeito. Desde o meu mestrado, sonho distante era um dia poder trabalhar contigo. Lembro perfeitamente do dia que eu fui até a sua sala, conversar sobre o artigo que estávamos escrevendo junto com o professor André. Eu senti tanto medo, afinal estava diante de um dos grandes nomes da avaliação psicológica do Brasil. No final tudo deu certo e eu só tenho que agradecer a parceria de todos esses anos.

Gostaria de agradecer também a professora doutora Letícia por ter aceitado participar da minha banca de defesa de doutorado. Tive a honra de ser sua orientanda, ainda que temporariamente, bem como assistir as suas aulas e ter a minha dissertação avaliada por você. Eu admiro muito o seu trabalho e a sua dedicação. A sua jornada me inspira.

Agradeço a professora doutora Ana Paula Noronha por ter aceitado participar da minha banca de defesa do doutorado. Tive a honra de tê-la na minha qualificação e, agora, posso mostrar o desfecho do meu trabalho. Obrigada por ser tão próxima de nós, tão leve e por nos contagiar com a sua leveza e amor pela Psicologia. Uma honra poder ter sido sua aluna, um privilégio para poucos. Minha eterna gratidão.

Agradeço a professora doutora Caroline Reppold por ter aceitado o nosso convite para participar da minha banca de defesa de doutorado. Sem sombra de dúvidas é uma honra para mim contar com a sua presença, ter o meu trabalho lido por alguém que tenho como referência na Psicologia, especialmente na Psicologia Positiva. Meu muito obrigada de coração.

Agradeço também ao professor doutor Rodolfo por ter aceitado participar dessa banca. Gratidão por ter a oportunidade de ter o meu trabalho lido por alguém que é referência na Psicologia e, especialmente na Avaliação Psicológica.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

O otimismo disposicional é uma característica de personalidade que envolve diferentes âmbitos (emocional, motivacional e cognitivo). Ela se refere às crenças de resultados futuros positivos. Essa característica se mostra importante ao longo da vida, em especial na adolescência, tendo em vista que o otimismo pode contribuir significativamente para o desenvolvimento positivo de adolescentes, prevenção de doenças, promoção de saúde e bem-estar. Embora relevante, não foram identificados instrumentos desenvolvidos especificamente para avaliar esse construto em adolescentes brasileiros. Com isso, o objetivo desta pesquisa foi construir e avaliar as evidências de validade e precisão de uma Escala de Otimismo para adolescentes. O instrumento foi desenvolvido tendo, como base teórica o modelo do otimismo disposicional. Cinco estudos foram realizados. O primeiro consistiu no processo de construção da medida, composta inicialmente por 60 itens. O segundo estudo avaliou evidências de validade do conteúdo da escala junto ao público-alvo. O terceiro avaliou evidências de validade do conteúdo junto a juízes especialistas. Ao final dos estudos 2 e 3, a escala passou a contar com 42 itens. O quarto estudo avaliou evidências de validade baseadas na estrutura interna e na precisão da escala. Participaram 233 adolescentes, 75,2% do gênero feminino ($n = 176$), com média de idade de 16,3 anos ($DP = 1,36$). Foi realizada uma análise fatorial exploratória, a qual demonstrou a presença de três fatores, a saber: Expectativas, Persistência e *Coping*. As cargas fatoriais variaram de 0,34 até 0,80, tendo-se excluído quatro itens que apresentaram cargas $< 0,30$, de modo que a escala passou a ser composta por 31 itens. A precisão dos três fatores da escala, mensurada pelo índice de ômega de McDonald, foi considerada adequada, variando de 0,75 a 0,92. O último estudo analisou os itens por meio da Teoria de Resposta ao Item (TRI) e o funcionamento diferencial dos itens (DIF) quanto ao gênero dos respondentes. Os resultados demonstraram que, dos 31 itens analisados, apenas quatro não apresentaram índices de ajuste adequados, a saber os itens. Além disso, quatro itens apresentaram DIF em função do gênero dos respondentes. Diante dos resultados, acredita-se que o objetivo desta tese foi atingido, tendo-se uma escala de avaliação do otimismo em adolescentes, composta por 31 itens e cujos estudos indicaram que ela possui propriedades psicométricas adequadas para o uso junto ao público-alvo. Novos estudos são recomendados a fim de que a Escala de Otimismo para Adolescentes (EOA) possa ser disponibilizada para uso profissional.

Palavras-chave: Estados emocionais, Avaliação Psicológica, Psicometria, Psicologia Positiva.

ABSTRACT

Dispositional optimism is a personality trait that involves different areas (emotional, motivational, and cognitive). It refers to beliefs of positive future outcomes. This characteristic is important throughout life, especially in adolescence, given that optimism can contribute significantly to the positive development of adolescents, disease prevention, health promotion and well-being. Although relevant, instruments developed specifically to assess this construct in Brazilian adolescents were not identified. Therefore, the objective of this research was to construct and evaluate the evidence of validity and accuracy of an Optimism Scale for adolescents. The instrument was developed based on the dispositional optimism model. Five studies were performed. The first consisted of the construction process of the measure, initially composed of 60 items. The second study evaluated evidence of validity of the scale's content with the target audience. The third evaluated evidence of content validity with expert judges. At the end of studies 2 and 3, the scale now has 42 items. The fourth study assessed evidence of validity based on the scale's internal structure and accuracy. 233 adolescents participated, 75.2% female ($n = 176$), with a mean age of 16.3 years ($SD = 1.36$). An exploratory factor analysis was performed, which demonstrated the presence of three factors, namely: Expectations, Persistence and Coping. The factor loadings ranged from 0.34 to 0.80, with the exclusion of four items that presented loadings < 0.30 , so that the scale now comprises 31 items. The accuracy of the three scale factors, measured by the McDonald's omega index, was considered adequate, ranging from 0.75 to 0.92. The last study analyzed the items using the Item Response Theory (IRT) and the differential functioning of the items (DIF) regarding the gender of the respondents. The results showed that, of the 31 items analyzed, only four did not show adequate adjustment indices. to know the items. In addition, four items had DIF depending on the respondents' gender. In view of the results, it is believed that the objective of this thesis was achieved, with an evaluation scale of optimism in adolescents, consisting of 31 items and whose studies indicated that it has adequate psychometric properties for use with the target audience. New studies are recommended so that the Optimism Scale for Adolescents (OAS) can be made available for professional use.

Keywords: Optimism, Psychological Assessment, Adolescent, Positive Psychology.

RESUMEN

El optimismo disposicional es un rasgo de personalidad que involucra diferentes áreas (emocional, motivacional y cognitiva). Se refiere a las creencias de resultados futuros positivos. Esta característica es importante a lo largo de la vida, especialmente en la adolescencia, dado que el optimismo puede contribuir significativamente al desarrollo positivo de los adolescentes, la prevención de enfermedades, la promoción de la salud y el bienestar. Aunque relevantes, no se identificaron instrumentos desarrollados específicamente para evaluar este constructo en adolescentes brasileños. Por lo tanto, el objetivo de esta investigación fue construir y evaluar las evidencias de validez y precisión de una Escala de Optimismo para adolescentes. El instrumento fue desarrollado con base en el modelo de optimismo disposicional. Se realizaron cinco estudios con la escala. La primera consistió en el proceso de construcción de la medida, inicialmente compuesta por 60 ítems. El segundo estudio evaluó la evidencia de validez del contenido de la escala con el público objetivo. El tercero evaluó evidencias de validez de contenido con jueces expertos. Al final de los estudios 2 y 3, la escala ahora tiene 42 ítems. El cuarto estudio evaluó la evidencia de validez con base en la estructura interna y la precisión de la escala. Participaron 233 adolescentes, 75,2% del sexo femenino ($n = 176$), con una edad media de 16,3 años ($DE = 1,36$). Se realizó un análisis factorial exploratorio, que demostró la presencia de tres factores, a saber: Expectativas, Persistencia y Afrontamiento. Las cargas factoriales oscilaron entre 0,34 y 0,80, con la exclusión de cuatro ítems que presentaron cargas $< 0,30$, por lo que la escala ahora comprende 31 ítems. La precisión de los tres factores de escala, medida por el índice omega de McDonald's, se consideró adecuada, con un rango de 0,75 a 0,92. El último estudio analizó los ítems utilizando la Teoría de Respuesta al Ítem (TRI) y el funcionamiento diferencial de los ítems (DIF) en función del género de los encuestados. Los resultados mostraron que, de los 31 ítems analizados, solo cuatro no presentaron índices de ajuste adecuados para conocer los elementos. Además, cuatro ítems tenían DIF según el género de los encuestados. A la vista de los resultados, se cree que se logró el objetivo de esta tesis, con una escala de evaluación del optimismo en adolescentes, compuesta por 31 ítems y cuyos estudios indicaron que posee propiedades psicométricas adecuadas para su uso con el público objetivo. Se recomiendan nuevos estudios para que la Escala de Optimismo para Adolescentes (OEA) esté disponible para uso profesional.

Palabras clave: Optimismo, Evaluación Psicológica, Adolescente, Psicología Positiva.

SUMÁRIO

DEDICÁTÓRIA	IV
EPIGRAFE	V
AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	IX
ABSTRACT	X
RESUMEN	XI
ÍNDICE DE TABELAS	XIV
ÍNDICE DE FIGURAS	XV
JUSTIFICATIVA	16
INTRODUÇÃO	22
Adolescência: por que investir nesse período?	22
Psicologia Positiva aplicada à adolescência	23
Otimismo	25
Teorias e medidas para avaliar o Otimismo	28
Otimismo disposicional	28
Otimismo explicativo ou atribucional	32
Otimismo irrealista	35
Avaliação do otimismo: instrumentos e revisão de pesquisas.....	38
OBJETIVOS	48
Objetivo Geral	48
Objetivos Específicos	48
ESTUDOS DESENVOLVIDOS	49
ESTUDO 1 - CONSTRUÇÃO DA ESCALA DE OTIMISMO PARA ADOLESCENTES	51
Formato do instrumento.....	53
ESTUDO 2 - EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS NA ANÁLISE DE CONTEÚDO A PARTIR DA ANÁLISE DO PÚBLICO-ALVO	57
ETAPA 1 - Estudo Piloto	57
Participantes.....	57
Instrumentos	57
Procedimentos	58
Resultados.....	60
ETAPA 2 – Entrevista presencial com adolescente	60
Participantes.....	60
Instrumentos	60
Procedimentos	61
Resultados.....	61
ETAPA 3 – Entrevista com pares.....	62
Participantes.....	62
Instrumentos	62
Procedimentos	62
Resultados.....	63
ESTUDO 3 - EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS NA ANÁLISE DE CONTEÚDO A PARTIR DA ANÁLISE DE JUÍZES	64
ETAPA 1	64
Participantes.....	64
Instrumentos	64
Procedimentos	64

Resultados.....	66
ETAPA 2	67
Participantes.....	67
Instrumentos	68
Procedimentos	68
Resultados.....	68
ETAPA 3	70
Participantes.....	70
Instrumentos	71
Procedimentos	71
Resultados.....	72
Discussão	74
ESTUDO 4 - ESTUDO 4 - EVIDÊNCIAS DE VALIDADE COM BASE NA ESTRUTURA INTERNA E EVIDÊNCIAS DE PRECISÃO	76
Participantes.....	77
Instrumentos	77
Procedimentos	77
Análise de dados.....	78
Resultados.....	78
Discussão	82
ESTUDO 5 - ANÁLISE DOS ITENS	87
Participantes.....	87
Instrumentos	87
Procedimentos	88
Análise de dados.....	88
Resultados.....	89
Discussão	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS.....	128
ANEXO 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para juízes	129
ANEXO 2. Formulário para juízes.....	131
ANEXO 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais/responsáveis dos adolescentes de 14 aos 17 anos.....	133
ANEXO 4. Termo de Assentimento para adolescentes de 14 anos.....	135
ANEXO 5. Termo de Consentimento para adolescentes de 19 anos	137
ANEXO 6. Termo de consentimento para adolescentes de 14 a 19 anos	138
ANEXO 7. Escala de Otimismo para Adolescentes.....	139
ANEXO 8. Questionário Sociodemográfico	141

ÍNDICE DE TABELAS

- Tabela 1. Características dos Instrumentos
- Tabela 2. Valores de Precisão e Métodos Utilizados
- Tabela 3. Valores de Precisão e Métodos Utilizados
- Tabela 4. Dimensões avaliadas na Escala de Otimismo para Adolescentes e suas definições.
- Tabela 5. Dimensões e itens aprovados na Etapa 1
- Tabela 6. Estilo e itens aprovados na Etapa 1
- Tabela 7. Dimensão e itens aprovados nas etapas 1 e 2
- Tabela 8. Estilos e itens aprovados nas etapas 1 e 2
- Tabela 9. Distribuição de itens por juízes
- Tabela 10. Distribuição de itens por juízes em relação à dimensão da Escala de Otimismo
- Tabela 11. Distribuição de itens por juízes em relação ao estilo dos itens da Escala de Otimismo
- Tabela 12. Valores das cargas fatoriais para os fatores específicos
- Tabela 13. Correlação entre os fatores da Escala de Otimismo para Adolescentes
- Tabela 14. Índices de ajuste (*infits* e *outfits*) dos itens que compõem o fator Expectativa
- Tabela 15. Valores de ajuste (*infits* e *outfits*) para o fator Persistência
- Tabela 16. Valores de ajuste (*infits* e *outfits*) dos itens que compõem o fator *Coping*
- Tabela 17. Funcionamento Diferencial do Item (DIF) do Fator Expectativas
- Tabela 18. Funcionamento Diferencial do Item (DIF) do Fator Persistência
- Tabela 19. Funcionamento Diferencial do Item (DIF) do Fator *Coping*

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Fluxograma de Seleção de Estudos a Partir dos Critérios de Inclusão e Exclusão

Figura 2. Mapa de itens do fator Expectativas

Figura 3. Curva de Informação do Teste – Fator Expectativas

Figura 4. Mapa de itens fator Persistência

Figura 5. Curva de Informação do Teste – Fator Persistência

Figura 6. Mapa de itens do fator Coping

Figura 7. Curva de Informação do Teste – Fator Coping

JUSTIFICATIVA

A saúde mental é essencial para todos e está intimamente relacionada à saúde geral e ao bem-estar psicológico (World Mental Health [WHO], 2022). Embora seja um direito, nem sempre as pessoas experienciam níveis satisfatórios de saúde mental, uma vez que grande parte dos sistemas de saúde negligenciam sua importância, visto que não proporcionam cuidado adequado e não colocam em prática políticas públicas na área (WHO, 2022).

Fatores individuais, familiares, culturais, políticos e econômicos impactam a proteção e/ou prejuízo da saúde mental dos indivíduos. Apesar de a maior parte das pessoas permanecer saudável, estima-se que aqueles que são expostos a condições desfavoráveis, como a violência e a pobreza, estão mais predispostos a desenvolver problemas de saúde mental e de saúde em geral. Ademais, fatores globais como crises econômicas, catástrofes e pandemias, como a COVID-19, também impactam negativamente a saúde mental dos indivíduos (WHO, 2022).

A COVID-19 foi considerada uma verdadeira catástrofe em saúde, devido ao grandioso número de mortos e das consequências negativas para a saúde mental dos indivíduos. Durante a pandemia, observou-se o aumento de quadros como depressão, ansiedade, estresse, transtorno do pânico, insônia, medo e raiva em diferentes países (Duan & Zhu, 2020; Wang et al., 2020; Yang et al., 2020). Especificamente, houve um aumento de mais de 25% dos transtornos de ansiedade e depressão no primeiro ano da pandemia (WHO, 2022). Nesse contexto, alguns grupos são mais vulneráveis como os adolescentes (Lee, 2020; Guessoum, et al., 2020).

De acordo com a WHO (2022), as medidas de distanciamento social impostas para tentar conter a propagação da COVID-19, causaram diversas mudanças na rotina dos adolescentes no mundo inteiro. O confinamento em casa, fechamento das escolas, aulas realizadas de modo remoto, adiamento de provas, suspensão do contato com os colegas e professores, entre outros aspectos, potencializaram o medo e a insegurança, assim como

aumentaram a vulnerabilidade dos adolescentes (Orben et al., 2020). A pandemia da COVID-19 trouxe consequências significativas para os adolescentes, como o aumento de sintomas internalizantes (ansiedade e depressão) e externalizantes (como o uso e abuso de substâncias, maior agressividade), principalmente entre os indivíduos que apresentavam problemas preexistentes (Bera et al., 2022; Lee, 2020). Dessa forma, concluiu-se que houve uma redução importante dos níveis de bem-estar psicológico dos adolescentes, associado a um aumento dos níveis de afetos negativos e de adoecimento mental geral (Fegert et al., 2020).

Para a WHO (2022), a adolescência é uma fase do desenvolvimento que vai dos 10 aos 19 anos de idade. Trata-se de uma etapa que é marcada por intensas variações físicas, psicológicas e sociais (Sawyer et al., 2018). Para além de períodos pandêmicos como da COVID-19, estima-se que de 10 a 20% dos adolescentes experienciam problemas de saúde mental durante essa fase do desenvolvimento. Grande parte dos problemas mentais tem início por volta dos 14 anos. Entre os 15 e 19 anos, o suicídio é a terceira maior causa de mortalidade desse grupo, o qual geralmente está associado a quadros de adoecimento mental, como transtornos ansiosos e depressivos (WHO, 2022). No entanto, embora seja um grupo bastante vulnerável, boa parte desses adolescentes não recebe diagnóstico e nem tratamento adequado, fato este que contribui para uma evolução negativa ao longo da vida.

Todavia, a adolescência não deve ser vista apenas como uma fase de vulnerabilidade. Durante muito tempo, o foco nos déficits negligenciou as potencialidades humanas capazes de atuarem como fatores de proteção ao adoecimento mental (Lerner & Steinberg, 2009). Para Seligman (2004), trabalhar os aspectos positivos e pontos fortes é uma importante estratégia para o aumento da felicidade e florescimento das pessoas. Nesse contexto, surgiu a possibilidade de estudar a adolescência não apenas considerando os déficits e vulnerabilidades que podem se fazer presentes nessa fase, mas levando em consideração as preferências, escolhas e potencialidades desse grupo (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Dessa forma, nas últimas

décadas, a adolescência passou não mais ser compreendida apenas como uma fase de dificuldades, mas como uma etapa de potencialidades, durante a qual se mostra possível o desenvolvimento de aspectos saudáveis e significativos para a saúde e bem-estar (Tolan et al., 2016).

Com a legitimação da Psicologia Positiva (meados do ano 2000), iniciou-se um redirecionamento de pesquisas e intervenções em relação aos indivíduos em geral, assim como quanto aos adolescentes, voltando-se para o desenvolvimento positivo desse grupo. Ficou evidente que investir em ações de promoção de bem-estar e estratégias de *coping* mais adaptativas pode ajudar diminuir a vulnerabilidade ao adoecimento mental dos adolescentes, mesmo frente a fatores estressores e condições adversas (Shek et al., 2019).

Em âmbito nacional, somente no início do século XXI foram propostos mecanismos para a implementação de uma Política de Saúde Mental para Crianças e Adolescentes (SMCA). Essa política de atenção psicossocial pressupõe que a saúde geral de crianças e adolescentes está intimamente ligada à saúde mental desse grupo (Teixeira et al., 2017). Reconhece-se que, ao passo que os adolescentes vivenciam sofrimento mental, aumenta-se a vulnerabilidade ao adoecimento em geral. Com essa política, passou-se a enfatizar a necessidade de promoção, prevenção e atenção em saúde mental, levando em consideração a importância de fatores individuais, sociais e culturais relacionados a essa condição (Couto & Delgado, 2015). Isto posto, observa-se que essa perspectiva vai ao encontro da proposta de desenvolvimento positivo e saudável de adolescentes, tendo em vista que é possível desenvolver fatores de proteção e manutenção do bem-estar, levando em consideração o contexto social, cultural e econômico no qual o adolescente está inserido (Shek et al., 2019; Tolan et al., 2016). Nesse contexto, destaca-se o papel da Psicologia Positiva na legitimação desse novo olhar para adolescência.

Entre os diversos construtos estudados pela Psicologia Positiva, destacaremos o papel do otimismo (Carver & Scheier, 2019), variável que tem ganhado visibilidade e investimentos

de estudos na área (Schrank et al., 2014). Relacionado às expectativas de resultados futuros, o otimismo disposicional é considerado uma característica de personalidade que envolve os âmbitos emocional, motivacional e cognitivo (Carver & Scheier, 2019), capaz de influenciar o comportamento e a maneira como as pessoas interpretam o futuro (Carver & Scheier, 2014).

Os efeitos do otimismo são expressivamente pesquisados em diferentes contextos de saúde. Observa-se que os otimistas têm resultados positivos em saúde física e mental do que os pessimistas (Carver & Scheier, 2019), prevenção de sintomas psicopatológicos (Lowell et al., 2017), melhor adaptação psicossocial (Chen et al., 2019), maior adesão ao tratamento psicológico (Salazar et al., 2018), entre outros. O otimismo impacta positivamente a saúde ao longo da vida, em especial durante a adolescência. Acredita-se que o otimismo surge na adolescência e apresenta um padrão linear que se associa positivamente com a idade e aumenta até à idade adulta emergente (Renaud et al., 2019; Zou et al., 2016). Dado o fato de que a adolescência é uma etapa marcada por intensas mudanças biopsicossociais, o otimismo pode contribuir substancialmente para o desenvolvimento psicológico saudável do adolescente, atuando como um preditor de boa saúde mental, reduzindo o estresse e protegendo o adolescente do adoecimento e da prática de comportamentos de risco (Uribe et al., 2021).

Para avaliar o otimismo em adolescentes, especialmente no Brasil, foram identificadas duas medidas que apresentam evidências de validade e de precisão, a saber: o *Life Orientation Test Revised* (LOT-R) e o *Youth Life Orientation Test* (Y-LOT), construídas com base na teoria de otimismo disposicional. Elas apresentam estudos psicométricos iniciais, a saber, evidências de validade e precisão da medida junto a amostras de adolescentes brasileiros (Ottati & Noronha, 2017) e evidências de validade do *Youth Life Orientation Test* (YLOT), em uma amostra brasileira de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 16 anos (Oliveira et al., 2022). Contudo, embora apresentem evidências iniciais de validade e de precisão, não foram identificados, até o presente momento, instrumentos aprovados junto ao Sistema de Avaliação

de Testes Psicológicos (SATEPSI) disponíveis para o uso profissional que permitam a avaliação do otimismo em adolescentes (Santos-Vitti & Nakano, 2021).

Ademais, há importantes lacunas no que se refere à teoria e às medidas de avaliação de otimismo em adolescentes. Por exemplo, a estrutura do LOT-R (medida mais usada no mundo), dependendo amostra analisada, apresenta estrutura unidimensional ou bidimensional, de modo que não é encontrado consenso sobre essa questão. Além disso, embora a teoria do otimismo disposicional se baseie no modelo de expectativa-valor, tanto o LOT-R e o Y-LOT apresentam itens voltados somente para às expectativas de resultados futuros positivos e itens generalistas sobre o senso de autoconfiança na realização dos objetivos propostos. Esses instrumentos estão centrados apenas nas expectativas positivas de resultados futuros, e não avaliam, portanto, outras características também importantes que podem distinguir otimistas e pessimistas. Por fim, outra dificuldade se embasa no fato de que ambos os instrumentos foram construídos em outros contextos culturais, especialmente norte-americano, ponto que pode justificar as divergências encontradas sobre a estrutura dimensional dessas medidas, uma vez que evidências mostram que a concepção de otimismo varia a depender do contexto em que as pessoas estão inseridas (Carver et al., 2010; Carver & Scheier, 2019).

Tendo em vista essas questões, o presente estudo propôs a construção de uma escala para avaliar o otimismo em adolescentes brasileiros de 14 aos 19 anos de idade, bem como investigar suas qualidades psicométricas. A escolha por essa faixa etária se deu pelo fato de que as evidências apontam que, mais frequentemente, em torno dos 14 anos se iniciam os problemas de saúde mental, de modo que, entre os 15 e 19, eles parecem se intensificar. Por sua vez, o processo de construção de uma escala de otimismo para adolescentes brasileiros se justifica diante da relevância das características positivas como facilitadoras da capacidade de adaptação dos adolescentes (Shek et al., 2019; Strauss, 2007).

Por fim, destaco que o interesse pelo tema surgiu durante o meu mestrado acadêmico, cujo tema foi o estudo do otimismo, autoestima e autoeficácia frente aos sintomas depressivos de adolescentes de Sergipe. Desde então, direcionei os meus estudos para o aprofundamento teórico e prático sobre a forma como variáveis psicológicas positivas, em especial o otimismo, influenciam a capacidade de adaptação de adolescentes.

INTRODUÇÃO

Adolescência: por que investir nesse período?

A adolescência é uma fase do desenvolvimento na qual observam-se muitas transformações biopsicossociais. Sabe-se que ela é uma etapa importante quanto à capacidade de regulação emocional. Em geral, os adolescentes apresentam estratégias de regulação emocional internas mais limitadas e maior vulnerabilidade às mudanças emocionais, o que pode gerar maior reatividade emocional e impulsividade (Rajan et al., 2018). Conseqüentemente, observa-se que um menor controle afetivo na adolescência pode se associar à maiores níveis de ruminação e sintomas ansiosos (Schweizer et al., 2020).

Em contrapartida, do ponto de vista do desenvolvimento positivo, a adolescência tem sido compreendida como uma etapa da vida em que é possível investir nas forças e virtudes, e no desenvolvimento saudável (Lerner et al., 2023). Dentro dessa concepção, o adolescente tem sido compreendido como um indivíduo com potencial de crescimento. Nessa compreensão, o contexto social, econômico, cultural e político em que o adolescente está inserido, o suporte social percebido, as relações estabelecidas, entre outros fatores, assumem importante papel no desenvolvimento e ajustamento do adolescente (Lerner et al., 2019; Waid & Uhrich, 2020).

Isto posto, a visão positiva da adolescência pressupõe a possibilidade de investimento nos recursos internos e externos para promover o florescimento do adolescente. Por exemplo, mudanças nas relações entre os adolescentes e seus pais podem ter grande impacto na manutenção da saúde e bem-estar mental dessa população (Branje, 2018). Por outro lado, relações parentais que proporcionam apoio e segurança emocional, tendem a favorecer a regulação e o desenvolvimento emocional sadio de crianças e adolescentes (Morris et al., 2017). Os amigos também têm lugar de destaque na vida do adolescente, na medida em que influenciam as escolhas, autonomia, popularidade, independência e formação de identidade,

assumindo importante papel para o desenvolvimento do bem-estar psicológico desse grupo e no fortalecimento de estratégias de coping e confiança sobre o futuro (Fadda et al., 2015; Morris et al., 2017).

A escola também assume função importante, atuando como vetor de saúde mental na adolescência. Ela é o principal local onde ocorre a relação entre professores e alunos, bem como entre os próprios adolescentes (García-Moya et al., 2018). A maior participação nas atividades escolares associa-se positivamente ao fortalecimento de vínculos sociais e, negativamente, a menor chance de evasão escolar (Curran & Wexler, 2017). O contexto escolar pode atuar na proteção e prevenção de comportamentos prejudiciais, em especial quando estimula o desenvolvimento de estratégias de coping, bem-estar, resiliência e a capacidade enxergar a vida de maneira mais positiva (Chui & Wong, 2015; Reppold et al., 2018).

Em suma, é possível observar que problemas comuns na adolescência podem ser explicados em partes, por alterações biológicas, questões emocionais e comportamentais, e/ou no que tange ao contexto no qual o adolescente está inserido. Somado a isto, a cronicidade dos problemas mentais iniciados na adolescência é outro aspecto a ser considerado, ressaltando a necessidade de ações de prevenção e promoção em saúde. Nesse sentido, a Psicologia Positiva tem se mostrado um movimento científico importante para o desenvolvimento de estratégias de proteção em saúde mental em diferentes contextos (Reppold et al., 2018). A aplicação desse movimento na adolescência será abordada no tópico a seguir.

Psicologia Positiva aplicada à adolescência

A Psicologia Positiva (PP) objetiva investigar e evidenciar os aspectos saudáveis, e os potenciais e virtudes das pessoas e instituições (Machado et al., 2017; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Apesar de ter ganhado destaque relativamente recente, o movimento positivo se iniciou muito antes com pesquisas e estudos teóricos de autores como James (1902),

Alport (1958), Cowan (2000) e seus estudos sobre resiliência na infância e adolescência, bem como Maslow, Rogers e outros psicólogos humanistas (Franco & Rodrigues, 2014).

A rigor, a PP originou-se a partir do interesse de pesquisadores em estudar aspectos relativamente negligenciados, dada a predominância de pesquisas direcionadas à definição e tratamento de doenças e problemas (Buijs & Jacobs, 2021). Ela centra-se majoritariamente em variáveis como o otimismo, autoestima, autoeficácia, forças de caráter, esperança, criatividade, dentre outros construtos, buscando englobar aspectos associados ao desenvolvimento mais saudável (Reppold et al., 2018; Seibel & Poletto, 2016). Desse modo, a Psicologia Positiva reforça o uso de ações de prevenção voltadas para a criação e potencialização de competências emocionais, sociais e cognitivas, em detrimento das fragilidades humanas. Ademais, vale salientar que a Psicologia Positiva não nega o adoecimento e os aspectos negativos associados, tampouco rejeita as demais áreas de estudo dentro da Psicologia (Seligman, 2019).

À luz de uma perspectiva positiva, houve um redirecionamento na área da saúde mental, na medida em que pesquisadores e profissionais voltaram os seus esforços para ações de prevenção e promoção em saúde. Nesse contexto, melhores níveis de saúde mental passaram a ser relacionados a maiores índices de bem-estar psicológico, emocional, social e menor adoecimento (Strauss, 2007). Estudos nesta área, especialmente quanto ao Desenvolvimento Positivo dos Jovens (DPJ), destacaram-se por valorizar e potencializar as forças e virtudes, de modo a negar a existência apenas de dificuldades e adoecimento, mas enfatizar a presença de aspectos positivos que podem caracterizar-se como fatores de proteção e bem-estar (Damon, 2004).

Com o advento da Psicologia Positiva, houve uma ênfase no redirecionamento dos olhares para a maneira como as características individuais podem influenciar o uso de estratégias de coping mais adaptativas em saúde (Seligman, 2019). A Psicologia Positiva também contribuiu substancialmente para os estudos na adolescência como um todo, uma vez

que tem auxiliado profissionais clínicos e pesquisadores a focarem sua atenção em aspectos positivos e protetivos da saúde mental dos adolescentes (Brandseth et al., 2019).

Para além da influência positiva relacionada à adolescência, são evidentes ainda os efeitos de características individuais, como o otimismo, frente à saúde de adolescentes. Para a população geral, observa-se uma correlação negativa entre menores níveis de otimismo, saúde, estratégias adaptativas frente aos problemas, e motivação para execução de tarefas e concretização de metas (Carver & Scheier, 2014, 2019). No que tange ao público adolescente, quando em níveis mais elevados, esses construtos podem ser fatores de proteção, de modo a reduzir a vulnerabilidade dos adolescentes frente ao adoecimento mental (Santos et al., 2019). Tais dados reiteram a importância de investir na prevenção e promoção da saúde mental de adolescentes, a partir da potencialização de fatores de proteção que diminuam as vulnerabilidades desse público ao adoecimento mental e favoreçam o aumento do seu nível de bem-estar subjetivo (Luz et al., 2018). Dentre os construtos enfocados, o presente estudo se focou no otimismo.

Otimismo

O otimismo é um traço de personalidade que se mantém relativamente estável ao longo do desenvolvimento (Carver & Scheier, 2014), sendo capaz de prever o comportamento das pessoas quanto às expectativas futuras (Carver & Scheier, 2014, 2019). O otimismo corresponde às expectativas generalizadas de resultados futuros positivos (Seegerstrom et al., 2017), de modo que pessoas mais otimistas costumam esperar que mais coisas boas lhe aconteçam. Já os pessimistas tendem a esperar mais resultados negativos para o seu futuro (Carver & Scheier, 2019).

Otimistas e pessimistas diferenciam-se também quanto ao modo como interpretam as adversidades e acontecimentos. Assim, acredita-se que a maneira como otimistas e pessimistas

interpretam o seu futuro pode, em certa medida, exercer importante impacto na saúde física e mental, no modo como lidam com os problemas e na motivação para a concretização de metas (Carver & Scheier, 2014, 2019).

Geralmente otimistas tendem a apresentar mais comportamentos saudáveis e estratégias de coping associadas a um maior ajustamento psicológico (Carver & Scheier, 2014) abordando as adversidades ao invés de evitá-las. Usualmente também apresentam maior autoestima, melhor desempenho escolar, menores índices de depressão, melhor funcionamento do sistema imunológico, sentem-se mais saudáveis, apresentando maior qualidade de vida e motivação (Giacomoni et al., 2018). Logo, pressupõe-se que o otimismo atuaria como um fator de proteção e promoção de saúde (Scheier & Carver, 2018), enquanto mecanismo potencial que auxiliaria na redução do sofrimento psicológico dado o foco nas informações positivas (Kelberer et al., 2018).

Os pessimistas, quando comparados aos otimistas, apresentam mais comportamentos de risco à saúde, como por exemplo, uso de álcool e outras drogas e estratégias de coping menos adaptativas, como esquiva e negação frente às adversidades, assim como, menor persistência diante dos desafios e metas (Carver & Scheier, 2002; Forgeard & Seligman, 2012). Também tendem a apresentar maiores níveis de depressão, maiores conflitos interpessoais e piores prognósticos médicos (Giacomoni et al., 2018). Observa-se, entre os pessimistas, maior tendência para o uso de estratégias de coping menos adaptativas (fuga e negação diante de problemas), menor senso de confiança na capacidade de enfrentar desafios e alcançar suas metas (Carver & Scheier, 2002; 2019).

Em geral, supõe-se que os otimistas experimentam menos distresse quando comparados aos pessimistas. Tal fato justificar-se-ia pela forma como o otimismo influencia a confiança em relação ao sucesso em resultados futuros (Carver et al., 2010). Para Carver e Scheier (2002) pessoas que confiam no êxito de resultados futuros continuam esforçando-se para alcançar as

suas metas, mesmo quando diante de grandes desafios. Já as pessoas menos confiantes em relação ao futuro, tendem a ser atraídas por distrações temporárias e até mesmo, deixar de despender esforços para conquistar os seus objetivos (Scheier & Carver, 2018).

Os efeitos do otimismo estendem-se também para a adolescência. Pressupõe-se que os adolescentes mais otimistas tendem a experienciar relacionamentos familiares e interpessoais mais adaptativos (Kwok & Gu, 2017; Moreira & Telzer, 2015; Zhang et al., 2011). Do mesmo modo, adolescentes com maior nível de otimismo tendem a fazer menor uso de álcool, praticar mais exercícios físicos, apresentar hábitos alimentares mais saudáveis, e, assim, apresentar resultados positivos e comportamentos adaptativos em relação à saúde (Carvajal, 2012; Quiceno & Vinaccia, 2014). Estima-se que o otimismo possa atuar como um fator de proteção em saúde mental na adolescência (Bravo-Andrade et al., 2020), ao passo que tal construto se relaciona negativamente aos sintomas de depressão (Kwok & Gu, 2017), e pode influenciar o modo como os adolescentes lidam com adversidades (Boden et al., 2016; Patton et al., 2011).

Em geral, acredita-se que os níveis de otimismo sejam majoritariamente influenciados por fatores ambientais (Schwaba et al., 2019; Thomson et al., 2015). Destaca-se o impacto dos estilos parentais para o desenvolvimento das diferenças quanto aos níveis de otimismo de crianças e adolescentes. Nesse sentido, pressupõe-se que pais mais otimistas tendem a ter estilos parentais mais adaptativos do que os mais pessimistas, e, conseqüentemente tendem também a estimular as competências sociais das crianças (Castro-Schilo et al., 2013). Além disso, a relação com professores, colegas e a escola representa, também, um importante vetor de proteção e promoção de bem-estar, principalmente entre os adolescentes que apresentam sintomas de adoecimento mental (Renaud et al., 2019). Considerando a relevância do otimismo, teorias foram desenvolvidas para explicar o construto, acompanhadas de diferentes formas de avaliá-lo. Uma retomada desses tópicos será feita a seguir.

Teorias e medidas para avaliar o Otimismo

Neste tópico serão descritos três tipos de otimismo: (1) otimismo disposicional, (2) otimismo explicativo ou atribucional e (3) otimismo irrealista. A seguir, serão elencados os fundamentos de cada teoria, bem como os principais instrumentos disponíveis e suas qualidades psicométricas.

Otimismo disposicional

A definição de otimismo disposicional entende o otimismo como um traço de personalidade que se mantém relativamente estável ao longo do desenvolvimento (Jefferson et al., 2017). Otimistas tenderiam a agir com confiança e persistência diante de adversidades, ao passo que os pessimistas provavelmente evitariam esse tipo de situação. Com base no modelo “expectativa-valor”, o qual fundamenta o conceito de otimismo disposicional, compreende que todos os comportamentos seriam organizados em prol de objetivos (Carver & Scheier, 2002).

Um ponto fundamental no modelo “expectativa-valor” se refere ao senso de confiança ou dúvida que as pessoas apresentam no que concerne ao alcance das metas desejadas. Acredita-se que, quando as pessoas têm dúvidas sobre a sua capacidade de conseguir concretizar seus objetivos, elas tendem a desistir mais facilmente, ou mesmo paralisarem-se e nem iniciarem os comportamentos em prol dos resultados (Carver & Scheier, 2002). À luz do modelo de “expectativa-valor”, otimistas e pessimistas diferenciam-se substancialmente, visto que os otimistas continuam despendendo esforços para alcançar o que desejam. Já os pessimistas, costumam ter dificuldades para iniciar e dar continuidade a busca de suas metas, devido a sua reduzida confiança na sua capacidade de alcançá-las (Carver & Scheier, 2019).

Como principal medida de avaliação do otimismo disposicional, destaca-se o *Life Orientation Test* (LOT), desenvolvido por Scheier e Carver (1985). A versão inicial desse instrumento foi composta por 12 itens que versavam sobre expectativas positivas (otimismo) e

negativas (pessimismo) quanto a resultados futuros. À rigor, o LOT apresentava uma estrutura unidimensional, de modo que o otimismo e o pessimismo seriam construtos opostos que fariam parte de um mesmo *continuum*.

O LOT foi revisado e nomeado como *Life Orientation Test – Revised* (LOT-R) (Scheier et al., 1994). Foram excluídos dois itens que apresentavam similaridades com outros construtos afins (por exemplo, a autoestima). O LOT-R é composto por dez itens, três referentes às expectativas positivas, três às expectativas negativas, e quatro itens neutros (itens de distração que não são computados no escore final da escala). As opções de resposta do LOT-R estão dispostas em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, variando de “discordo plenamente” até “concordo plenamente”. Destaca-se que o LOT-R é o instrumento mais usado nacionalmente e internacionalmente para medir o otimismo, visto que a maior parte das pesquisas na área fundamentam-se na teoria do otimismo disposicional (Santos-Vitti & Nakano, 2021).

O primeiro estudo psicométrico nacional com o LOT-R, realizado no ano de 2002, adaptou e validou a sua versão canadense-francesa para o português brasileiro (Bandeira et al., 2002). A partir de uma amostra de universitários, observou-se que níveis maiores de otimismo se correlacionaram negativamente com a presença de sintomas depressivos. Por meio de Análise Fatorial Exploratória, constatou-se uma estrutura unidimensional do LOT-R, composta por seis itens. A confiabilidade foi avaliada por meio do teste-reteste (realizado 30 dias após a primeira aplicação) e alfa de *Cronbach* ($\alpha = 0,68$) – considerado satisfatório. Quanto ao teste-reteste, identificou-se uma correlação positiva ($r = 0,61$; $p < 0,001$) sugerindo a estabilidade temporal da medida.

O segundo estudo, publicado em 2014, adaptou e validou para o português brasileiro a versão original da LOT (Bastianello et al., 2014). Com base em uma amostra de 844 universitários do Rio Grande do Sul, os resultados revelaram uma estrutura unifatorial, corroborando com os achados do estudo com a versão original da escala. A confiabilidade foi

aferida por meio do alfa de *Cronbach*, o qual resultou em um valor de $\alpha = 0,80$, considerado satisfatório. Não foram observadas diferenças significativas quanto ao otimismo em função da variável gênero. Os níveis maiores de otimismo se correlacionaram positivamente com a autoestima, traços de personalidade de extroversão e agradabilidade, e negativamente com traços de personalidade de neuroticismo.

O terceiro estudo objetivou avaliar a estrutura fatorial do LOT-R (Scheier et al., 1994), a partir de uma amostra de 183 estudantes brasileiros do ensino fundamental e médio, com idades entre 13 e 19 anos. Os resultados apontaram que o modelo bifatorial (otimismo e pessimismo) foi o mais adequado, indo de encontro ao modelo unidimensional costumeiramente visto na literatura (Ottati & Noronha, 2017). A revisão dos estudos desenvolvidos no Brasil demonstrou que diferentes versões e amostras foram utilizadas, de modo que os resultados não se mostraram consensuais em relação ao número de itens e ao número de dimensões.

A LOT-R foi utilizada como base para o desenvolvimento de outra medida internacional voltada à avaliação dos níveis de otimismo de crianças e adolescentes, intitulada *Youth Life Orientation Test – YLOT* (Ey et al., 2005). O instrumento é composto por 12 itens dispostos em dois fatores, seis referentes ao fator otimismo e seis ao fator pessimismo. As respostas são dispostas em uma escala do tipo *Likert* de quatro pontos. São gerados três escores: (a) pontuações referentes aos níveis de otimismo, (b) pessimismo, e (c) pontuação total de otimismo. Pontuações mais altas sugerem níveis mais elevados dos construtos, por exemplo: escores mais altos de otimismo indicam níveis mais elevados do otimismo enquanto construto.

A escala apresentou índices de precisão satisfatórios, mensurados por meio da consistência interna ($\alpha = 0,79$ para otimismo e $\alpha = 0,78$ para pessimismo) e do teste-reteste, realizado um mês e sete meses após a aplicação inicial. Além disso, o fator otimismo e o fator geral de otimismo correlacionaram-se positivamente com as variáveis esperança e autoeficácia,

e negativamente com sintomas depressivos e problemas de comportamento. Já o pessimismo se relacionou positivamente aos maiores níveis de ansiedade e problemas acadêmicos e problemas relacionados à socialização (Ey et al., 2005).

Em 2018 foi publicado um estudo o qual avaliou as propriedades do YLOT em relação a uma amostra de crianças espanholas, com idades entre oito e 11 anos. Os resultados demonstraram a presença de estrutura fatorial composta por dois fatores (otimismo e pessimismo) e índices de consistência interna adequados ($\alpha = 0,79$ otimismo; $\alpha = 0,77$ pessimismo) (Gonzálvez et al., 2018). O estudo de Oliveira et al. (2022) adaptou e avaliou as propriedades psicométricas da YLOT em uma amostra de crianças e adolescentes brasileiros (5 a 16 anos). Foram encontrados dois fatores independentes (otimismo e pessimismo), consistência interna satisfatória ($\omega = 0,85$ para otimismo; $\omega = 0,86$ para pessimismo). Além disso, constatou-se que o otimismo se correlacionou positivamente com maiores níveis de bem-estar subjetivo (satisfação com a vida e afetos positivos).

Ainda tomando-se a teoria do otimismo disposicional, pesquisadores brasileiros desenvolveram uma medida para crianças, chamada de Tarefas Predictoras de Otimismo em Crianças – TAPOC (Bandeira et al., 2015). A TAPOC é composta por 12 itens, os quais correspondem às histórias representadas em desenhos coloridos dispostos em cartões. Para cada um dos itens, são disponibilizados três cartões com desenhos. O primeiro cartão, apresenta a cena inicial da história. Os outros dois cartões mostram dois possíveis desfechos, um otimista e outro pessimista. Além dos cartões, utiliza-se uma escala de respostas do tipo *Likert* de cinco pontos, os quais vão de 1 (pode acontecer) até 5 pontos (certamente vai acontecer). As crianças têm que responder o quanto concordam ou discordam com os dois desfechos dispostos para cada história. As escolhas otimistas geram pontuações positivas (1 a 5), já as pessimistas geram pontuações negativas (-1 a -5). Desse modo, os escores totais variam de -5 a 5 pontos, sendo

que pontuações mais altas se referem a resultados mais otimistas, e as mais baixas a resultados pessimistas. A confiabilidade, aferida por meio do alfa de *Cronbach*, foi de $\alpha = 0,79$.

A TAPOC foi adaptada para o uso informatizado, sendo chamada de Tarefas Preditoras de Otimismo em Crianças informatizada (TAPOC-i) (Oliveira et al., 2019). A partir de amostras de crianças do Rio Grande do Sul e Piauí, observou-se que a TAPOC-i apresentou estrutura unidimensional, igual a sua versão impressa. Houve diferença em relação ao gênero das crianças, sendo que as meninas pontuaram mais alto do que os meninos. Todavia, essa diferença foi identificada somente na versão informatizada do teste. Nesse sentido, sugeriu-se que esse resultado pode estar relacionado ao fato de que a amostra foi composta por crianças de dois Estados brasileiros pertencentes à duas regiões brasileiras distintas (Regiões Sul e Sudeste). Constatou-se valores de correlação significativos, embora de baixa magnitude, entre a TAPOC-i, o *Youth Life Orientation Test* (YLOT) e a Escala de Afetos Positivos e Negativos. A TAPOC-i apresentou consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,86$), superior à versão impressa ($\alpha = 0,79$).

Otimismo explicativo ou atribucional

O segundo tipo de otimismo é chamado de otimismo explicativo. Com base nesta teoria, pressupõe-se que pessoas otimistas e pessimistas diferenciam-se na forma como explicam e compreendem as causas para os eventos positivos e negativos (Giacomoni et al., 2018). Tais causas se baseariam em três dimensões: (a) personalização (causa interna ou externa), (b) permanência (estável ou instável), e (c) difusão (global ou específica) (Popov et al., 2020). A depender de como essas elas se organizam, o indivíduo pode ter um estilo mais otimista ou mais pessimista (Deng et al., 2016).

A rigor, a diferença básica entre as pessoas otimistas e pessimistas, reside no modo como elas explicam e interpretam os acontecimentos de suas vidas. Especificamente, os mais otimistas tendem a atribuir causas estáveis, globais e internas aos eventos positivos, e

explicações instáveis, específicas e externas para os eventos negativos. Já os pessimistas, atribuem, para os eventos aversivos, causas estáveis ou permanentes, globais e internas (Peterson & Steen, 2002). Em geral, quando as pessoas classificam as causas de eventos aversivos passados como estáveis, globais e internas, elas tendem a esperar mais falhas para o seu futuro, uma vez que elas compreendem que as causas que originaram esses eventos provavelmente se repetirão em outras situações (Liu & Bates, 2014).

O instrumento mais usado para medir o otimismo explicativo ou atribucional é o *Attributional Style Questionnaire* - ASQ (Peterson et al., 1982). O ASQ corresponde a uma medida de autorrelato, formada por seis itens que versam sobre eventos positivos e seis sobre eventos negativos. Além disso, metade dos itens estão relacionados aos eventos interpessoais - por exemplo: (item 4: “Um amigo vem até você com um problema e você não tenta ajudá-lo”, e item 12: “Você ganhou um aumento”) e, a outra metade, à realização (item 2: “Você tem procurado um emprego sem sucesso há algum tempo” e item 3: “Você se torna muito rico”). Os respondentes devem atribuir a principal causa dos eventos bons e ruins listados. Após atribuir as causas, o respondente deve avaliar cada uma dessas causas, de zero a sete, de acordo com sua (a) internabilidade/externabilidade, (b) estabilidade/instabilidade, (c) globabilidade/especificidade (Peterson et al., 1982). Por último, os escores dos eventos positivos e negativos são analisados em conjunto, tendo como parâmetro as três causas - estabilidade, internabilidade e globabilidade.

Outro modo de avaliar o estilo explicativo envolve a utilização da técnica intitulada *Content Analysis of Verbatim Explanations* (Peterson et al., 1992). Nela, os respondentes têm de atribuir explicações causais aos eventos bons e ruins, as quais podem ser escritas ou faladas. Com base na análise de conteúdo das respostas obtidas é possível identificar o estilo explicativo dos respondentes. As explicações para eventos ruins devem ser analisadas por um grupo de juízes, tendo como parâmetro as escalas do ASQ (Bastianello & Hutz, 2015). Nacionalmente

não foram encontrados estudos que utilizaram o ASQ (Santos, 2018), tampouco pesquisas que usaram a técnica CAVE.

Existe uma versão espanhola do ASQ adaptada para adolescentes, chamada de *Attributional Style Questionnaire for Adolescents* - ASQ-A (Rodríguez-Naranjo & Caño, 2010). Ela é composta por três dimensões: (a) internabilidade, (b) estabilidade e (c) globalidade, avaliadas em 54 itens. Estudos confirmaram a tridimensionalidade da escala, bem como a confiabilidade do instrumento geral ($\alpha = 0,84$) e para cada dimensão: estabilidade ($\alpha = 0,87$), globalidade ($\alpha = 0,80$) e internabilidade ($\alpha = 0,68$). Sobre evidências de validade baseadas na relação com variáveis externas, constatou-se que as escalas de estabilidade e globalidade correlacionaram-se positivamente com sintomas depressivos e afetos negativos, de modo que a ASQ-A apresentou resultados satisfatórios quanto às evidências de validade em amostras de adolescentes. Não foram identificados estudos que utilizaram essa medida para avaliar o otimismo em adolescentes brasileiros.

Constatou-se a existência de uma versão do ASQ adaptada para o público infantil, chamada de *Children's Attributional Style Questionnaire* – CASQ (Seligman et al., 1984). O CASQ, assim como o ASQ, apresenta três dimensões (internabilidade, globalidade e estabilidade). Ela é composta por 48 itens, sendo 16 para cada uma das três dimensões. O instrumento é adequado para crianças de oito a treze anos de idade. Cada item descreve um evento hipotético bom ou ruim, com duas possíveis causas para a ocorrência desses fatos. Solicita-se que as crianças escolham a causa que melhor explicaria o evento em questão. Atribui-se um ponto para cada resposta interna, estável ou global, e zero para cada causa externa, instável e/ou específica. Ao final, soma-se as pontuações referentes aos três tipos de dimensões causais, separadamente para eventos bons e ruins. Os resultados obtidos no estudo no qual avaliou-se as propriedades psicométricas do CASQ a partir de uma amostra de 96 crianças, de oito a 13 anos de idade, demonstraram que as crianças que atribuíram aos eventos

negativos, causas internas, estáveis e globais, apresentaram mais sintomas depressivos, em comparação às que atribuíram a esses eventos causas externas, instáveis e específicas. Além disso, os escores obtidos por meio do CASQ demonstraram a estabilidade do construto ao longo de um intervalo de seis meses (Seligman et al., 1984).

Ao revisar a literatura, um estudo de adaptação dessa medida para a população brasileira foi encontrado (Weber et al., 2003). A partir de uma amostra de estudantes com idade de nove a doze anos, observou-se que o CASQ não apresentou valor de consistência interna satisfatório. Além disso, constatou-se que as dimensões do CASQ não se agruparam de forma coerente com a estrutura proposta. Por último, observou-se relação entre os resultados do CASQ e os estilos parentais dos pais que participaram desse estudo. Maiores médias de eventos bons se correlacionaram aos pais com estilo autoritativo, assim como menores médias se associaram ao estilo parental negligente.

Otimismo irrealista

Além do otimismo disposicional e explicativo, existe também o otimismo irrealista. Ele diz respeito às crenças irrealistas sobre resultados positivos futuros (Avvenuti et al., 2016). As pessoas que apresentam mais crenças otimistas irrealistas tendem a acreditar que terão mais resultados positivos do que a média da população exposta às mesmas condições. Desse modo, crenças otimistas irrealistas podem fomentar ideias de que o futuro pode ser mais positivo do que ele efetivamente pode ser (Jefferson et al., 2017).

Sabemos que as expectativas sobre o futuro têm uma influência significativa no comportamento das pessoas. Os otimistas irrealistas fazem previsões sobre o futuro acreditando que é menos provável que vivenciem eventos negativos quando comparados aos seus pares (McKenna, 1993; Weinstein, 1980). Ao mesmo tempo, essas pessoas acreditam serem mais

propensas do que as outras a vivenciar eventos mais positivos, como conseguir um emprego bom e bem remunerado (McKenna, 1993; Weinstein, 1980).

Ao relacionar-se à saúde, crenças otimistas irrealistas estão associadas a pensamentos irrealistas sobre imunidade a doenças e desastres e até mesmo ao melhor desempenho em contextos específicos, como o escolar. Logo, o otimismo irrealista representa um senso de confiança exacerbado em vantagens a nível individual e grupal que pode atuar de maneira adaptativa ou desadaptativa, à medida em que pode proteger ou expor as pessoas frente ao estresse e sintomas de ansiedade e depressão, por exemplo (Avvenuti et al., 2016; Jefferson et al., 2017).

A saber, o otimismo irrealista se subdivide em dois tipos: absoluto e comparativo. O otimismo absoluto diz respeito às crenças de resultados positivos mais favoráveis do que a perspectivas reais. Ele pode se manifestar tanto a nível individual quanto grupal. Nos grupos, observa-se que tais indivíduos tendem a apresentar crenças de resultados positivos futuros, menor do que a média padrão. Por sua vez, o otimismo comparativo irrealista se refere à crença de que os resultados individuais ou grupais, serão mais favoráveis do que a média das outras pessoas ou grupos de pessoas expostos aos mesmos riscos (Shepperd et al., 2013; Shepperd et al., 2017).

Especificamente em relação ao otimismo comparativo ao nível grupal, acredita-se ser mais difícil medir esse tipo de otimismo. Isto posto, sugere-se que o otimismo irreal comparativo pode ser menos frequente do que se estima na prática. Primeiro porque os exemplos usados, em geral, para representar esse tipo de otimismo tendem a ser raros e desfavoráveis (ser atacado por um tubarão), bem como comuns e favoráveis (ganhar na loteria). Uma segunda explicação se deve ao fato de que são usadas amostras pequenas, que não representam o todo. Por último, uma possível limitação corresponde aos meios usados para identificar esse tipo de otimismo, os quais, em geral, tendem a ter um alcance limitado.

Contudo, isso não quer dizer que o otimismo comparativo irreal não gere consequências, mas que não controlarmos os problemas de medição em potencial (Harris & Hahn, 2011; Shepperd et al., 2017).

As pessoas que apresentam crenças otimistas irrealistas tendem a fazer julgamentos que subestimam o perigo ou a exposição a risco, a nível absoluto ou em comparação a outras pessoas. Sendo assim, essas crenças distorcidas sobre o futuro podem ser vantajosas? A resposta é sim, visto que se acredita que tais crenças podem proporcionar maior nível de bem-estar, estratégias de coping mais saudáveis, assim como maior nível de saúde psicológica (Jefferson et al., 2017). Ademais, o otimismo irrealista pode também prever maior esperança, maior ânimo, maior persistência frente aos objetivos traçados, resultados positivos em saúde física e saúde mental (Shepperd et al., 2017).

De fato, é compreensível imaginar que somente as crenças verdadeiras poderão estar associadas ao sucesso e bem-estar. Todavia, ao levar-se em consideração a própria história evolutiva humana, pressupõe-se que “falsas crenças” tiveram papel importante de modo a transmitir certas vantagens. A partir da teoria de gerenciamento de erros, nas situações de dúvida, os organismos buscam evoluir a fim de favorecer os erros de menor custo evolutivo. Por fim, não foram identificadas, na literatura, medidas específicas para avaliar o otimismo irrealista na população.

Avaliação do otimismo: instrumentos e revisão de pesquisas¹

Atualmente existem diferentes formas de avaliar os traços de otimismo, principalmente no que tange à origem, foco e características desse construto (Carver & Scheier, 2019). Com objetivo de identificar os instrumentos disponíveis para avaliação do otimismo em amostras brasileiras e conhecer os estudos psicométricos que foram desenvolvidos com cada um, foi realizada uma revisão sistemática nas bases de dados Index Psi, PePSIC, SciELO, Banco de teses e dissertações da Capes e *PsycINFO*. Para as bases de dados Index Psi, PePSIC e SciELO, utilizaram-se os operadores *booleanos*: “(otimismo – no título)” AND “(escala OR instrumento OR teste OR medida OR questionário – em todos os campos)”. Para a base de dados *PsycINFO* foram usados os mesmos termos traduzidos para o inglês, com a adição de um descritor, a fim de selecionar somente pesquisas que usaram amostras brasileiras: “(*optimism* – no título)” AND “(*scale* OR *instrument* OR *test* OR *measure* OR *questionnaire* – em todos os campos)” AND “(*Brazil* OR *Brazilian* OR *Portuguese* – em todos os campos)”. Por fim, para o banco de teses e dissertações da Capes utilizou-se apenas o descritor “otimismo” e o filtro “área de avaliação em Psicologia”.

Para abranger o maior número de estudos possível, não houve restrição quanto à data de publicação das pesquisas. O primeiro critério de inclusão para os estudos foi a seleção de pesquisas que apresentaram como foco medidas de avaliação de otimismo. Para tal, foram analisados os títulos e resumos dos documentos. Posteriormente, excluíram-se todas as pesquisas duplicadas. Após essa etapa, os documentos foram avaliados a partir de três critérios de exclusão: (a) pesquisas as quais não foi possível acessar o texto completo, (b) revisões

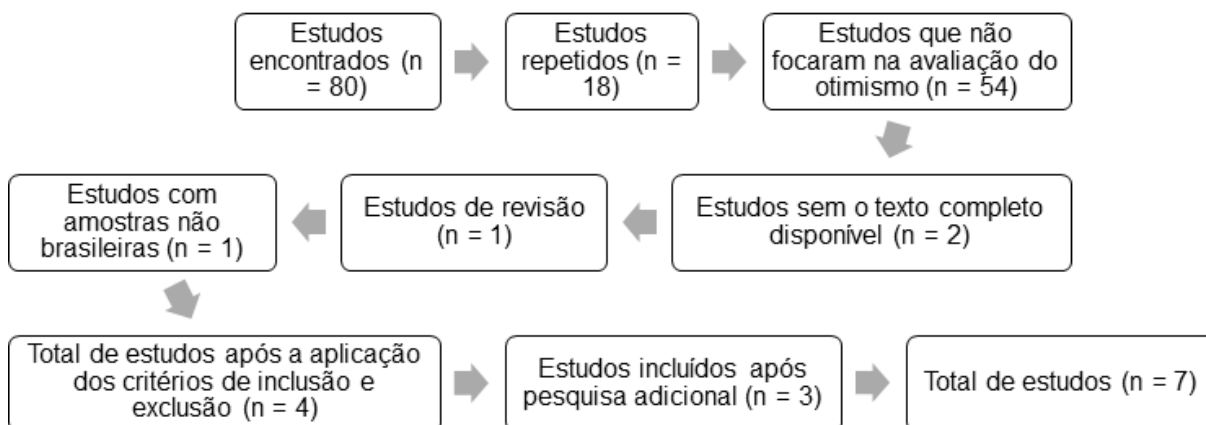
¹ O presente estudo encontra-se publicado: Santos-Vitti, L., & Nakano, T. C. (2021). Avaliação do otimismo: revisão dos instrumentos disponíveis no Brasil. *Revista de Psicologia da IMED*, 13(1), 230-245. <http://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.3983>.

bibliográficas, (c) pesquisas que não usaram amostras brasileiras, (d) pesquisas cujo foco centrava-se na avaliação de outros construtos.

Todos os procedimentos descritos anteriormente foram realizados entre os meses de março de 2019 e avaliados por dois juízes da área da Psicologia. Inicialmente foram encontrados 80 estudos (Index Psi: 7; PePSIC: 5; SciELO: 6; PsycINFO: 18; Banco de Teses e Dissertações da CAPES: 44). Após a aplicação dos critérios de exclusão, foram selecionados quatro estudos para serem analisados. Posteriormente, uma busca adicional, a qual resultou no acréscimo de três estudos a amostra em questão foi conduzida. Desse modo, ao todo, foram analisados sete estudos empíricos (publicados de 2002 a 2018) (Figura 1).

Figura 1

Fluxograma de Seleção de Estudos a Partir dos Critérios de Inclusão e Exclusão



Dentre os artigos, foram identificados cinco diferentes instrumentos (Teste de Orientação da Vida, *Life Orientation Test Revised*, Tarefas Predictoras de Otimismo em Crianças, Escala de Otimismo para Adultos e Questionário de Estilo de Atribuição Comportamental de Crianças). Os instrumentos foram analisados por meio de três eixos: caracterização dos instrumentos, estrutura fatorial e busca por evidências de validade e precisão

das medidas. Na primeira categoria foram analisados: (a) nome do instrumento e autores, (b) se a medida foi desenvolvida ou adaptada para o contexto nacional, e (c) faixa etária e contexto em que foi utilizado o instrumento. Na segunda categoria os instrumentos foram descritos (a) em termos de número de itens e formato de resposta, (b) dimensionalidade, e (c) tipo de análise realizada. Na terceira categoria foram avaliadas (a) evidências de validade e precisão.

É importante ressaltar que os resultados indicaram a presença de dois instrumentos internacionais (LOT-R e CASQ) e três desenvolvidos no Brasil (TAPOC, Escala de Otimismo e Escala de Otimismo para Adultos). A opção pela construção ou adaptação se baseia em uma série de decisões tomadas pelo pesquisador sendo que, independentemente dessa característica (ser um instrumento adaptado ou construído), as exigências em relação a sua adequação ao contexto brasileiro são as mesmas.

Entre os motivos que levam um pesquisador a optar pela construção de um novo instrumento, uma série de razões distintas vêm sendo destacadas, as quais podem envolver: (a) ausência de um instrumento adequado ao contexto e/ou objetivos da mensuração, (b) falta de instrumentos que apresentem propriedades psicométricas adequadas, (c) maior autonomia, assim como (d) inexistência de instrumentos de livre acesso (com menores custos para o pesquisador, relacionados aos direitos autorais e compra de material de teste para pesquisa) (Borsa & Seize, 2017). Caso a opção escolhida seja a construção, as autoras ressaltam que, como forma de garantir que, de fato não há nenhum instrumento com o mesmo propósito, a revisão sistemática da literatura deve ter sido conduzida pelo pesquisador.

Se, por outro lado, nesse processo de revisão, forem encontrados instrumentos de qualidade e que atendam aos objetivos da pesquisa e o público-alvo de interesse do pesquisador, a escolha pela adaptação pode ser feita. Nesse processo, algumas vantagens são apresentadas: possibilidade de fazer comparações entre diferentes amostras, provenientes de diferentes contextos; processo mais simples e rápido pois envolve menos etapas (Borsa & Seize, 2017).

Contudo, quando a adaptação é selecionada, as autoras destacam a necessidade de que sejam investigadas as qualidades psicométricas dos instrumentos originais.

A primeira categoria de análise das medidas teve, como objetivo, apresentar as principais características dos instrumentos disponíveis para medir o otimismo no contexto nacional. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Características dos Instrumentos

Nome / Autor	Faixa etária	Contexto
TOV-R (Bandeira et al., 2002)	Adultos	Universitários
LOT-R (Bastianello et al., 2014)	Adultos	Universitários
LOT-R (Ottati & Noronha, 2017)	Adolescentes	Fundamental e Médio
Tarefas Predictoras de Otimismo em Crianças (Bandeira et al., 2015)	Crianças	Estudantes
Escala de otimismo para adultos (Santos & Wechsler, 2020)	Adultos	Universitários
Escala de otimismo para adultos (Coelho et al., 2018)	Adultos	-
Questionário de Estilo de Atribuição Comportamental de Crianças (CASQ) (Weber et al., 2003)	Crianças	Fundamental

Em seguida, realizou-se o levantamento acerca das qualidades psicométricas dos instrumentos. Considerando especificamente as evidências de validade, foi possível verificar que, quatro dos sete estudos analisados (Bandeira et al., 2002; Bandeira et al., 2015; Santos & Wechsler, 2020; Weber et al., 2003), investigaram as evidências de validade de conteúdo dos instrumentos de otimismo em questão. Essa fonte busca verificar quão as amostras de

comportamentos selecionadas (por meio dos itens) avaliam a variável psicológica ou construto que pretende avaliar (Ambiel & Carvalho, 2017b), devendo, ainda segundo os autores, ocorrer logo no início do processo de construção ou adaptação de um instrumento.

A opção por esse tipo de evidência geralmente se justifica, nos casos analisados, pelo fato de que os artigos consistiam em pesquisas de relato de desenvolvimento de novas medidas ($n = 2$) ou do processo de adaptação de instrumentos internacionais para o contexto brasileiro ($n = 2$). Em ambos os casos, usualmente o início do processo se dá com base nesse tipo de fonte, uma vez que não se recomenda que a busca por outros tipos de evidências de validade seja iniciada sem antes assegurar que o instrumento apresente as evidências de validade baseadas no conteúdo (Borsa & Seize, 2017).

Posteriormente, foram buscadas informações acerca das evidências de validade baseadas na estrutura interna dos instrumentos. Todos os sete estudos apresentaram resultados acerca desse tipo de evidência de validade. Embora haja outras formas de verificar esse tipo de evidência de validade, mais comumente a análise fatorial é a mais utilizada (Ambiel & Carvalho, 2017a).

A validade baseada na estrutura interna do instrumento, permite identificar como se dá o agrupamento dos itens em componentes maiores (Ambiel & Carvalho, 2017b), identificando como o traço latente avaliado se organiza em termos de dimensionalidade. A partir dessa evidência de validade, é possível também confirmar a capacidade de os escores do teste de serem interpretados à luz de um modelo teórico. A análise dos resultados referentes à estrutura interna dos instrumentos é apresentada na Tabela 2, a qual informa o formato, a dimensionalidade e tipo de análise utilizada para a investigação de sua estrutura fatorial. É importante ressaltar que um dos instrumentos (LOR-R) apresentou mais de um estudo com esse objetivo.

Tabela 2*Estrutura Fatorial dos Instrumentos*

Nome	Formato	Dimensões	Tipo de análise
TOV	6 itens (Likert de 5 pontos)	Um fator	Análise fatorial exploratória
LOT-R	6 itens (Likert de 5 pontos)	Um fator	Análise fatorial exploratória
	6 itens (Likert de 5 pontos)	Dois fatores	Análise fatorial confirmatória
TAPOC	12 itens (Likert de 5 pontos)	Um fator	Análise fatorial exploratória
Escala de Otimismo	9 itens (Likert de 5 pontos)	Um fator	Análise fatorial exploratória e confirmatória
Escala de Otimismo para Adultos	52 itens (Likert de 5 pontos)	Dois fatores	Análise fatorial exploratória
CASQ	48 itens dicotômicos	Dois fatores	<i>Hierarchical Cluster</i>

Os resultados mostraram que quatro estudos analisados apontaram para o construto do otimismo como sendo um construto unidimensional. No entanto, outros três estudos indicaram uma estrutura bidimensional, variando conforme modelo teórico que deu suporte ao tipo de medida envolvida (otimismo x pessimismo; eficácia ou persistência x expectativas; eventos bons x eventos ruins). Diferenças importantes também foram notadas em relação ao número de itens, variando entre 6 e 52, sendo importante destacar que a maior parte das medidas utiliza a escala *Likert* como forma de resposta (usualmente com 5 pontos). Quatro diferentes métodos foram usados para determinar a estrutura fatorial dos instrumentos, sendo predominante o uso da análise fatorial exploratória ($n = 5$).

Analisaram-se as evidências de validade com base em variáveis externas. Este tipo de evidência busca estabelecer relações entre os escores de um teste e outros indicadores externos, os quais podem ser a pontuação em outro teste (chamada de evidências de validade convergente e/ou discriminante) ou medidas de desempenho em tarefas da vida real (evidências de validade de critério) (Ambiel & Carvalho, 2017a). Importante destacar que este tipo específico de evidência de validade deve ser investigado constantemente devido ao fato de serem intrinsecamente relacionadas ao contexto em que foram obtidas (Freitas & Damásio, 2017). Os sete estudos encontrados usaram essa fonte de evidência de validade.

Observou-se a existência de estudos voltados à fonte de evidências de validade convergente com outra medida de otimismo ou construtos afins, a saber: autoestima ($n = 2$), personalidade ($n = 2$), lócus de controle ($n = 1$), depressão ($n = 1$) e estilo parental ($n = 1$). O otimismo também foi investigado em relação à divergência com medidas de depressão e personalidade. Foram encontrados estudos voltados à investigação da influência de variáveis externas, como gênero, região e faixa etária.

Em seguida, a precisão foi analisada. Das cinco medidas, todas apresentaram, ao menos, um estudo voltado a esse critério psicométrico. Mais comumente foi estimada a consistência interna das medidas, por meio do alfa de *Cronbach* (α), sendo os resultados apresentados na Tabela 3. De modo geral, os instrumentos apresentaram valores de precisão considerados satisfatórios, oscilando entre $\alpha = 0,61$ e $\alpha = 0,94$, com exceção do CASQ, o qual apresentou valores abaixo do desejado ($\alpha = 0,60$).

Tabela 3*Valores de Precisão e Métodos Utilizados*

Instrumento	Método	Valor
TOV	alfa de Cronbach	0,68
LOT-R*	alfa de Cronbach	0,80
	Teste e reteste	0,61
TAPOC	alfa de Cronbach	0,79
Escala de Otimismo	alfa de Cronbach,	0,93
	Ômega McDonald	0,85
	Confiabilidade Composta	> 0,50
Escala de Otimismo para Adultos	alfa de Cronbach	Fator 1: 0,94
		Fator 2: 0,92
CASQ	alfa de Cronbach	Fator 1: 0,33
		Fator 2: 0,26

Nota. * Dados referentes ao estudo de Bastianello et al. (2014)

Foram analisadas também a definição do público-alvo e os contextos nos quais os testes psicológicos podem ser utilizados, visto que tais aspectos devem guiar o desenvolvimento ou adaptação de um teste psicológico (Ambiel & Carvalho, 2017b). Especificamente no que tange à faixa etária, foi possível verificar que duas medidas foram desenvolvidas especificamente para crianças e adolescentes e, as demais, para o público adulto. Importante destacar que, em quatro estudos, envolvendo tanto crianças quanto adultos, os participantes eram estudantes, de modo que, em um primeiro momento, os instrumentos parecem terem sido investigados em sua maioria para uso no contexto educacional.

Discussão

Os instrumentos apresentaram evidências favoráveis de validade. Notadamente, todos as medidas apresentaram evidências de validade de conteúdo, com base na estrutura interna e na relação com variáveis externas. Nenhum dos estudos demonstrou evidências de validade baseadas no processo de resposta ou nas consequências da testagem. De acordo com as análises realizadas, somente a TAPOC e o TOV-R, obteriam a classificação “excelente” de acordo com os critérios dispostos na Resolução Conselho Federal de Psicologia (CFP) 31/2022. Segundo tal documento, para alcançar o nível de excelência são necessários estudos voltados à investigação das evidências de validade com base na estrutura interna, quando aplicável, e três ou mais estudos investigando diferentes fontes de evidência de validade, com amostras amplas/diversificadas. Os demais instrumentos atenderiam ao critério de suficiência, no qual se faz necessária a presença de pelo menos um estudo de estrutura interna, quando aplicável, e outro estudo de validade (desde que não seja de conteúdo).

Entre as medidas avaliadas, observou-se a presença de um a três tipos de medidas precisão. Cabe ressaltar que segundo os requisitos da Resolução 31/2022, um teste será considerado excelente se apresentar dois ou mais estudos com indicadores iguais ou superiores a 0,80, sendo aceitável, no mínimo, a apresentação de um estudo com indicador igual ou superior a 0,60. Dessa maneira, todas as cinco medidas, de acordo com a avaliação realizada, atenderam aos critérios estabelecidos pelo CFP, no que tange à precisão dos testes psicológicos. Nenhuma dessas cinco medidas estão disponíveis na lista de testes aprovados pelo SATEPSI, sendo possível acessá-las apenas por meio de estudos publicados em periódicos acadêmicos.

Além da análise psicométrica das cinco medidas avaliadas nesse estudo, é possível também fazer inferências quanto a alguns aspectos teóricos importantes. Conforme apresentado anteriormente, o otimismo disposicional e o otimismo explicativo são os dois modelos teóricos mais utilizados para explicar o construto em questão. Entre as cinco medidas identificadas nessa

revisão, foi possível constatar que três delas (TAPOC, Escala de Otimismo e o LOT-R) foram desenvolvidas com base na teoria do otimismo disposicional. Cabe salientar que tais medidas apresentaram evidências de validade e precisão satisfatórias. Apenas o instrumento CASQ se baseia no modelo de otimismo explicativo/atribucional e não apresentou índices satisfatórios de precisão/confiabilidade.

Em especial, destaca-se a Escala de otimismo para adultos desenvolvida por Santos (2018). Com a finalidade de sanar lacunas apontadas, no que tange às medidas disponíveis, o instrumento foi construído com base em três modelos teóricos. Além de abarcar aspectos relacionados ao otimismo disposicional e explicativo, os itens basearam-se na teoria do otimismo fundado, a qual ampara-se, entre outras coisas, na autoeficácia em relação as metas e resultados desejados. Dessa forma, mostra-se o mais completo dentre os instrumentos encontrados, apesar de não atender ao público de adolescentes, tal como aqui proposto.

Diante das lacunas indicadas, objetivou-se a construção e investigação das qualidades psicométricas de uma medida de avaliação do otimismo em adolescentes. Espera-se que esse instrumento possa ser utilizado para a realização de avaliações psicológicas, de modo que os profissionais possam avaliar esse construto tanto como um indicador positivo de fator de proteção em saúde mental, quanto negativo, nos casos em que os níveis de pessimismo sejam mais prevalentes. Além disso, espera-se também ser possível a avaliação de outras dimensões que estão intimamente associadas às expectativas de resultados positivos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Construir e investigar as qualidades psicométricas de uma Escala de Otimismo para adolescentes com idades entre 14 e 19 anos.

Objetivos Específicos

- Construir o instrumento, tendo como base, o modelo de otimismo disposicional;
- Mensurar evidências de validade baseadas no conteúdo, por meio da verificação da adequação do instrumento frente ao público-alvo em um estudo piloto e da análise de juízes;
- Investigar as evidências de validade com base na estrutura interna e precisão;
- Realizar a análise dos itens.

ESTUDOS DESENVOLVIDOS

Frente ao objetivo geral deste trabalho e considerando-se os objetivos específicos apresentados, cinco estudos foram propostos. Diante da natureza de cada objetivo, informações acerca da metodologia a ser adotada em cada estudo, bem como seus resultados, serão apresentadas de forma separada, organizados da forma a seguir:

- Estudo 1 – Construção do instrumento
- Estudo 2 – Evidências de validade baseadas na análise de conteúdo, a partir da análise do público-alvo
- Estudo 3 - Evidências de validade baseada na análise de conteúdo, a partir da análise de juízes
- Estudo 4 – Evidências de validade baseadas na estrutura interna e precisão
- Estudo 5 – Análise dos itens

Estudo 1 - Construção da Escala de Otimismo para Adolescentes

Frente à ausência de instrumentos de avaliação do otimismo para uso em adolescentes brasileiros (Santos-Vitti & Nakano, 2021), o estudo em questão teve como objetivo desenvolver uma Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A) de 14 aos 19 anos. Sabe-se que durante o processo de construção de uma medida, é imprescindível delimitar o objetivo para qual o instrumento foi desenvolvido, a compreensão acerca do construto e qual será o público-alvo (*American Educational Research Association [AERA]*, 2014). Nesse sentido, a construção de um instrumento psicológico envolve, entre outras etapas, a seleção de uma teoria psicológica que fundamente a construção dessa medida (Fen et al., 2020; Pasquali, 2009), de forma a operacionalizar e objetivar o construto latente (construto investigado) em itens que irão reproduzir comportamentos e o traço latente em questão (Pasquali, 1998, Primi, 2010).

A teoria de Otimismo Disposicional foi selecionada como base para a construção da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A). A partir dela, o otimismo é compreendido como uma característica da personalidade que se mantém relativamente estável ao longo do tempo, que envolve expectativas positivas de futuro (Carver & Scheier, 2019). Ela está alicerçada no modelo de expectativa-valor. À rigor, quanto mais importante for um objetivo, maior é o valor dele para o indivíduo. Além do valor, existe um senso de confiança ou dúvida sobre o alcance dessa meta. Se as pessoas duvidam que possam conseguir alcançar um objetivo, em geral, elas tendem a desistir, mais precocemente, de se esforçar e, até mesmo, acabam nem tentando concretizar esse objetivo. Por outro lado, quando as pessoas que têm um senso maior de confiança sobre conseguir alcançar um objetivo, elas tendem a ser mais persistentes, mesmo diante de dificuldades, pois elas acreditam que vão conseguir obter resultados satisfatórios.

As expectativas positivas estão associadas à maior confiança sobre a possibilidade de alcançar/realizar um objetivo. Nesse sentido, o otimismo disposicional é uma versão generalizada de confiança acerca de resultados futuros, ou seja, caracteriza-se pela confiança de que as coisas vão dar certo, tanto em âmbito geral, quanto em contextos específicos. Isto posto, o que torna o otimismo uma característica positiva, na maior parte dos casos, não é apenas “pensar positivo”, mas sim como essas expectativas estão relacionadas com os comportamentos e a capacidade de autorregulação dos indivíduos. A seguir, serão apresentadas as três dimensões teóricas que embasaram o conteúdo dos itens da versão inicial da Escala de Otimismo para Adolescentes.

Expectativas

Em geral, os otimistas têm expectativas generalizadas mais positivas para seu futuro do que os pessimistas. O otimismo disposicional, teoria do Scheier e Carver (1985) corresponde a um processo cognitivo baseado em objetivos/metapas. As expectativas de resultado positivo fazem com que os indivíduos percebam o mundo de maneira diferente e sejam capazes de mover-se em direção aos seus objetivos. Assim, não diz respeito a apenas pensar em um futuro mais positivo, mas a maneira como essa “concepção de futuro”, orienta as suas ações e adaptação às adversidades (Carver & Scheier, 2014, 2019).

Persistência

O otimismo está relacionado à confiança em resultados positivos futuros. Em geral, os otimistas são mais persistentes frente aos seus objetivos, uma vez que eles acreditam que vão conseguir alcançá-los. Por sua vez, os pessimistas são mais propensos a não persistir diante de seus objetivos e, assim desistir mais facilmente, muitas vezes antes mesmo de tentar. Nesse

sentido, pode-se dizer que os otimistas seriam mais persistentes e, os pessimistas, mais propensos a desistir.

Coping

O otimismo se associa positivamente com estratégias de *coping* (*coping*) mais adaptativas e, inversamente, a estratégias desadaptativas (Nes & Segerstrom 2006). Especificamente, os otimistas demonstram lidar com a vida de maneira mais engajada, esforçando-se para concretizar seus planos e administrar os afetos negativos vivenciados. A esse respeito, os otimistas utilizam estratégias de *coping* focadas na resolução de problemas, na reestruturação cognitiva, no esforço para aceitar situações difíceis que não podem ser modificadas e visualizar as situações da melhor maneira possível (Carver & Scheier, 2017). Por outro lado, os pessimistas, por esperarem que mais coisas ruins aconteçam com eles, tendem a enfrentar as situações de modo mais negativo, muitas vezes evitando e/ou negando os acontecimentos e emoções negativas, até usando estratégias não saudáveis como o uso e abuso de substâncias psicoativas (Carver & Connor-Smith, 2010).

Formato do instrumento

A primeira versão da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A) foi composta por 60 itens, destinados a avaliar o otimismo em adolescentes com idades de 14 a 19 anos. O referido instrumento foi elaborado para representar três dimensões: Expectativa, Persistência e *Coping*, as quais contém vinte itens cada. Os itens foram construídos com base nas definições apresentadas, bem como a análise de outras medidas de otimismo, como a LOT-R. As definições de cada dimensão, bem como exemplos dos itens, são apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4

Dimensões Avaliadas na Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A), Definições e Exemplos de Itens.

Dimensão	Definição
Expectativa	<p>Corresponde ao aspecto cognitivo do otimismo. As expectativas generalizadas de futuro podem ser positivas ou negativas. Estima-se que os otimistas esperem mais resultados positivos para o seu futuro. Por sua vez, os pessimistas tendem a acreditar que acontecerão mais coisas negativas em seu futuro do que positivas (Scheier & Carver, 2018).</p> <p><i>Exemplo: Eu acredito que mais coisas boas vão acontecer na minha vida</i> <i>Eu vou conseguir realizar os meus objetivos</i></p>
Persistência	<p>Corresponde ao aspecto comportamental do otimismo. Os otimistas tendem a ser mais persistentes em busca da realização de metas, esforçando-se mais do que os pessimistas para obter êxito. Esse esforço em agir ou mudar comportamentos em prol da realização de uma meta, está associado diretamente a sensação de dúvida ou confiança quanto às expectativas de resultado positivas. As pessoas mais otimistas tendem a continuar se esforçando em prol do alcance de metas (Forgeard & Seligman, 2012). Os pessimistas por duvidarem se vão conseguir, tendem a desistir mais facilmente frente aos desafios. Em alguns casos, os pessimistas podem até mesmo desistir de tentar por não confiarem que poderão alcançar resultados positivos (Carver & Scheier, 2019).</p> <p><i>Exemplo: Eu me esforço para alcançar as minhas metas de vida</i> <i>Eu mantenho o foco em busca das minhas metas</i></p>

Coping

Corresponde às estratégias usadas para diminuir e/ou prevenir ameaças, perdas e o sofrimento associado. Em geral, otimistas utilizam estratégias com foco no problema e foco na emoção adaptativa (Carver & Scheier, 2014). Eles aceitam as dificuldades com maior facilidade e visualizam formas diferentes de vivenciar o melhor possível, de modo a tentar sempre extrair algo mesmo das situações negativas. Por sua vez, os pessimistas tendem a usar estratégias de negação e evitação, assim como estratégias que diminuem a consciência do problema (por exemplo – beber, evitar o contato social ou mesmo se distanciar), além disso, tendem a se auto culpar mais do que os otimistas (Carver & Scheier, 2002).

Exemplo: *Eu me culpo pelos meus erros*

Eu enfrento os meus problemas

Como forma de resposta para a Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A), optou-se por uma escala de respostas do tipo *Likert* de três pontos (1 a 3). O valor “um” equivale à opção “Quase nunca”, dois pontos equivalem à opção “Às vezes”, três pontos correspondem à opção “Quase sempre”. Assim, as pontuações de cada fator oscilarão entre 20 pontos (mínimo) e 60 pontos (máximo).

De acordo com a literatura, observa-se que originalmente as escalas *Likert* foram desenvolvidas para contemplar cinco opções de resposta. Com o avançar dos estudos, as evidências demonstraram que poderiam ser utilizadas escalas do tipo *Likert*, com mais ou menos pontos, sendo que de três a quatro são suficientes para obter as informações desejadas (Rodriguez, 2005). Estudos demonstraram que não são encontradas diferenças significativas quanto à validade, confiabilidade e discriminação de itens em escalas com menor número de alternativas de resposta (Vegada et al., 2016). Ademais, o uso de três opções de resposta foi realizado, a fim de reduzir o tempo de coleta e, com isso, potencializar o alcance de respondentes (Esmaeeli et al., 2021).

As instruções são fornecidas antes da exposição dos itens que compõem a Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A): “Por favor, leia cada frase com atenção. Para cada uma delas, você deve marcar um X em apenas uma das opções apresentadas, indicando o quanto você concorda com a afirmação”. Não há tempo controlado para resposta. No cabeçalho da escala são coletados dados sociodemográficos para identificação do respondente (tais como idade, gênero, nível de escolaridade, dentre outros).

Almeja-se, idealmente, que os resultados possam ser analisados em relação à pontuação obtida em cada dimensão. Nesse sentido, estudo voltado à investigação das evidências de validade com base na estrutura interna, poderá confirmar a existência empírica dessas dimensões teóricas previstas, bem como definir a possibilidade de uma pontuação total em otimismo.

Durante o desenvolvimento da escala, imaginou-se que, ao final, o avaliador terá acesso a informações sobre a autopercepção do adolescente quanto ao seu futuro, a sua persistência diante de dificuldades e as estratégias usadas para lidar com os desafios. Dessa forma, o pesquisador e/ou psicólogo poderá, associando outras técnicas, realizar uma avaliação psicológica mais ampla e completa sobre o adolescente, não apenas quanto ao seu otimismo disposicional, mas variáveis associadas, tais como persistência e *coping*.

Estudo 2 - Evidências de validade baseadas na análise do conteúdo a partir da análise do público-alvo

O estudo piloto é uma etapa essencial do processo de construção e busca de evidências de validade de instrumentos psicológicos (AERA, 2014; Pacico, 2015). Apesar de geralmente ser realizado com amostras do público-alvo reduzidas (Fonseca et al., 2015), por meio dele é possível avaliar a adequação semântica dos itens, bem como identificar lacunas e informações importantes sobre o instrumento e o público-alvo (Borsa & Seize, 2017; Pacico, 2015). Desse modo, essa etapa do estudo teve dois objetivos: (1) verificar a adequação do instrumento junto ao público-alvo, e (2) identificar possíveis falhas ortográficas, gramaticais e semânticas relacionadas aos itens da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A). Para tanto, foram realizadas três etapas de análise, a saber: (1) estudo piloto, (2) entrevista com adolescente, (3) análise dos itens feita por pares. Sendo assim, essas três etapas serão detalhadas a seguir.

Etapa 1 – Estudo Piloto

Participantes

Nesta etapa do estudo piloto participaram oito adolescentes, selecionados por conveniência, sendo sete meninas e um menino, com idades de 14 ($n = 5$) e 19 anos ($n = 3$), e escolaridade dividida em Ensino Fundamental incompleto ($n = 1$), 1º ano do Ensino Médio ($n = 4$), 3º ano do Ensino Médio ($n = 3$); região do país: Nordeste ($n = 7$) e Sudeste ($n = 1$).

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos: um questionário sociodemográfico, com perguntas sobre gênero (masculino e feminino), idade (14 ou 19 anos), escolaridade (Ensino Fundamental

Incompleto, 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Médio), região do país (Nordeste ou Sudeste) e a primeira versão da escala de otimismo para adolescentes composta por 60 itens.

Procedimentos

A Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A) foi construída a fim de ser utilizada com indivíduos de 14 aos 19 anos. Para a OMS (2017), a adolescência é compreendida como a faixa etária que vai dos 10 aos 19 anos. Especialmente, estima-se que por volta dos 14 anos tem-se início boa parte dos problemas de saúde mental. Além disso, dos 15 aos 19 é uma faixa etária na qual há uma grande incidência de adoecimento mental (WHO, 2017). . Em vista disso, optamos por delimitar a faixa etária dos 14 aos 19 anos, a fim de abranger essa fase mais vulnerável e processos importantes vivenciados nessa faixa etária, como transformações corporais, ingresso no ensino médio e preparação para a entrada no ensino superior.

Para a fase de aplicação piloto do instrumento, foram selecionados adolescentes dos dois extremos etários (14 e 19 anos), tendo em vista que, embora pertençam ao mesmo período do desenvolvimento, podem ser observadas diferenças significativas entre os adolescentes mais novos e os mais velhos. Com isso, decidiu-se selecionar indivíduos dos dois extremos a fim garantir a adequação semântica e compreensão do conteúdo dos itens na faixa etária previamente determinada.

Os participantes do estudo piloto foram selecionados por conveniência. Inicialmente, a ideia era selecionar dois participantes do gênero feminino e dois do masculino, de ambos os grupos etários. Assim, a amostra seria composta por: duas meninas de 14 anos, dois meninos de 14 anos, duas meninas de 19 e dois meninos de 19. Além disso, a proposta inicial era realizar um grupo focal presencial com os adolescentes, para investigar as suas concepções de otimismo, questões relacionadas, e, posteriormente, analisar a adequação do instrumento para esse público. Todavia, por conta da pandemia da COVID-19, não foi possível realizar essa

atividade presencialmente. Isto posto, foi necessário entrar em contato com cada um dos adolescentes de maneira remota, individualizada, utilizando uma ferramenta de comunicação (*WhatsApp* e *e-mail*) para conseguir acessar mais rapidamente o público em questão.

Tendo em vista essas limitações iniciais, a pesquisadora, por conveniência, fez o primeiro contato com um dos adolescentes, uma menina de 14 anos de idade, pertencente a sua rede de contatos. Posteriormente, por meio da rede social, entrou em contato com essa pessoa, explicou os objetivos da pesquisa e solicitou que fosse entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido assinado, bem como a autorização de um responsável atestando a sua participação. Feito isto, a pesquisadora compartilhou com a entrevistada o *link* com o formulário no qual estavam dispostos o questionário sociodemográfico (descrito anteriormente) e a Escala de Otimismo para Adolescentes em sua versão inicial composta por 60 itens. Após o recebimento das respostas, a pesquisadora entrou em contato com a adolescente, por meio de um aplicativo de mensagens (*WhatsApp*) e fez as seguintes perguntas para todos os participantes: (1) Você conseguiu compreender o conteúdo dos itens? (2) Houve alguma palavra que você não conseguiu compreender? (3) Você sentiu dificuldade para compreender o formato de resposta apresentado? Depois, solicitou-se que essa primeira entrevistada indicou outros adolescentes que pudessem contribuir com essa etapa inicial do estudo. Diante das indicações, foram iniciados os contatos com os adolescentes também por meio de um aplicativo de mensagens (*WhatsApp*). Para o grupo de adolescentes de 14 anos foram enviados (via *e-mail*), o TALE e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para ser assinado por um responsável legal. Para os adolescentes de 19 anos foi enviado o TCLE a fim de ratificar o aceite deles. Toda a comunicação entre a pesquisadora e os adolescentes foi feita por mensagens de texto e de áudio. Já os termos de consentimento foram enviados por *e-mail*.

Resultados

A primeira fase do estudo piloto foi realizada com o objetivo de avaliar a adequação semântica dos itens e identificar possíveis problemas quanto à compreensão do conteúdo deles. Nessa etapa, a maioria dos respondentes atestaram a compreensão dos itens, tanto em termos de escrita quanto de conteúdo. No entanto, dois participantes relataram algumas dificuldades específicas encontradas para responder aos itens do instrumento. O primeiro deles (gênero feminino, 14 anos, estudante do Ensino Fundamental Incompleto da rede pública de ensino), relatou certa dificuldade em compreender alguns termos apresentados no instrumento, visto que tais conceitos não fazem parte do seu cotidiano, a exemplo da palavra “Persistência”. O outro participante (gênero feminino, 19 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio da rede pública de ensino) relatou dificuldade para compreender o conteúdo de alguns itens, tendo em vista que a redação deles parecia muito generalista, e alguns outros tinham conteúdo mais ambíguo.

Ao final dessa primeira etapa, não foram realizadas alterações no instrumento. Tendo em vista as observações feitas por uma das participantes, a pesquisadora optou por realizar uma entrevista presencial com essa adolescente para assim conseguir analisar melhor as observações e sugestões apontadas pela adolescente em questão. Assim sendo, essa etapa será descrita detalhadamente a seguir.

Etapa 2 – Entrevista presencial com adolescente

Participantes

Participou dessa etapa uma adolescente do gênero feminino, de 19 anos de idade, estudante do 3º ano do Ensino Médio da rede pública de ensino, residente na região sudeste.

Instrumento

Foi utilizada a Escala de Otimismo para Adolescentes, composta por 60 itens.

Procedimento

Frente às dificuldades encontradas na primeira etapa desse estudo, decidiu-se realizar uma entrevista individualizada com uma das respondentes, a qual foi escolhida por conveniência. Vale ressaltar que essa entrevista foi realizada ainda no período pandêmico, porém em uma fase na qual já haviam sido estabilizados o número de casos positivos e de óbitos. No entanto, foram tomadas todas as medidas sanitárias necessárias a fim de diminuir os riscos de contágio e transmissão da doença. Feito isso, a entrevista foi realizada com o objetivo de identificar melhorias que poderiam ser realizadas para uma correta adequação do instrumento ao público-alvo. Para tanto, a pesquisadora responsável apresentou a escala de otimismo para a adolescente que já havia participado da primeira etapa de coleta. Cada um dos itens foi lido em voz alta. Depois, solicitou-se que a participante discorresse a respeito da sua compreensão do instrumento, de modo a apontar possíveis palavras que dificultaram o entendimento do conteúdo da escala. Além disso, pediu-se que fossem apontados itens que, em geral, não foram bem compreendidos, por exemplo, por apresentar conteúdo ambíguo, ou mesmo itens que falavam a mesma coisa de formas diferentes. Essa entrevista foi realizada no em um espaço público e teve duração aproximada de 50 minutos.

Resultados

Com base no relato da participante, foram realizadas algumas modificações no conteúdo do instrumento. Por exemplo, o item: “*Eu consigo pensar em diferentes meios para alcançar os meus objetivos*”, foi substituída a palavra “meio” por “formas”. Assim sendo, ele passou a ser escrito dessa forma: “*Eu consigo pensar em diferentes formas para alcançar os meus objetivos*”. Além disso, foi sugerido que substituíssemos, em diversos itens, os termos “acho”, “busco”, “espero”, “penso” e “procuro”, por sinônimos mais claros e objetivos. A exemplo, o item: “*Eu procuro evitar descontentar minhas frustrações em coisas que não vão resolvê-las*”, foi

modificado para “*Eu evito descontar minhas decepções em coisas que não resolvem*”. Outro exemplo de mudança pode ser visto no item: “*Eu busco me distrair para esquecer os meus problemas*”, o qual passou a ser escrito do seguinte modo “*Eu me distraio para não pensar nos meus problemas*”. Outra modificação aconteceu no item: “*Eu costumo me esforçar para alcançar os meus objetivos*”, o qual passou a ser escrito como: “*Eu me esforço para alcançar os meus objetivos*”. Outra alteração aconteceu no item “*Eu busco pensar na melhor solução para resolver os meus problemas*”, o qual passou a ser escrito como “*Procuro a melhor solução para resolver os meus problemas*”.

Etapa 3 – Entrevista com pares

Participantes

Participaram dessa etapa cinco avaliadores (quatro mulheres e um homem), todos doutorandos, pesquisadores e membros de um grupo de estudos em avaliação psicológica.

Instrumento

Foi apresentada aos avaliadores a Escala de Otimismo para Adolescentes. A versão utilizada continha 60 itens, os quais haviam sofrido pequenas mudanças a partir da primeira etapa de análise de adequação semântica e gramatical.

Procedimentos

Essa etapa da pesquisa foi realizada a fim de avaliar a adequação semântica dos itens a partir da análise de outros profissionais da área da avaliação psicológica. A proposta era, antes de submeter o instrumento para a avaliação de juízes especialistas, submeter a escala a mais uma avaliação qualitativa dos itens. Para tanto foi entregue uma cópia impressa da EO-A para cada respondente. A avaliação foi feita de modo individual. Cada participante foi orientado a

anotar sugestões de melhoria dos itens no próprio instrumento, a fim de que em um outro momento a pesquisadora responsável pudesse analisar todas as sugestões. A duração desse procedimento foi de aproximadamente 30 minutos.

Resultados

Os cinco participantes apresentaram por escrito sugestões, a exemplo de: (1) substituir o verbo alcançar por conseguir, “Tenho facilidade de encontrar formas de alcançar o que eu quero” x “Eu tenho facilidade de conseguir o que eu quero”; (2) evitar o uso de mais de um verbo em cada frase – “Eu evito descontentar minhas frustrações em coisas que não vão resolvê-las” foi excluído; (3) substituir a palavra “frustrações” por decepções/insatisfações; (4) não utilizar termos negativos nem indiretos, mas sim frases na ordem positiva e direta; (5) padronizar as frases, tendo em vista que alguns itens foram escritos com o uso do modo impessoal e com palavras negativas “não e nunca”. A seguir serão apresentados exemplos de mudanças realizadas. Ao final dessa terceira etapa optou-se por excluir 18 itens que apresentaram conteúdos semelhantes e/ou mostraram-se pouco relevantes frente ao conjunto de itens. Após essas exclusões, a versão final do instrumento passou a conter 42 itens.

Item original	Item modificado
<i>“É difícil para mim me manter confiante diante de dificuldades.”</i>	<i>“Eu tenho dificuldade de me manter confiante diante de dificuldades.”</i>
<i>“Eu acho que sou determinado.”</i>	<i>“Eu sou determinado(a) na minha vida.”</i>
<i>“Eu costumo me culpar pelos meus erros.”</i>	<i>“Eu me culpo pelos meus erros.”</i>
<i>“Eu procuro enfrentar as dificuldades com bom humor.”</i>	<i>“Eu enfrento as dificuldades com bom humor.”</i>
<i>“Eu recorro a ajuda de outras pessoas que passaram pelo mesmo problema que eu.”</i>	<i>“Eu peço ajuda de pessoas que passaram pelo mesmo problema que eu.”</i>

Estudo 3 - Evidências de validade baseadas na análise do conteúdo a partir da análise de juízes

O estudo das evidências de validade de conteúdo de um instrumento psicológico é extremamente relevante, visto que é a partir dele que se avalia se o conteúdo dos itens é capaz de traduzir o conteúdo latente investigado (Alves et al., 2011; Peixoto & Ferreira-Rodrigues, 2019). Uma forma de avaliar as evidências de validade de conteúdo é feita através da análise de especialistas no assunto, os chamados juízes. A avaliação realizada por juízes é uma etapa essencial do processo de construção de testes em Psicologia, visto que é a partir dessa fase que outros pesquisadores experientes poderão analisar a medida em questão, e identificar pontos “cegos” no instrumento (Muniz & Freitas, 2017).

Aos juízes cabe a tarefa de analisar os itens a fim de avaliar se eles de fato representam o conteúdo latente em questão (Alves et al., 2011). Dessa forma, os juízes devem avaliar a relação entre os itens e as dimensões que compõem a variável latente analisada, tendo como parâmetro a relação que deveria ocorrer entre teste e conteúdo e a que está representada no instrumento, de modo a apontar possíveis discrepâncias (Alves et al., 2011; Fenn et al., 2020).

O estudo de evidências de validade de conteúdo da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A), a partir da análise de juízes foi dividido em três etapas. Nas duas primeiras, foram realizadas análises dos percentuais de concordância dos juízes em relação à dimensionalidade (Expectativas/*Coping*/Persistência) dos itens, bem como o estilo de crenças exemplificadas (pessimista/neutro/otimista). Por sua vez, a terceira etapa correspondeu à análise do coeficiente de *Kappa*. Para tanto, a fim de realizar o detalhamento de todas as especificidades das três etapas, optamos por descrevê-las separadamente.

Etapa 1

Participantes

Foram contatados, por conveniência, cinco juízes independentes, de ambos os gêneros ($M = 1$; $F = 4$). Optamos por escolher esse número de participantes, com base em recomendações na literatura que sugerem que amostras de estudos deste tipo, sejam compostas por cinco até dez juízes (Lynn, 1986). Os critérios de inclusão foram: (1) estar cursando o doutorado ou ser doutor em Psicologia, (2) ter experiência na área da Avaliação Psicológica e construção de medidas em Psicologia, (3) ser membro de grupo de pesquisa em Psicologia. Como critérios de exclusão elencamos: (1) desistir durante a sua realização e (2) não ter a formação/experiência desejada.

Instrumentos

Utilizou-se a Escala de Otimismo para Adolescentes, revisada após as alterações feitas a partir do estudo piloto. Assim, a nova versão da escala contém 42 itens, que avaliam três dimensões: (1) expectativas, (2) coping e (3) Persistência. Além disso, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para juízes, o qual deveria ser entregue assinado.

Procedimentos

Com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, os participantes foram contatados por *e-mail*, a fim de consultar a disponibilidade e interesse em participar desse estudo. Ao todo, foram contatados cinco juízes, os quais atendiam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos.

Após confirmarem o interesse e a disponibilidade para participar deste estudo, foram disponibilizados por e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1), uma via da Escala de Otimismo para Adolescentes, a qual continha informações sobre o objetivo

dessa pesquisa, definição do construto e das dimensões da medida; e um formulário o qual deveria ser preenchida conforme as orientações exigidas (ANEXO 2). Os itens foram agrupados de acordo com as dimensões preestabelecidas seguindo a seguinte ordem: Expectativas, *Coping* e Persistência. A exceção foi o item 1, o qual refere-se à dimensão Persistência.

Foi solicitado que cada juiz realizasse duas atividades. A primeira consistiu na avaliação da dimensão a qual o item melhor se adequava, a saber: Expectativa, Persistência ou Coping. Para tanto, os juízes deveriam informar as suas escolhas, assinalando um “X” na coluna que correspondia à dimensão avaliada. A segunda atividade consistiu em identificar o item quanto ao seu perfil “pessimista, neutro ou otimista”, independente da dimensão a qual ele pertencesse. Para tanto, cada juiz foi orientado a assinalar um “X” na coluna que melhor se adequasse ao conteúdo do item. Além disso, cada juiz teve um espaço para elencar eventuais sugestões e/ou críticas em relação aos itens que compõem o instrumento. Os cinco tiveram o prazo de 30 dias para concluir a sua avaliação e enviarem por *e-mail*, as suas respostas assim como o TCLE assinado. Com os arquivos preenchidos pelos juízes, procedeu-se a análise dos dados com o objetivo de verificar a porcentagem de concordância entre os juízes.

A primeira análise buscou identificar o percentual de concordância dos juízes, tanto para as dimensões preestabelecidas, quanto para o estilo de crenças/expectativas de cada item. Cada classificação realizada foi comparada à avaliação realizada por um “juiz ideal”, a qual apresenta a classificação correta quanto aos itens e a dimensão a que ele pertence. Os dados foram analisados por meio de porcentagem simples, com o intuito de verificar se os itens tinham percentual de concordância mínimo de 80%, e assim concluir se eles seriam pertinentes para compor a escala (Pasquali, 2009). Os itens que não atingiram esse valor, foram revisados e submetidos a outra avaliação, a fim de obter índice de concordância igual ou superior à 80% (Pasquali, 2016). Os valores obtidos foram interpretados como: concordância quase perfeita (entre 0,80 até 1,00); concordância substancial (0,60 a 0,80); concordância moderada (0,40 a

0,60); concordância regular (0,20 a 0,40); e concordância discreta (0,00 a 0,20) (Landis & Koch, 1977).

Resultados

Inicialmente, em relação à dimensão (expectativas, *coping* e Persistência) foram identificados percentuais de concordância de 100% para 23 itens, de 80% para 10 itens, de 60% para oito itens, 40% para um item. É importante destacar que sobre o item quatro, apesar de não ter sido possível observar concordância entre os juízes em relação à dimensão previamente estabelecida “*Coping*”, todos os cinco juízes avaliaram esse item como pertencente à dimensão “Persistência”. A partir da Tabela 5 é possível identificar de modo detalhado os itens aprovados, de acordo com a dimensão preestabelecida.

Tabela 5

Dimensões e Itens Aprovados na Etapa 1

Dimensão	Itens	Aprovados	Identificação
1 Expectativas	13	12	16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28
2 <i>Coping</i>	14	9	3, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15
3 Persistência	15	12	4*, 29, 30, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Nota. *Originalmente desenvolvido para a dimensão 2.

Quanto à concordância em percentual referente ao estilo dos itens (pessimista/neutro/otimista), observou-se que 25 itens tiveram 100% de concordância, 10 itens 80%, seis itens 60% e um item 40%. Sobre o item 30, todos os cinco juízes (100%) avaliaram o conteúdo como pertencente ao estilo “neutro” ao invés do “otimista” conforme preestabelecido. Outros três itens (3, 12 e 36) apresentaram concordância de 80% para o estilo

“neutro”, indo de encontro a classificação inicial que os enquadrava no estilo “otimista“. Na Tabela 6 é possível identificar detalhadamente os itens aprovados, de acordo com o estilo estabelecido.

Tabela 6

Estilo e Itens Aprovados na Etapa 1

Dimensão	Itens	Aprovados	Identificação
1 Pessimista	5	5	8, 16, 18, 26, 31
2 Neutro	10	7	3*, 5, 6, 12*, 15, 30**, 36*
3 Otimista	27	23	1, 2, 4, 7, 10, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40

Nota. *Originalmente desenvolvido para o estilo 2; **Originalmente desenvolvido para o estilo 3**.

Portanto, ao final das análises de concordância de percentual, observou-se que dos 42 itens, que originalmente compuseram a Escala de Otimismo para Adolescentes, 33 itens mostraram-se adequados quanto à dimensão dos itens, segundo os critérios selecionados, visto que foram observadas concordâncias substanciais de 80% ($n = 10$) e concordâncias perfeitas de 100% ($n = 23$). Referente ao estilo dos itens (pessimista, neutro e otimista), 35 itens foram considerados satisfatórios, visto que se encontraram concordâncias substanciais de 80% ($n = 10$) e concordâncias perfeitas de 100% ($n = 25$). Uma segunda etapa de análise foi realizada para avaliar os itens que não obtiveram índices de concordância satisfatórios na primeira fase (maior que 80%).

Etapa 2

Participantes

Participaram dessa etapa cinco juízes ($F = 5$). Cabe salientar que nessa segunda fase de coleta, dois participantes não puderam reavaliar os itens da escala, no entanto autorizaram a

utilização das suas contribuições realizadas na Etapa 1. Desse modo, dois novos juízes, que não haviam sido convidados anteriormente, foram contatados para compor o grupo de cinco avaliadores.

Instrumentos

Foi enviado para os juízes os itens que não obtiveram concordância satisfatória na primeira fase ($n = 15$). Assim sendo, nessa etapa, o juiz teve de avaliar novamente a dimensão e o estilo dos itens que sofreram alguma modificação.

Procedimentos

Nessa segunda etapa, os itens foram organizados de acordo com a dimensão e estilos propostos. Todavia, a distribuição deles foi realizada de modo aleatório a fim de diminuir as chances de enviesamento das respostas dos juízes.

Resultados

A análise de percentual de concordância quanto à dimensão dos itens, demonstrou que dos 15 itens avaliados, 11 foram considerados adequados. Especificamente, os itens 1, 2, 8, 11, 14 e 32 tiveram concordância perfeita (100%), e os itens 7, 9, 13, 24 e 37 obtiveram concordância substancial (80%). Os demais itens não atingiram resultados satisfatórios (itens 31, 34 e 42 com 60% de concordância entre os juízes; item 41 com 40% de concordância).

Sobre a porcentagem de concordância quanto ao estilo dos itens, dos 15 itens 11 foram considerados adequados. Em particular, os itens 2, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 40 e 41 tiveram concordância perfeita (100%). Já os itens 3, 4, 6, 12, 29, 31, 34, 35, 37, 38 e 39 apresentaram concordância substancial (80%). Por último, os itens 1, 13, 14 e 42 não atingiram porcentagens satisfatórias (todos com 60%). Os itens 1 e

3 apresentaram 60% de concordância para estilos diferentes dos determinados previamente, sendo que o item 1 teve 60% de concordância para o estilo 2 ao invés de 3, e o item 13 teve 60% para o estilo 1 ao invés de 2. Vale apontar que os itens 3, 12, 34, 36 alcançaram 80% de concordância para o estilo “neutro” e não para o elemento “otimismo” para o qual haviam sido desenvolvidos. Do mesmo modo, os itens 9 e 30 apresentaram 100% de concordância para o estilo “neutro” e não para o estilo “otimista”.

Isto posto, somando-se aos resultados encontrados na primeira etapa de análise de concordância entre os juízes, aproximadamente 83% dos itens ($n = 35$) apresentaram índices satisfatórios de concordância. Apenas sete itens (1, 13, 14, 31, 34, 41 e 42) não atenderam aos parâmetros de concordância esperados, seja em uma das categorias de análise ou nas duas (dimensão e/ou estilo). A título de informação, os itens 41 e 42 não atingiram os percentuais esperados tanto para a dimensão, quanto para o estilo dos itens. Por sua vez, os itens 31 e 34 não obtiveram resultado suficiente quanto à dimensão (Persistência), e os itens 1, 13, 14 não atingiram o mínimo necessário quanto à concordância em relação ao estilo dos itens (pessimista/neutro/otimista). Os detalhes referentes aos itens analisados estão descritos nas tabelas 7 e 8.

Tabela 7

Dimensão e Itens Aprovados nas Etapas 1 e 2

Dimensão	Itens	Aprovados		Identificação
		Etapa 1	Etapa 2	
Expectativa	13	12	1	16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28
<i>Coping</i>	14	7	4	2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15
Persistência	15	10	1	4, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40
Total	42	29	6	35 itens

Tabela 8*Estilos e Itens Aprovados nas Etapas 1 e 2*

Estilo	Itens	Aprovados		Identificação
		Etapa 1	Etapa 2	
Pessimista	5	4	-	8, 16, 18, 26
Neutro	10	4	5	3, 5, 6, 9, 11, 12, 15, 30, 36
Otimista	27	21	1	2, 4, 7, 10, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 40
Total	42	29	6	35 itens

Por último, para complementar os dados sobre as evidências de validade baseadas no conteúdo dos itens, foram avaliados os coeficientes de *Kappa* para cada um dos cinco juízes. A escolha por esses dois tipos de análise se deu, pelo fato de que considerar apenas o valor de coeficiente de *Kappa* não possibilita que o pesquisador possa analisar, de maneira mais completa, os pontos os quais os juízes concordaram ou discordaram (Perroca & Gaidzinski, 2003). Dessa maneira, optamos por analisar o índice percentual de concordância entre os juízes (realizado nas etapas 1 e 2) juntamente com a avaliação do coeficiente de *Kappa*.

Etapa 3

Participantes

Participaram dessa etapa sete juízes ao todo. É necessário salientar que, dos sete juízes, três contribuíram voluntariamente nas etapas 1 e 2. Em relação aos outros quatro juízes, dois deles contribuíram apenas para a etapas 1, e os outros dois somente para a etapa 2. No entanto, optamos por analisar o coeficiente de *Kappa* de todos os juízes, inclusive os que responderam apenas a uma das duas etapas desse estudo.

Instrumentos

Para a análise do coeficiente de *Kappa*, foram utilizadas as respostas que os juízes apresentaram em suas avaliações da Escala de Otimismo para Adolescentes.

Procedimentos

Com a finalização das etapas 1 e 2, foi gerada uma base de dados única com as respostas de todos os juízes, a qual continha o número de itens e as opções de resposta, bem como as respostas do “juiz ideal” e dos juízes em questão. Nos casos em que o mesmo juiz avaliou um item duas vezes, optamos por manter a última resposta, independente do fato de o juiz ter avaliado corretamente o conteúdo do item na etapa 1, e respondido de maneira errada da segunda etapa. Pelo fato de que nem todos os juízes participaram das duas etapas, decidiu-se que seria importante avaliar detalhadamente a contribuição de cada juiz, de modo a expor quais itens foram avaliados em cada etapa, assim como o total de itens avaliados. Essas informações foram descritas de modo detalhado na tabela 5. A média de itens avaliados foi de 34,3 itens para cada juiz, sendo que o número máximo de itens avaliados por um mesmo juiz foi de 42 e o mínimo de 15 itens.

Para fins de análise, os coeficientes de *Kappa* foram obtidos a partir da utilização do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) - versão 22. Especificamente, cada avaliação realizada pelos cinco juízes foi comparada à avaliação de um “juiz ideal”, o qual representava a classificação previamente determinada para cada item. Em termos de interpretação dos resultados, considera-se o valor 1 como um valor máximo, o qual sugere uma concordância perfeita entre os juízes. Logo, quanto mais próximo de zero, maior a estimativa de que a concordância entre os juízes se deve ao acaso (Fonseca et al., 2007). Com isso, valores acima de 0,75 sugerem uma concordância excelente; de 0,40 e 0,75 – concordância satisfatória; e valores < 0,40 – sugerem uma concordância insatisfatória (Fleiss, 1981).

Tabela 9*Distribuição de Itens por Juízes*

Identificação	Itens avaliados por etapa		Total de itens avaliados
	Etapa 1	Etapa 2	
Juiz 1	1 até 42	1*, 2*, 7*, 8*, 9*, 11*, 13*, 14*, 24*, 31*, 32*, 34*, 37*, 41*, 42*	42
Juiz 2	1 até 42	-	42
Juiz 3	1 até 42	-	42
Juiz 4	1 até 42	1*, 2*, 7*, 8*, 9*, 11*, 13*, 14*, 24*, 31*, 32*, 34*, 37*, 41*, 42*	42
Juiz 5	1 até 42	1*, 2*, 7*, 8*, 9*, 11*, 13*, 14*, 24*, 31*, 32*, 34*, 37*, 41*, 42*	42
Juiz 6	-	1, 2, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 24, 31, 32, 34, 37, 41, 42	15
Juiz 7	-	1, 2, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 24, 31, 32, 34, 37, 41, 42	15

Nota. *Itens repetidos não foram contados duas vezes para a soma final de itens avaliados.

Resultados

Os resultados referentes à análise do coeficiente de *Kappa* quanto à dimensão da escala (expectativa/*coping*/Persistência) demonstraram valores de concordância considerados excelentes (acima de 0,75) para cinco juízes (1, 3, 4, 5 e 6). Além disso, foram identificados valores de *Kappa* considerados satisfatórios (de 0,40 até 0,75) para dois juízes (2 e 7). Com isso, observa-se que todos os sete juízes tiveram classificações consideradas excelentes ou satisfatórias. Os dados específicos dessa análise foram descritos na tabela 10.

Tabela 10*Distribuição de Itens por Juízes em Relação à Dimensão da Escala de Otimismo*

Identificação	Itens avaliados	Acertos (%)	<i>Kappa</i>
Juiz 1	42	90,6	0,86*
Juiz 2	42	69	0,54*
Juiz 3	42	90,2	0,85*

Juiz 4	42	92,9	0,89*
Juiz 5	42	88,2	0,82*
Juiz 6	15	93,4	0,89*
Juiz 7	15	80,1	0,66*

Nota. * $p \leq 0,001$

Por sua vez, em relação à análise do coeficiente de *Kappa* quanto ao estilo dos itens (pessimista/neutro/otimista), observou-se que quatro juízes apresentaram valores considerados excelentes (acima de 0,75), a saber: 1, 4, 6 e 7. Constatou-se também que os outros três juízes (2, 3, 5) obtiveram valores de coeficiente considerados satisfatórios (de 0,40 até 0,75). Logo, todos os sete juízes obtiveram coeficientes de *Kappa* considerados excelentes ou satisfatórios. Os valores detalhados dessa análise foram descritos na tabela 11. Isto posto, os resultados obtidos a partir das duas análises realizadas (porcentagem de concordância entre os juízes e coeficiente de *Kappa*), demonstraram evidências de validade de conteúdo satisfatórias para a Escala de Otimismo para Adolescentes.

Tabela 11

Distribuição de Itens por Juízes em Relação ao Estilo dos Itens da Escala de Otimismo

Identificação	Itens avaliados	Acertos (%)	<i>Kappa</i>
Juiz 1	42	88	0,78*
Juiz 2	42	83,4	0,70*
Juiz 3	42	80	0,66*
Juiz 4	42	95,2	0,91*
Juiz 5	42	85,7	0,74*
Juiz 6	15	93,3	0,88*
Juiz 7	15	86,7	0,78*

Nota. * $p \leq 0,001$

Discussão

Ao longo das três etapas de análise de conteúdo realizadas, sete juízes avaliaram o conteúdo dos itens da Escala de Otimismo para Adolescentes, com o objetivo de atestar a clareza, relevância e representatividade do fenômeno mensurado (AERA, 2014; Primi, 2011). Em relação às dimensões avaliadas, somente a dimensão “expectativa” obteve todos os 13 itens aprovados, sendo 12 aprovados ainda na primeira etapa. Uma possível justificativa pode ser o fato de que essa dimensão teve uma definição mais clara e objetiva, que facilitou a melhor identificação dos itens correspondentes. Por sua vez, as dimensões “*Coping*” e “Persistência”, não obtiveram concordância em todos os itens, de modo que, ao final do processo, restaram onze itens de cada, sendo que a proposta inicial era a de que tivessem 14 e 15 itens, respectivamente. Outro ponto que pode ser relacionado à compreensão das dimensões em questão, pode ser a própria concepção do construto otimismo.

Nesse contexto, sabemos que as concepções teóricas mais comuns associadas ao otimismo (otimismo disposicional e explicativo ou atribucional), versam sobre, respectivamente, crenças de resultados futuros e explicações anteriores que justificam ações otimistas ou pessimistas. Não é comum observarmos instrumentos e técnicas que versem sobre um perfil otimista, ou seja, uma visão mais ampla a respeito de indivíduos mais ou menos otimistas, que objetiva contemplar não apenas as crenças positivas de futuro, mas a Persistência e estratégias de *coping* relacionadas ao “pensar positivo” ou “pensar negativo”. No entanto, ao final das análises de concordância percentuais, observamos que dos 42 itens avaliados, 35 alcançaram valores adequados de concordância. Logo, podemos inferir que as definições fornecidas para os juízes foram adequadas e suficientes para a realização da tarefa requisitada. Por fim, no que se refere às análises do coeficiente de *Kappa*, os resultados obtidos variaram de excelentes à satisfatórios, sendo que não houve nenhum caso classificado como insuficiente, ou seja, inadequados.

Faz-se necessário apontarmos limitações identificadas nesse processo de análise de evidências de validade do conteúdo dos itens da Escala de Otimismo para Adolescentes. O primeiro deles, deve-se ao fato de que, dois juízes não conseguiram participar das três etapas de análise, sendo, portanto, necessário substituí-los. Além disso, outro aspecto relevante é o fato de que, embora todos os juízes selecionados tenham conhecimento na área da Avaliação Psicológica de Psicometria, somente um dos avaliadores tem estudado diretamente a temática do otimismo. Contudo, apesar de terem sido identificadas, tais limitações na prática parecem não ter influenciado negativamente os resultados da análise de conteúdo dos itens da escala em questão, tendo em vista às conclusões satisfatórias a respeito do conteúdo dos itens. Logo, podemos concluir que foi possível finalizar a etapa de avaliação das evidências iniciais de validade baseadas no conteúdo dos itens (AERA, 2014; Primi, 2011).

Estudo 4 - Evidências de validade com base na estrutura interna e evidências de precisão

No processo de construção de um instrumento, após a avaliação das evidências de validade de conteúdo, deve-se priorizar a análise das evidências de validade baseadas na estrutura interna. Acredita-se que é possível avaliar a relação entre os itens e, com isso, analisar a composição teórica do construto em questão (Ambiel & Carvalho, 2017b). Assim, o pesquisador deve realizar estudos que permitam a análise do agrupamento dos itens que compõem o instrumento, para que dessa forma seja possível inferir a existência de um traço latente que representa o construto investigado (Primi, 2011).

De acordo com a literatura, a Análise Fatorial Exploratória (AFE) é considerada um conjunto de técnicas multivariadas que tem como objetivo mensurar a estrutura subjacente de uma matriz de dados (Damásio, 2012; Damásio & Dutra, 2017). Dessa forma, é possível identificar a natureza e a quantidade de variáveis latentes observadas (itens) e a organização delas (fatores). Para mensurar as evidências de validade baseada na estrutura interna da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A), optou-se por realizar uma análise fatorial exploratória a fim de verificar se a proposta inicial de três dimensões (Expectativa, Persistência e *Coping*) seria identificada. Por ser a primeira vez que essa escala teria sua estrutura interna analisada, deliberou-se que a análise fatorial exploratória seria a análise mais adequada para ser feita inicialmente (Damásio, 2012; Damásio & Dutra, 2017).

A escala foi desenvolvida com base na teoria do otimismo disposicional, a qual pressupõe que o otimismo diz respeito às expectativas generalizadas de resultados positivos futuros. Especificamente, as dimensões Persistência e *Coping* foram elaboradas levando em consideração a ideia de que a persistência e as estratégias de *coping* das pessoas variam de acordo com o seu nível de otimismo, sendo que otimistas tendem a ser mais persistentes diante de um objetivo e insistem até concretizá-los, visto que acreditam que vão ter resultados

positivos no futuro. Nessa mesma direção, os otimistas e pessimistas diferem quanto às estratégias de *coping* que geralmente adotam, sendo que os otimistas tendem a utilizar estratégias mais adaptativas, com foco na resolução de problemas, são mais engajados e esforçassem ativamente para alcançar seus objetivos.

Participantes

Os dados foram coletados por meio de questionário *online*, disponibilizado entre os dias sete de março e onze de abril de 2023. Tratou-se de um estudo não probabilístico cuja amostra foi escolhida por conveniência. Participaram 233 adolescentes, sendo 75,2% do gênero feminino ($n = 176$), com média de idade de 16,3 anos ($DP = 1,36$). Quanto ao nível de escolaridade, a amostra foi composta por estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental ($n = 2$), 9º ano do Ensino Fundamental ($n = 25$), 1º ano do Ensino Médio ($n = 38$), 2º ano Ensino Médio ($n = 65$), 3º ano do Ensino Médio ($n = 77$), Ensino Superior Incompleto ($n = 24$) e Ensino Técnico ($n = 2$). Sobre as regiões do país, identificamos adolescentes das cinco regiões brasileiras, a saber: Sudeste ($n = 92$), Sul ($n = 39$), Nordeste ($n = 84$), Norte ($n = 11$) e Centro-oeste ($n = 7$).

Instrumentos

Utilizou-se a Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A) (ANEXO 7), na versão obtida pós a análise do público-alvo e de juízes, composta por 35 itens.

Procedimentos

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, foi retomado o contato com a escola que havia autorizado, anteriormente, a coleta de dados. No entanto, tendo em vista os prazos estipulados para a defesa e a agenda da referida

escola, optou-se por realizar por hora, uma coleta de dados *online*, mediante a disponibilização de *link* para preenchimento dos questionários.

Através de uma rede social, foi disponibilizado um *link* convidando os participantes a responderem a pesquisa. Ao clicar, permitia o acesso a uma plataforma digital (*Google Forms*). Inicialmente foram apresentadas, aos respondentes, informações gerais sobre a pesquisa e aspectos éticos relacionados. Os respondentes que concordaram com as informações apresentadas deveriam clicar na opção “aceito participar da pesquisa”. Somente após esse procedimento, eles tiveram acesso aos instrumentos. Os que não aceitaram as condições foram encaminhados para uma página de finalização. Estima-se que o tempo necessário para responder aos instrumentos foi de 15 minutos.

Análise de dados

A estrutura interna da Escala de Otimismo para Adolescentes foi analisada por meio de análise fatorial com o *software* JASP. Como índices de ajuste foram avaliados: (1) Razão entre o qui-quadrado (X^2) e graus de liberdade (gl) (desejável $\leq 3,00$), (2) *Comparative Fit Index* (CFI) (desejável entre 0,90 e 0,95), (3) *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) [desejável $\leq 0,050$], (4) *Tucker-Lewis Index* (TLI) (desejável entre 0,90 e 0,95). O X^2 avalia o ajuste do modelo em relação aos dados. O seu valor é calculado a partir de sua razão quanto aos graus de liberdade (X^2/gl) (Kline, 2005). Os índices CFI e TLI permitem comparar o valor de ajuste do modelo proposto em relação ao modelo que embasou a construção do instrumento (Hu & Bentler, 1999). A precisão total e por fatores também foi analisada no JASP, a partir do índice de ômega de McDonald. Para este estudo esperavam-se resultados de ômega de McDonald $> 0,60$ tanto para a escala total, quanto para as dimensões avaliadas (AERA, 2014).

Resultados

Para avaliar se a matriz de dados era passível de fatoração, utilizaram-se dois métodos, a saber: o critério de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e o Teste de Esfericidade de *Bartlett* (Dziuban & Shirkey, 1974). Os resultados indicaram, para o teste de esfericidade de *Bartlett*, $X^2(493) = 711,705$; $p < 0,001$ e o índice KMO foi de 0,92, sugerindo adequação para a realização da AFE.

Como método de extração, utilizou-se o *maximum likelihood* com rotação *oblimin*. Foram avaliados os índices de ajuste para a estimação da adequação do modelo, indicando os seguintes valores: RMSEA de 0,04, CFI de 0,93, e TLI de 0,91. Assim sendo, os valores encontrados sugerem boa qualidade de ajuste da escala. Dessa forma, a análise paralela sugeriu uma estrutura de três fatores, com variância explicada de 40,3%, utilizando critério de carga fatorial acima de 0,30. Neste modelo, as cargas fatoriais dos itens variaram entre 0,34 até 0,80 (Tabela 12).

Tabela 12

Valores das Cargas Fatoriais para os Fatores Específicos

Item	Expectativas	Persistência	Coping
Item 14	0,783		
Item 17	0,757		
Item 22	0,746		
Item 25	0,683		
Item 24	0,665		
Item 20	0,642		
Item 23	0,636		
Item 18	0,630		
Item 19	0,614		
Item 15	0,613		
Item 16	0,605		
Item 13	0,591		
Item 21	0,532		
Item 6	0,506		

Item 2	0,433	
Item 12	0,378	
Item 28		0,788
Item 26		0,751
Item 27		0,716
Item 32		0,707
Item 3		0,676
Item 33		0,658
Item 29		0,585
Item 35		0,582
Item 30		0,541
Item 4		0,536
Item 11		0,530
Item 34		0,442
Item 9		0,414
Item 31		0,389
Item 8		0,362

O primeiro fator foi composto por 16 itens (2, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25), os quais explicaram 29,6% da variância. As cargas fatoriais desse fator variaram entre -0,378 e 0,783, sendo que o conteúdo dos itens reflete comportamentos relacionados ao fator Expectativas.

O segundo fator agrupou nove itens (3, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33 e 35), com cargas fatoriais entre 0,541 e 0,788, representando 6,9% da variância. A análise de conteúdo dos itens agrupou os conteúdos relacionados ao fator Persistência.

Já o terceiro fator (*Coping*) agrupou seis itens (4, 8, 9, 11, 31 e 34), com cargas fatoriais entre 0,362 e 0,536 e variância explicada de 3,7%. Devido ao conteúdo dos itens, reflete o fator *Coping*. Os itens 1, 5, 7 e 10, apresentaram carga fatorial $< 0,30$ sendo, portanto, excluídos. Dessa forma a escala ficou composta por 31 itens, divididos em três fatores, de modo a confirmar o modelo inicialmente hipotetizado.

Depois, para avaliar a relação entre os fatores, realizou-se uma análise de correlação de *Spearman*. A escolha de uma análise de correlação não paramétrica se deu após a avaliação dos parâmetros de normalidade dos dados, por meio dos testes *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*. Ambos os testes se mostram significativos, o que sugere que a amostra não apresenta distribuição normal. De acordo com a literatura, os coeficientes de correlação de *Spearman* podem ser interpretados assim como são analisados os índices de correlação de Pearson (Aguiar, 2007). Sugere-se que valores $<$ que 0,30 têm magnitude de efeito pequeno. Por sua vez, entre 0,30 e 0,50 tem-se efeito moderado, valores entre 0,50 e 0,80 são considerados fortes, e valores superiores a 0,80 são interpretados como de efeito muito forte (Valentini & Laros, 2012).

Isto posto, foram encontrados valores de correlação positivas e significativas ($p < 0,01$). Especificamente, observou-se valor de correlação de magnitude forte entre o fator Persistência e Expectativas ($r = 0,551$). Foram constatados valores de correlação moderada para os fatores *Coping* e Expectativas ($r = 0,438$), assim como para os fatores *Coping* e Persistência ($r = 0,341$). Os dados de correlação serão apresentados a seguir.

Tabela 13

Correlação Entre os Fatores da Escala de Otimismo Para Adolescentes

	Fator 1 Expectativas	Fator 2 Persistência	Fator 3 <i>Coping</i>
Fator 1 Expectativas	1	0,551*	0,438*
Fator 2 Persistência	0,551*	1	0,341*
Fator 3 <i>Coping</i>	0,438*	0,341*	1

Nota. * $p < 0,01$

Por fim, a precisão por meio da consistência interna foi calculada através do Ômega de McDonald. Observou-se que o fator 1 apresentou índice de $\omega = 0,83$, o fator 2 de $\omega = 0,75$ e o fator 3 de $\omega = 0,92$. Por fim, a escala total apresentou $\omega = 0,90$.

Discussão

O presente estudo teve dois objetivos: (a) investigar as evidências de validade baseadas na estrutura interna e (b) analisar a precisão da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A). Essa escala foi desenvolvida a partir da proposta de Carver e Scheier (2019), a qual pressupõe que o otimismo é um traço de personalidade que se mantém relativamente estável ao longo do tempo, e que se refere às crenças positivas de resultados futuros. Para esses autores, o otimismo está relacionado positivamente à Persistência e à adoção de estratégias de *coping* mais adaptativas. Os mais otimistas tendem a ser mais perseverantes, bem como a utilizar estratégias de *coping* mais adaptativas frente a diferentes contextos. Os otimistas quando comparados aos pessimistas, obtêm bons resultados em saúde física e mental, e maiores níveis de bem-estar subjetivo (Carver & Scheier, 2002, 2019).

Levando em consideração o fato de que a escala foi desenvolvida no estudo e que não havia, até então, nenhum estudo referente à sua estrutura fatorial, optou-se por realizar uma Análise Fatorial Exploratória, cujo método de extração de fatores foi a análise paralela, o qual é considerado um procedimento adequado para determinar a quantidade de fatores de um instrumento (Crawford et al., 2010).

Os resultados indicaram que a estrutura interna da EO-A apresenta uma composição de três fatores, responsável por 40,3% de variância explicada. O primeiro fator (Expectativas) foi composto por 16 itens e explicou 29,6% da variância. Segundo o modelo teórico adotado como base para a escala, as expectativas podem ser visualizadas, dentro do otimismo, como uma

expectativa relacionada a resultados futuros positivos (Segerstrom et al., 2017). Nessa dimensão, pessoas mais otimistas costumam esperar que mais coisas boas lhe aconteçam. Já os pessimistas tendem a esperar mais resultados negativos para o seu futuro (Carver & Scheier, 2019).

O segundo fator (Persistência) agrupou nove itens e representou 6,9% da variância. Tal fator representa o senso de confiança ou dúvida que uma pessoa apresenta em relação ao alcance das metas desejadas (Carver & Scheier, 2002). Nesse sentido, otimistas e pessimistas diferenciam-se substancialmente, visto que os otimistas continuam despendendo esforços para alcançar o que desejam. Já os pessimistas, costumam ter dificuldades para iniciar e dar continuidade a busca de suas metas, devido a sua reduzida confiança na sua capacidade de alcançá-las (Carver & Scheier, 2019).

Por último, o terceiro fator (*Coping*) agrupou seis itens e obteve 3,7% de variância explicada. Tal dimensão é compreendida, dentro do otimismo, como um comportamento saudável de *coping* das adversidades e cujas estratégias se mostram associadas a um maior ajustamento psicológico (Carver & Scheier, 2014). Enquanto os otimistas enfrentam as adversidades, os pessimistas apresentariam respostas menos adaptativas, que incluem esquiva e negação (Forgeard & Seligman, 2012).

Vale salientar que, apesar de este ter sido o primeiro estudo sobre a estrutura interna da EO-A, sua estrutura fatorial hipotetizada inicialmente foi confirmada. Tal constatação se mostra importante visto que a análise da estrutura fatorial de outras escalas de avaliação do otimismo apresenta divergências em relação à sua estrutura fatorial. Por exemplo, podemos citar o caso da LOT-R, uma das medidas mais utilizadas no Brasil (Santos-Vitti & Nakano, 2021). Apesar de apresentar boas evidências de validade e precisão, a LOT-R se concentra somente em um fator unidimensional relacionado ao otimismo (Bastianello et al., 2014; Laranjeira, 2008; Sanjuán & Magallanes, 2006; Scheier et al., 1994; Zenger et al., 2013). Outro

resultado comum compreende uma solução bidimensional que engloba otimismo e pessimismo, encontrada tanto em estudos brasileiros (Ottati & Noronha, 2017) quanto internacionais: Espanha (Ferrando et al., 2002), Chile (Villarroel et al., 2009) e Portugal (Gaspar et al., 2009; Ribeiro et al., 2012).

Uma possível explicação para essas diferenças estruturais identificadas pode estar associada à escolaridade, idade dos participantes e o formato dos itens (itens positivos ou negativos (Ferrando et al., 2002; Zenger et al., 2013). De todo modo, outro ponto observado é que as divergências em relação a estrutura fatorial da LOT-R demonstram uma fragilidade quanto à própria teoria do otimismo disposicional. Pressupõe-se, então, que é necessário um referencial teórico mais claro e definido que embase a definição desse construto e a elaboração de medidas com estruturas fatoriais consistentes (Vautier et al., 2003). É importante ressaltar que, em ambos os modelos, o instrumento não contempla outras importantes características relacionadas ao otimismo, como a Persistência e estratégias de *coping* adaptativas.

Ademais, a LOT-R é um instrumento breve, recomendado para o uso em pesquisas e para obter informações sobre a tendência para o traço otimismo/pessimismo, não sendo, portanto, recomendado para contextos de diagnóstico ou avaliações mais específicas (Hutz, 2014). Além disso, as publicações nacionais sobre o otimismo e métodos de avaliação são escassas no Brasil (Santos-Vitti & Nakano, 2021; Santos & Wechsler, 2015), principalmente no que se refere à construção de medidas para adolescentes. Assim, destaca-se a importância de ampliar estudos e pesquisas tanto sobre o tema, bem como sobre a construção de instrumentos que tenham como referência o contexto sociocultural do Brasil (Pires et al., 2015; Santos-Vitti & Nakano, 2021).

Avaliou-se também a correlação entre os três fatores encontrados (Expectativas, Persistência e *Coping*). Foi possível observar que os fatores se apresentaram moderadamente

correlacionados entre si (*Coping* e Expectativas; *Coping* e Persistência), e fortemente correlacionados entre si (Expectativas e Persistência).

Esses resultados vão ao encontro de outros achados presentes na literatura no que se refere a relação entre expectativas positivas de futuro e estratégias de *coping* mais adaptativas, assim como entre expectativas e maior Persistência (Carver & Scheier, 2019; Forgeard & Seligman, 2012; Nes & Segerstrom, 2006). Por exemplo, na pesquisa de Brissette et al. (2002), os alunos mais otimistas utilizam estratégias de *coping* focadas no problema e na resolução de problemas diante de adversidades, ao invés de utilizar estratégias de negação do estresse e das experiências negativas vivenciadas (Seligman, 2008). Estima-se que o otimismo pode auxiliar as pessoas a se recuperarem mais rapidamente de uma situação difícil/desafiadora. Ainda, mesmo diante de falhas, os otimistas tendem a se recuperar mais facilmente e a voltar a tentar a enfrentar esse desafio/problema (Valentsia & Wijono, 2020).

Os construtos otimismo e Persistência também mantêm relações positivas entre si (Nes & Segerstrom, 2006). Nesse âmbito, o otimismo se mostra fundamentalmente associado à definição de metas como alcançáveis e ao maior engajamento frente às mesmas. Os otimistas costumam se esforçar mais para obter resultados, principalmente quando estão diante de metas avaliadas como passíveis de serem atingidas. Em contrapartida, os pessimistas quando estão frente a conflitos e situações estressantes, mostram-se menos perseverantes e tendem a desistir mais facilmente de continuar perseverando/engajando-se (Carver & Scheier, 2019).

Nesse estudo 4 foi possível também avaliar a precisão da referida escala, tanto por fator quanto geral. Por meio desse tipo de análise é possível identificar o quanto os instrumentos avaliados apresentam de erro de medida. Em geral, quanto maior o erro de medida, menor é a precisão do instrumento (AERA et al., 2014; Andrade & Valentini, 2018). De acordo com a Resolução 31/2022, para que uma medida em Psicologia alcance um nível de excelência quanto as evidências de precisão, dois ou mais estudos devem apresentar indicadores superiores a 0,80.

Já para ser avaliado como aceitável, dois ou mais estudos devem identificar valores de precisão de no mínimo 0,60 (CFP, 2022). No presente estudo foram encontrados valores de precisão, os quais foram mensurados a partir do Ômega de McDonald que oscilaram entre 0,75 (Fator Persistência) e 0,92 (Fator *Coping*). Apenas o fator Persistência apresentou precisão $< 0,80$, sendo encontrado, no entanto, um valor que é avaliado como “bom”, levando em consideração as orientações do CFP (2022).

Assim sendo, podemos sugerir que as análises realizadas contribuíram tanto para a compreensão da estrutura da medida avaliada, como também para a identificação dos itens que deveriam ser excluídos do instrumento (a saber: 1, 5, 7 e 10). Com isso, ao final desta etapa, a versão final da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A) foi composta por 31 itens. Diante dos resultados satisfatórios encontrados sobre a estrutura interna da EO-A e sua precisão, sugere-se a continuidade dos estudos voltados à investigação das suas qualidades psicométricas, envolvendo, preferencialmente, amostras maiores e provenientes de outras regiões do Brasil, a fim de aumentar a representatividade do país.

Estudo 5 - Análise dos itens

A Psicometria tem recorrido ao modelo psicométrico chamado de Teoria de Resposta ao Item (TRI) como uma alternativa à Teoria Clássica dos Testes (TCTs). A TRI fundamenta-se no estudo da relação entre traços latentes (construtos avaliados) e as variáveis observáveis (itens) (Ambiel & Carvalho, 2017b). A partir desse modelo, as respostas dadas pelos participantes podem ser interpretadas em relação ao nível de habilidade/aptidão que o sujeito apresenta em relação ao traço latente investigado (Pasquali & Primi, 2003), bem como a adequação dos itens pode ser estimada considerando-se seus índices de ajuste. Com a TRI, além de se avaliar os construtos, pode-se também analisar o Funcionamento Diferencial do Item (DIF) em relação a dificuldade dos itens para diferentes grupos (Benito et al., 2018).

Assim, este estudo teve o objetivo de analisar a Escala de Otimismo para Adolescentes, por meio do emprego do modelo de TRI. Desse modo, acredita-se que com a TRI será possível contribuir com uma análise minuciosa dos itens, quanto aos termos de ajuste da medida e funcionamento diferencial dos itens em relação ao gênero dos adolescentes.

Participantes

A amostra foi a mesma do Estudo 3.

Instrumentos

Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A) (ANEXO 7) versão após condução dos Estudos 1, 2 e 3. Além disso, será utilizado um questionário sociodemográfico (ANEXO 8), com itens a respeito do gênero do participante (feminino ou masculino), idade (em anos), série escolar (1º, 2º ou 3º ano do Ensino Médio).

Procedimentos

Os procedimentos e aspectos éticos realizados foram os mesmos do Estudo 3.

Análise de dados

As propriedades psicométricas das três subescalas da Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A) foram avaliadas por meio do modelo *Rasch* para dados politômicos (Andrich, 1978). Foram avaliados indicadores da fidedignidade das pessoas e dos itens, bem como desvios de desempenho, por meio dos índices de *infit* e *outfit*. Investigou-se também os itens das três subescalas (Expectativas, Persistência e *Coping*) apresentavam funcionamento diferencial (DIF) para gênero (masculino, $n = 58$; feminino, $n = 175$).

Em relação aos índices de confiabilidade para pessoas e para os itens, são esperados valores maiores que 0,70, preferencialmente valores $> 0,80$ (Linacre, 2021). Os índices de *infit* e *outfit* quantificam resíduos para os itens em relação ao modelo testado (Bond et al., 2020; Linacre, 2021). O *infit* avalia padrões de resposta inesperados de indivíduos que apresentam um nível de traço latente (*theta*) equivalente ao nível de dificuldade do item. O *outfit* verifica padrões de resposta inesperados daqueles que apresentam um nível de *theta* abaixo ou acima do nível de dificuldade do item. As estimativas de *infit* e *outfit* podem ser avaliadas pelo indicador quadrado médio (*mean square*; MNSQ). As pontuações aceitáveis do MNSQ normalmente variam de 0,7 a 1,3 *logits* (Bond et al., 2020; Boone, 2016), sendo que o intervalo menos conservador de 0,5 até 1,5 *logits* também pode ser usado (Linacre & Wright, 1995).

O DIF foi avaliado por meio do procedimento de Mantel (Linacre, 2021), no que concerne à variável gênero. Foram analisados todos os itens cujas estimativas de dificuldades se apresentaram como estatisticamente diferentes para homens e para mulheres ($p \leq 0,05$). A magnitude do DIF foi interpretada através do *DIF contrast*: valores entre $|0,00|$ e $|0,43|$ são

considerados baixos/negligíveis; valores entre $|0,44|$ e $|0,64|$ são considerados moderados; e valores acima de $|0,64|$ são considerados altos (Linacre, 2021).

Cabe destacar que um dos pressupostos do modelo de *Rasch* para a análise de TRI é a unidimensionalidade, ou seja, faz-se necessário avaliar apenas um traço latente por vez (Hambleton & Swaminatham, 1985; Primi, 2012). Dessa forma, a avaliação da dimensionalidade dos itens foi o passo inicial realizado por meio da análise fatorial exploratória dos itens da EO-A. Assim sendo, observou-se que a referida escala apresentou solução fatorial composta por três fatores independentes, mas correlacionados entre si. A partir desse resultado, optou-se por avaliar o funcionamento dos itens de cada uma das três subescalas (Expectativas, Persistência e *Coping*) de modo independente.

Resultados

As análises no Modelo Teoria de Resposta ao Item *Rating Scale* foram feitas para cada fator separadamente. Quanto ao fator Expectativas, constatou-se índices de confiabilidade para os itens que podem ser considerados satisfatórios (Confiabilidade = 0,95; Índice de Separação = 4,29), ou seja, sugere-se que as estimativas obtidas tendem a ser replicáveis. Por sua vez, ainda sobre esse fator, observou-se que o índice de confiabilidade para as pessoas ficou um pouco abaixo do esperado, sendo (Confiabilidade = 0,62; Índice de Separação = 1,27). Sobre as estatísticas dos itens, foram apresentados os índices de dificuldade geral dos itens, *infit* e *outfit*, e valores de correlação item-*theta*, em relação às dimensões avaliadas em cada escala.

Nesse fator, conforme pode ser visto na Tabela 14, o item mais difícil de ser endossado foi o de número 23 ($d = 1,22$) (Eu acho que nada do que eu faço vai dar certo) e o mais fácil foi o item 16 ($d = -0,80$) (Eu espero o melhor para o meu futuro). Em relação aos índices de ajuste (*infit* e *outfit*), é possível perceber que quatro itens (12, 13, 15 e 23) apresentaram valores fora dos pontos de corte esperados (25% dos itens do fator). Além disso, notou-se que dos 16 itens

que compõem esse fator, os itens 12, 13, 15 e 23 apresentaram índices de ajuste (*infit* e *outfit*) acima do esperado $> 1,5$.

Tabela 14

Índices de Ajuste (Infits e Outfits) dos Itens Que Compõem o Fator Expectativa

Item	Dificuldade	Erro Padrão	Infit MNSQ	Outfit MNSQ	Correlação Item- <i>theta</i>
2	-0,01	0,10	0,85	0,84	0,56
6	0,63	0,09	0,86	0,85	0,56
12	-0,50	0,11	1,53	1,59	-0,06
13	0,41	0,09	1,86	1,98	-0,31
14	-0,50	0,11	0,68	0,62	0,70
15	0,32	0,10	1,87	1,97	-0,34
16	-0,80	0,12	0,71	0,56	0,65
17	-0,34	0,11	0,64	0,62	0,75
18	-0,60	0,12	0,67	0,65	0,73
19	0,38	0,09	0,77	0,77	0,64
20	-0,41	0,11	0,71	0,67	0,69
21	-0,18	0,10	0,71	0,69	0,69
22	0,30	0,09	0,78	0,77	0,63
23	1,01	0,10	1,88	2,18	-0,48
24	0,37	0,10	0,74	0,74	0,67
25	-0,08	0,10	0,67	0,65	0,74

Nota. MNSQ = *mean-square*.

O mapa item-pessoa para o fator Expectativa (Figura 2), demonstrou que a amostra apresentou nível de traço latente maior do que a dificuldade dos itens (média de *theta* = 0,63; média da dificuldade dos itens = 0). Os itens mais facilmente endossados pelos sujeitos é o 16, 12, 18 e 14. Por outro lado, o item que exige maior nível de habilidade é o item 23. Pessoas com *theta* na média já costumam concordar com todos os itens, com exceção do item 23. De forma geral, os itens se mostram fáceis quando se considera sua dificuldade e o nível de habilidade dos sujeitos.

Ainda é possível perceber, na Figura 2, que boa parte dos itens estão agrupados entre 0 e + 1 *logit*, de modo que há uma maior precisão na estimativa do *theta* dos participantes alocados

nesta amplitude do *continuum*. Essa informação é corroborada pela Curva de Informação do Teste, apresentada na Figura 3.

Figura 2

Mapa de Itens do Fator Expectativas

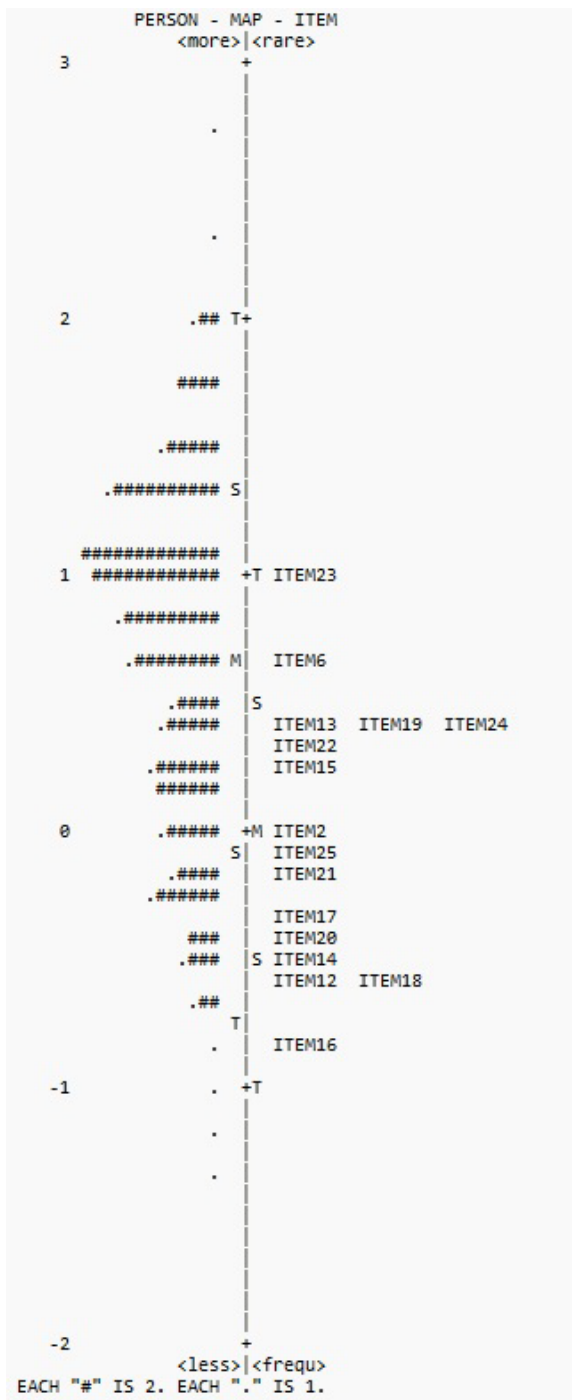
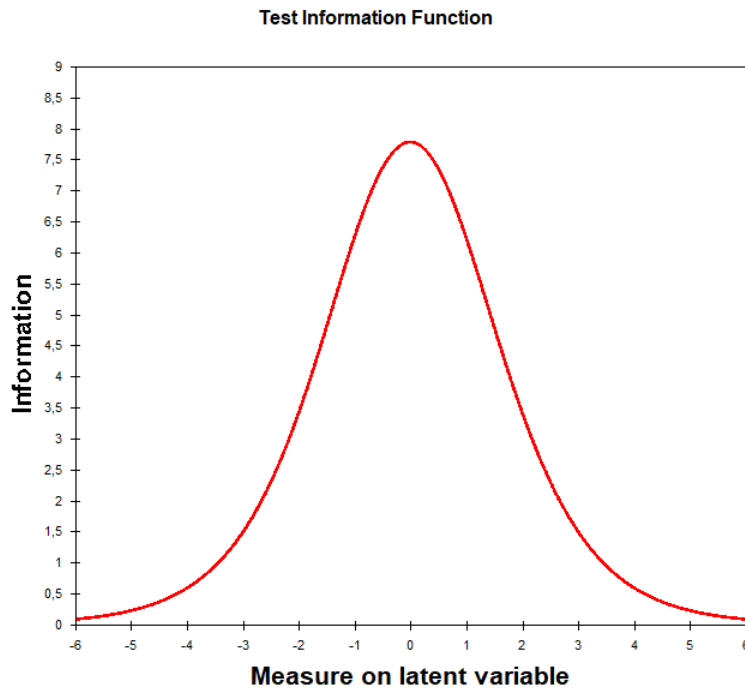


Figura 3

Curva de Informação do Teste – Fator Expectativas



Para o fator Persistência, foram encontrados índices adequados de confiabilidade para os itens (Confiabilidade = 0,94; Índice de Separação = 4,01), bem como para as pessoas (Confiabilidade = 0,82; Índice de Separação = 2,11), o que sugere que as estimativas obtidas tendem a ser replicáveis. A Tabela 15 apresenta os indicadores de dificuldade global dos itens, *infit* e *outfit*, e valores de correlação item-*theta*. Todos os valores de *infit* e *outfit* apresentaram-se dentro dos padrões de desempenho estimados.

Tabela 15*Valores de Ajuste (Infits e Outfits) para o Fator Persistência*

Item	Dificuldade	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	Correlação Item- <i>theta</i>
3	-0,89	1,21	1,27	0,63
26	-0,57	0,88	0,82	0,74
27	1,01	1,01	1,01	0,76
28	-0,17	0,86	0,84	0,76
29	0,56	1,00	1,00	0,75
30	-0,74	1,25	1,30	0,63
32	0,50	0,90	0,89	0,77
33	0,14	0,88	0,86	0,77
35	0,16	1,00	1,03	0,74

O mapa item-pessoa para o fator Persistência (Figura 4), também demonstrou que a amostra em questão apresentou nível de traço latente maior do que a dificuldade dos itens (média de *theta* = 1,36; média da dificuldade dos itens = 0). Ainda foi possível constatar no gráfico que boa parte dos itens estão agrupados entre 0 e + 1 *logit*, de modo que há uma maior precisão na estimativa do *theta* dos participantes alocados nesta amplitude do *continuum*. Essa informação é corroborada pela Curva de Informação do Teste, apresentada na Figura 5.

Na Figura 3 é possível verificar que o item mais difícil de ser endossado é o 27 (Eu começo e termino as coisas que me proponho a fazer), e o mais fácil foi o item 3 ($d = -0,89$) (Eu me esforço para conquistar o que quero). Os itens que compõem esse fator se mostram mais divididos do que os do Fator 1, em relação à sua dificuldade, de modo que os indivíduos com nível de habilidade na média concordam com quatro itens e, os outros quatro, exigem maior nível de habilidade para serem endossados.

Figura 4

Mapa de Itens Fator Persistência

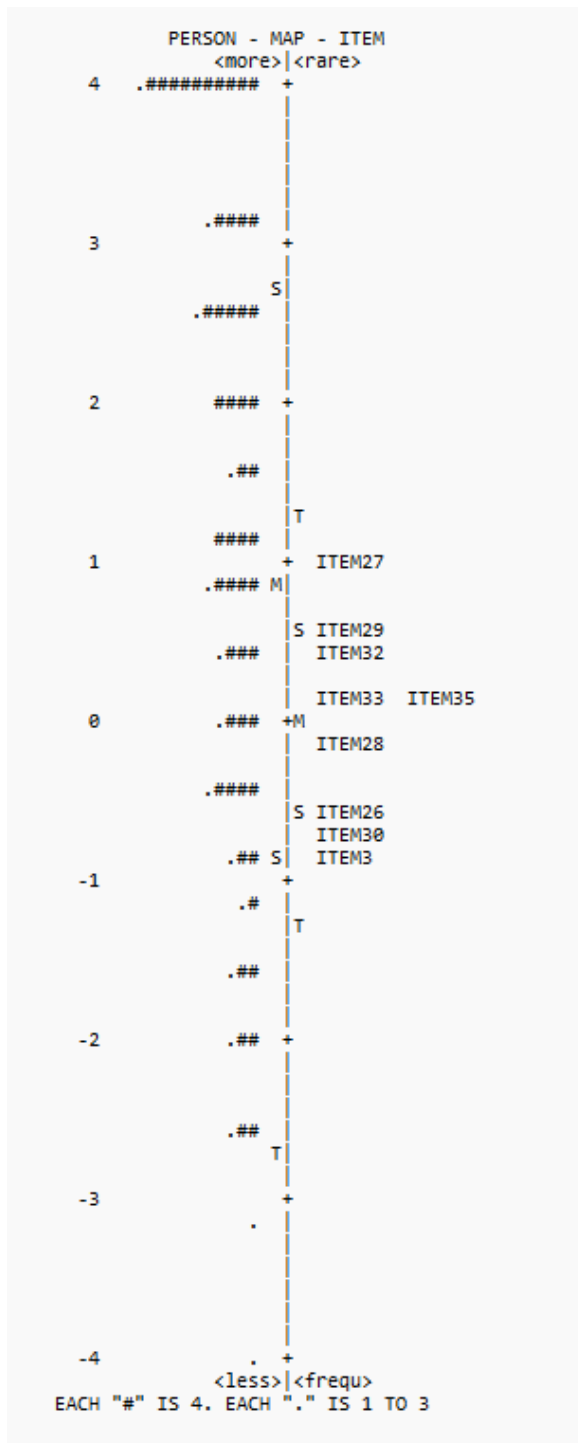
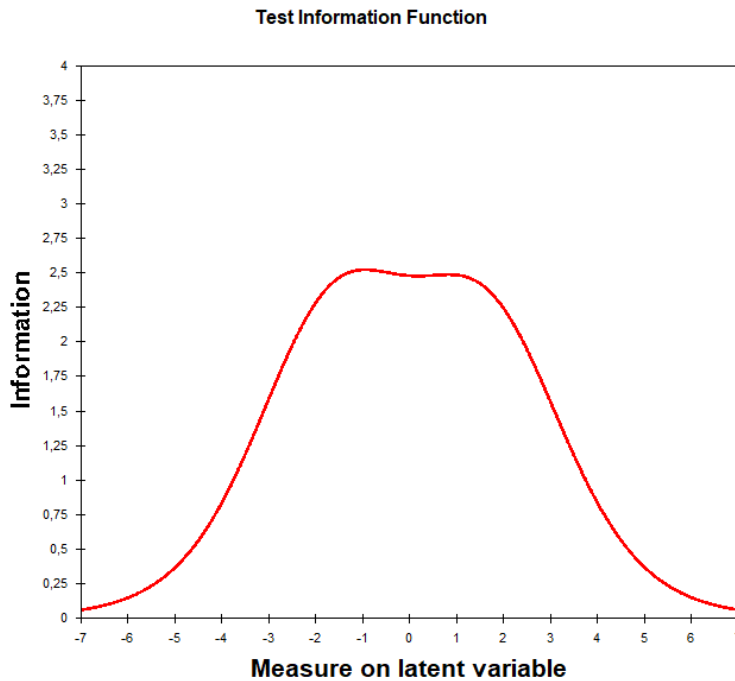


Figura 5

Curva de Informação do Teste – Fator Persistência



Para o fator *Coping* foram encontrados índices adequados de confiabilidade para os itens (Confiabilidade = 0,97; Índice de Separação = 5,58). No que tange às pessoas, foram observados índices de confiabilidade um pouco abaixo do esperado (Confiabilidade = 0,65; Índice de Separação = 1,37). A tabela 16 apresenta os indicadores de *infit* e *outfit* e valores de correlação item-*theta*. Todos os valores de *infit* e *outfit* apresentaram-se dentro dos padrões estimados.

Tabela 16

Valores de Ajuste (Infits e Outfits) dos Itens que Compõem o Fator Coping

Item	Dificuldade	<i>Infit</i>	<i>Outfit</i>	Correlação Item- <i>theta</i>
4	-0,98	1,05	1,09	0,57
8	0,32	1,14	1,16	0,58
9	0,86	0,94	1,03	0,64
11	0,55	0,96	0,97	0,64
31	0,07	0,97	0,97	0,63
34	-0,82	0,89	0,85	0,66

O mapa item-pessoa para o fator *Coping* (Figura 6), demonstrou que a amostra apresentou nível de traço latente um pouco maior do que a dificuldade dos itens (média de *theta* = 0,19; média da dificuldade dos itens = 0). Observou-se também que boa parte dos itens estão agrupados entre -1 e +1 *logit*, de modo que há uma maior precisão na estimativa do *theta* dos participantes alocados nesta amplitude do *continuum*. Essa informação pode ser corroborada pela Curva de Informação do Teste, apresentada na Figura 7.

O item mais difícil de ser endossado é o 9 (Eu enfrento as dificuldades com bom humor), sendo aquele que exige maior nível de habilidade e, o mais fácil, foi o 4 ($d = -0,89$) (Eu penso antes de tomar qualquer decisão). Novamente vemos uma distribuição mais adequada do nível de dificuldade dos itens que compõem esse fator. Uma pessoa com habilidade na média endossaria os itens 4, 34 e 31, sendo que os demais itens exigem maior nível de otimismo.

Figura 6
Mapa de Itens do Fator Coping

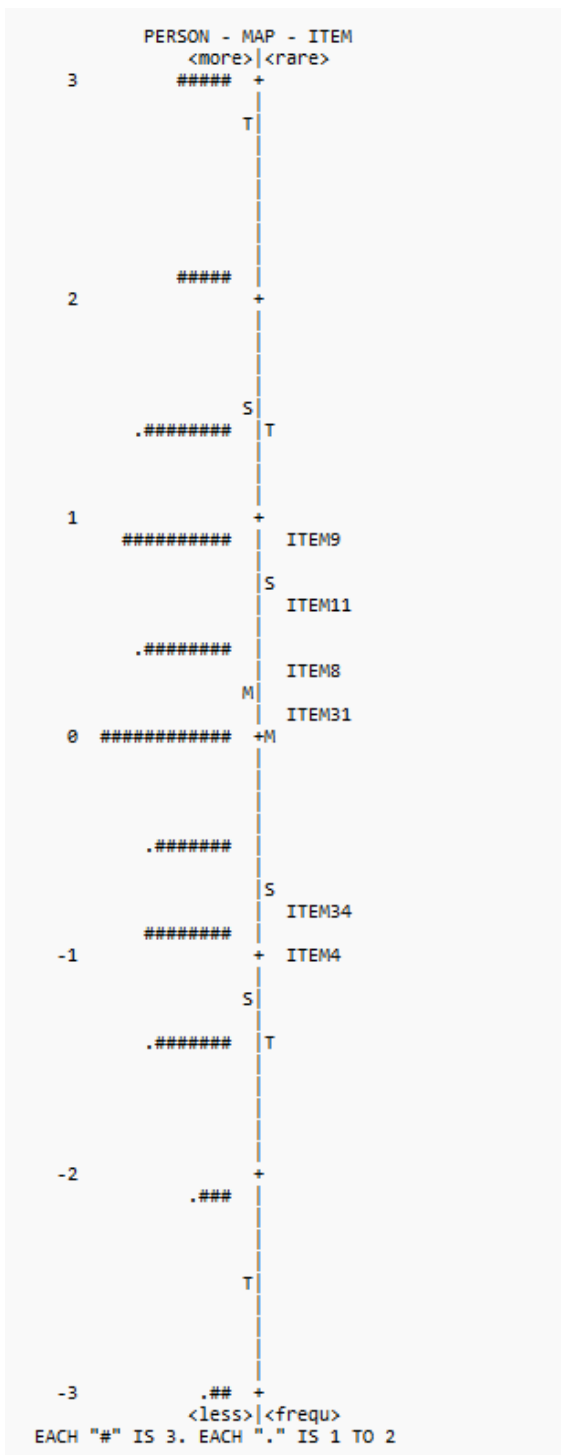
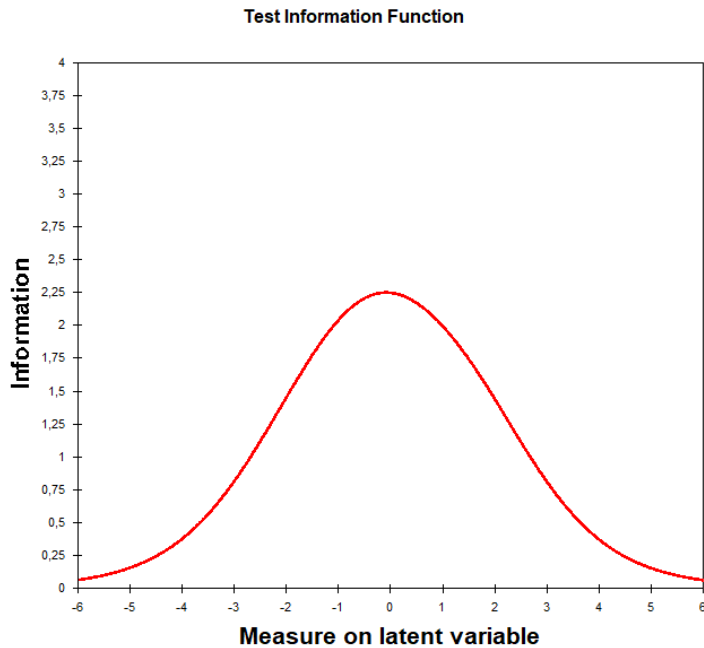


Figura 7
Curva de Informação do Teste – Fator Coping



Em seguida, o funcionamento diferencial dos itens em função do gênero dos participantes foi realizado. Os resultados encontrados, referente ao fator Expectativas, são apresentados na Tabela 17. Dos 16 itens que compõem esse fator, apenas três tiveram DIF. O item 2 (Eu enfrento os meus problemas) apresentou DIF com efeito moderado a favor do gênero masculino, sendo que esse grupo teve menor dificuldade (-0,43) do que os participantes do gênero feminino (+0,15) (DIF *Contrast* = -0,58). O item 23 (Eu acho que nada do que eu faço vai dar certo) apresentou DIF com tamanho de efeito elevado a favor do gênero feminino, uma vez que as meninas obtiveram menor dificuldade (+0,74) em comparação aos meninos (+1,74) para endossar o item (DIF *Contrast* = 0,99). Por fim, o item 24 (Eu acredito que o meu sucesso vai acontecer independente dos meus problemas) também teve DIF com tamanho de efeito moderado a favor do gênero masculino, de modo que os meninos tiveram menor dificuldade (+0,03) para concordar com esse item quando comparados com as meninas (+0,53) (DIF *Contrast* = - 0,51).

Tabela 17*Funcionamento Diferencial do Item (DIF) do Fator Expectativas*

Itens	Mantel qui-quadrado	Sig.	DIF Contrast
2	4,10	0,04	-0,58 (moderado)
6	0,08	0,77	0,00
12	0,03	0,87	0,39
13	0,69	0,41	0,25
14	1,79	0,19	-0,03
15	0,22	0,64	0,44
16	2,42	0,12	0,03
17	0,66	0,42	-0,47
18	1,19	0,28	-0,45
19	0,16	0,69	-0,02
20	0,32	0,58	-0,10
21	4,51	0,03	-0,70
22	6,29	0,01	0,35
23	3,63	0,06	0,99 (elevado)
24	2,98	0,08	-0,51 (moderado)
25	0,23	0,63	-0,09

Nota. sig. = valor de *p*.

Sobre o fator Persistência, entre os nove itens que compõem essa dimensão, notou-se que apenas um apresentou DIF em função do gênero dos participantes. Especificamente, foi possível observar que o item 30 (“Quando eu coloco algo na minha cabeça eu insisto até conseguir”) apresentou DIF com efeito elevado a favor do gênero feminino, sendo que esse grupo teve menor dificuldade (-1,06) do que os participantes do gênero masculino (+0,10) (DIF Contrast = 1,16) para concordar com o item. Os dados estão dispostos na Tabela 18, a seguir.

Tabela 18*Funcionamento Diferencial do Item (DIF) do Fator Persistência*

Itens	Mantel qui-quadrado	Sig.	DIF Contrast
3	0,00	0,98	0,13
26	0,00	0,95	-0,06
27	1,98	0,15	-0,27
28	0,01	0,89	-0,16

29	0,48	0,48	-0,28
30	8,44	0,00	1,16
32	0,42	0,51	-0,24
33	0,96	0,33	-0,34
35	0,52	0,47	0,20

Nota. sig. = valor de p .

Em relação ao funcionamento diferencial dos itens que compõem o fator *Coping*, observou-se que nenhum dos seis itens apresentou DIF em função do gênero dos respondentes.

Os valores específicos podem ser visualizados na Tabela 19.

Tabela 19

Funcionamento Diferencial do Item (DIF) do Fator Coping

Itens	Mantel qui-quadrado	Sig.	DIF Contrast
4	1,08	0,30	0,42
8	0,02	0,88	0,12
9	0,59	0,44	-0,21
11	0,56	0,45	0,27
31	0,36	0,54	0,28
34	0,07	0,79	0,29

Nota. sig. = valor de p .

Discussão

O presente estudo teve como objetivo avaliar as propriedades psicométricas da Escala de Otimismo para Adolescentes por meio do modelo *Rasch* para dados politômicos. Especificamente, analisou-se a adequação dos itens que compõem os três fatores da EO-A (Expectativas, Persistência e *Coping*), bem como avaliou-se o Funcionamento Diferencial do Item em relação a dificuldade dos itens quanto ao gênero dos participantes.

Após a avaliação, separada de cada fator da escala, analisou-se a confiabilidade de pessoas e dos itens. Nesse sentido, foi possível observar que os índices de confiabilidade por itens foram satisfatórios para as três escalas, variando de 0,94 até 0,97. Contudo, notou-se que

no que tange à confiabilidade por pessoas, os fatores Expectativas e *Coping* tiveram valores de confiabilidade menores do que o esperado (valores $> 0,70$), sendo respectivamente 0,62 e 0,65. A confiabilidade das pessoas é uma estimativa que se refere à replicabilidade de ordenação das pessoas que podemos esperar se essa mesma amostra recebesse outros itens paralelos (por exemplo, com as mesmas dificuldades) e que medissem o mesmo construto (Linacre, 2021).

Esse índice é composto por dois fatores: o *person reability* (formado pela variância sistemática e erro aleatório) e o *person separation index* (o quanto a nossa amostra é homogênea em relação ao traço avaliado). Uma possível explicação para a confiabilidade das pessoas ter pontuado abaixo do esperado, pode ser pelo fato de que a amostra em questão demonstrou ser um grupo homogêneo em relação ao traço latente de otimismo, o que pode ser visualizado no mapa de itens e na curva de informação do teste. Desse modo, pressupõe-se que amostras com pouca variabilidade de nível de *theta* tendem a apresentar baixos valores de fidedignidade e baixos índices de separação dessa amostra (presença de grupos homogêneos o que acarreta, por exemplo, na separação dessas pessoas em apenas um estrato) (Linacre, 2021).

Os resultados encontrados demonstraram que a EO-A pode ser considerada uma escala composta, em sua maior parte, por itens que têm índices de ajuste adequados. Em especial, observou-se que dos 31 itens que compõem a escala total, apenas quatro (pertencentes ao fator Expectativas) apresentaram índices de ajuste não satisfatórios, a saber os itens 12, 13, 15 e 23.

O item 12 (Eu prefiro ficar sozinho(a) quando estou com problemas) apresentou a menor correlação item-*theta* (-0,06) ao ser comparado aos outros 15 itens que compõem esse fator. Ao analisarmos o seu conteúdo, *a priori*, ele demonstra ter um conteúdo abstrato, que de certo modo parece estar mais associado ao modo de enfrentar as dificuldades, e não às crenças sobre o futuro (expectativas). De fato, inicialmente este item foi construído como pertencente ao fator *Coping*. No entanto, após a AFE realizada, ele passou a agrupar o fator

expectativas. Vale salientar que, além de ter sido o item com menor correlação item-*theta*, também foi o que apresentou menor carga de saturação (0,378) entre os 16 itens.

Os itens 13 (Eu acredito que coisas boas duram pouco na minha vida), 15 (Eu faço as coisas pensando que algo vai dar errado) e 23 (Eu acho que nada do que eu faço vai dar certo) apresentaram valores de *infit* e *outfit* elevados ($> 1,5$) e correlações item-*theta* baixas negativas e baixas (-0,31, -0,34 e -0,48, respectivamente). Ao avaliarmos esses índices e o conteúdo dos referidos itens, podemos identificar a presença de palavras que envolvem tanto conteúdo abstrato (item 13 – inicia-se com “eu acho que”), como o uso de mais de um verbo na mesma frase (item 23 – ...faço as coisas pensando...) podem confundir o respondente a respeito do que se está querendo avaliar. Assim sendo, novas análises precisam ser realizadas para que possamos ter informações que embasem a revisão, manutenção ou retirada desses itens.

Analisou-se o funcionamento dos itens em relação ao gênero dos respondentes. Sobre esse aspecto, observou-se que os itens 2, 23 e 24 (fator Expectativa) e o item 30 (fator Persistência) apresentaram DIF em função do gênero.

Quanto ao item 2 (Eu enfrento os meus problemas), observou-se que os meninos apresentaram maior facilidade em endossar/concordar com esse item do que as meninas. Em termos de estratégias de *Coping* utilizadas, embora haja divergências, em geral os homens tendem a usar estratégias com foco no problema, e as mulheres a usar estratégias com foco na emoção (Stanton & Franz, 1999; Piko, 2001). Especialmente na adolescência, tanto os meninos quanto as meninas usam, inicialmente, estratégias focadas na emoção. No entanto, a medida em que vão amadurecendo, os meninos tendem a mudar as suas estratégias de *Coping*, passando a buscar estratégias mais objetivas/diretas (Tamres et al., 2002).

Os itens 23 (Eu acho que nada do que eu faço vai dar certo) e 24 (Eu acredito que o meu sucesso vai acontecer independente dos meus problemas), apresentaram conteúdos pessimistas e otimista, respectivamente. Com isso, notou-se que as meninas tiveram maior facilidade em

concordar com o item 23 (mais pessimista), já os meninos tiveram maior facilidade de concordar com o item 24 (otimista). Esse resultado vai de encontro com algumas pesquisas que demonstraram que não encontraram diferenças significativas em relação ao otimismo de homens e mulheres. Assim sendo, faz-se necessários novos estudos, com amostras mais amplas e com grupos equivalentes de homens e mulheres para avaliarmos se de fato esses itens apresentam um funcionamento diferente em função do gênero biológico dos respondentes.

O último item que apresentou DIF quanto ao gênero dos respondentes foi o 30 (Quando eu coloco algo na minha cabeça eu insisto até conseguir), referente ao fator Persistência. Conceitualmente, entende-se que Persistência está relacionada à determinação em cumprir objetivos a longo prazo, mesmo diante de adversidades que possam acontecer ao longo do caminho (Duckworth et al., 2007). Dessa maneira, as pessoas mais perseverantes tendem a se manter esforçadas e interessadas em busca de uma meta/propósito, em comparação àquelas menos perseverantes. Em geral, os níveis de Persistência mantêm-se relativamente estável ao longo do desenvolvimento humano, e estão relacionados a maior chance de sucesso/êxito/conquistas do que fracassos/insucessos (Duckworth & Gross, 2014). Quanto a diferenças de gênero, observa-se que a Persistência está correlacionada ao gênero, sendo que de modo geral as mulheres tendem a pontuar mais alto do que os homens (Aswini & Deb, 2017; Christensen & Knezek, 2014). O item em questão trata de um conteúdo voltado objetivamente para maior Persistência, ao passo que se refere a insistir/persistir em busca de um objetivo até que ele seja concretizado. Assim sendo, a priori as mulheres tiveram maior facilidade de endossar o item do que os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as lacunas observadas em âmbito nacional (Santos-Vitti & Nakano, 2021), este trabalho teve como objetivo desenvolver um instrumento para avaliar o otimismo em adolescentes de 14 a 19 anos. Ademais, analisou-se também evidências de validade dessa medida. Para tanto, foram desenvolvidos cinco estudos empíricos, a fim de verificar a adequação dos itens, bem como a estrutura fatorial e ajuste dos itens da escala. Inicialmente, haviam sido propostos 60 itens (20 itens para o fator Expectativas, Persistência e *Coping*, respectivamente). A partir da análise de juízes, a Escala de Otimismo passou a ser composta por 35 itens. Com a análise da estrutura interna, observou-se que mais quatro itens não apresentaram carga de saturação mínima e, portanto, poderão ser descartados do modelo final. Sendo assim, a escala passou a ser composta, ao menos por ora, por 31 itens.

Cabe salientar que durante a construção desse instrumento, um grande desafio enfrentado foi a escolha de um modelo teórico que suprisse as lacunas já observadas na literatura, em relação à principal medida utilizada para avaliar o otimismo (LOT-R). Embora apresente limitações, a teoria do otimismo disposicional é o modelo teórico mais usado quando se trata de avaliar níveis de otimismo. Diversos estudos demonstraram que o otimismo está correlacionado positivamente a uma série de variáveis positivas e resultados satisfatórios em saúde. Nesse sentido então, a fim de sanar as lacunas existentes, objetivou-se criar um instrumento que avaliasse características condizentes com um estilo/perfil otimista entre os adolescentes. Especificamente, a definição dos conceitos utilizados foi feita com base em um conjunto de referências-chave para caracterizar não apenas as expectativas positivas relacionadas ao futuro, mas também a Persistência e estratégias de *Coping* associadas positiva e negativamente a expectativas otimistas.

Após a definição do modelo teórico e elaboração dos itens, sucedeu-se a realização do estudo piloto. Nessa etapa, foram encontradas algumas dificuldades. Por conta da pandemia da COVID-19, o contato com as pessoas ainda estava limitado. Dessa forma, o plano inicial de reunir dois grupos de adolescentes dos extremos etários (14 e 19 anos) e, assim, analisar os itens da escala, não foi possível de ser realizado. Com isso, acreditamos que se perdeu uma grande oportunidade de colhermos mais detalhes acerca dos itens, bem como da própria concepção desses adolescentes sobre o que vem a ser o otimismo.

Outro aspecto que deve ser pontuado, ainda sobre a análise do conteúdo dos itens, refere-se à avaliação que os juízes fizeram. No decorrer do processo avaliativo, foi necessário substituir juízes, tendo em vista que dois participantes iniciais não conseguiram concluir a segunda etapa de avaliação. Desse modo, houve uma quebra na evolução das análises dos itens, tendo em vista que dois novos juízes precisaram avaliar o instrumento, sem antes ter tido contato prévio com ele.

Sobre o estudo de evidências de validade baseadas na estrutura interna da escala, podemos elencar uma outra limitação. A proposta inicial era realizar uma Análise Fatorial Confirmatória, a fim de verificar a adequação do modelo no formato composto por três fatores. No entanto, não foram obtidos índices de ajuste satisfatórios e, portanto, optamos por realizar uma Análise Fatorial Exploratória com método de Análise paralela. Apesar disso, os resultados provenientes da AFE confirmaram, a princípio, a existência dos três fatores previamente delimitados. Além disso, outro ponto favorável foi o de que dos 35 itens, apenas quatro não tiveram carga de saturação superior ao mínimo esperado. Quanto as evidências de precisão da escala, os índices de Ômega de McDonald mostraram que tanto a escala em geral, quanto cada um dos três fatores apresentariam consistência interna considerada satisfatória.

No que tange à análise dos itens por meio da TRI, foi possível observar que dos 31 itens avaliados, apenas quatro (12, 13, 15 e 23) apresentaram índices de ajuste não satisfatórios >

1,5. Sobre a avaliação do Funcionamento Diferencial dos Itens em relação ao gênero dos respondentes, notou-se que somente quatro itens apresentaram DIF por gênero (2, 23, 24 e 30). Embora tenham sido encontrados poucos itens com resultados insatisfatórios, julga-se necessário que sejam realizados novos estudos, para que seja avaliado o funcionamento dos itens da Escala de Otimismo para Adolescentes em amostras maiores e diversificadas.

Tendo como base os estudos realizados, é possível concluir que os objetivos foram alcançados, uma vez que os itens se mostraram adequados ao público-alvo a qual se destina, bem como os itens se mostraram representativos em relação às dimensões propostas. Os resultados provenientes dos estudos de evidências de validade se revelaram satisfatórios. No entanto, levando em consideração o fato de que a investigação de evidências de validades deve ser um processo contínuo, novas pesquisas precisam ser feitas a fim de aprofundar e confirmar a consistência dessas evidências de validade e precisão avaliadas.

Por fim, ao final da realização dos cinco estudos de evidências de validade da Escala de Otimismo para Adolescentes, acredita-se que elas atendem parte das solicitações exigidas pela literatura e pelo Conselho Federal de Psicologia. Faz-se necessário ampliar o número de respondentes de modo a incluir de maneira representativa a fim de viabilizar a realização de outras análises importantes, como a de invariância de gênero, idade, escolaridade, relação com construtos associados e até mesmo possíveis diferenças regionais associadas à concepção de otimismo entre os adolescentes brasileiros.

Referências

- Aguiar, P. (2007). *Guia prático Climepsi de estatística em investigação epidemiológica: SPSS*. Climepsi Editores.
- Alves, G. A. S., Souza, M. S., & Baptista, M. N. (2011). Validade e precisão dos testes psicológicos. In R. M. A. Ambiel, I. S. Rabelo, S. V. Pacanaro, G. A. S. Alves & I. F. A. S. Leme (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Guia de consulta para estudantes e profissionais de Psicologia* (pp. 109-128). Casa do Psicólogo.
- Ambiel, R. A. M., & Carvalho, L. F. (2017a). Definições e papel das evidências de validade baseadas na estrutura interna em Psicologia. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 85-100). Vetor.
- Ambiel, R. A. M., & Carvalho, L. F. (2017b). Validade e precisão de instrumentos de Avaliação Psicológica. In M. R. C. Lins & J. C. Borsa (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 115-125). Vozes.
- American Educational Research Association. (2014). *Standards for educational and psychological testing* (3rd ed.). AERA.
- Andrade, J. M., & Valentini, F. (2018). Diretrizes para a construção de testes psicológicos: A Resolução CFP nº 009/2018 em destaque. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38, 28-39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208890>
- Andrich, D. (1978). A rating formulation for ordered response categories. *Psychometrika*, 43(4), 561–573. <https://doi.org/10.1007/BF02293814>
- Aswini, S., & Deb, A. (2017). Flourishing among postgraduate students: The role of resilience, meaningfulness, and grit. *Indian Journal of Community Psychology*, 13(1), 24-38.
- Avvenuti, G., Baiardini, I., & Giardini, A. (2016). Optimism's explicative role for chronic diseases. *Frontiers in Psychology*, 7(295), 1-9. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00295>.

- Bandeira, C. M., Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2015). Tarefas Predictoras de Otimismo em Crianças (TAPOC): Construção e evidências de validade. *Avaliação Psicológica, 14*(2), 199-206. <http://doi.org/10.15689/ap.2015.1402.04>
- Bandeira, M., Bekou, V., Lott, K. S., Teixeira, M. A., & Rocha, S. R. (2002). Validação transcultural do Teste de Orientação da Vida (TOV-R). *Estudos de Psicologia (Campinas), 7*(2), 251-258. <http://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200006>
- Bastianello, M. R., Pacico, J. C., & Hutz, C. H. (2014). Optimism, self-esteem, and personality: Adaptation and validation of the Brazilian version of the Revised Life Orientation Test (LOT-R). *Psico-USF, 19*(3), 523-531. <http://doi.org/10.1590/1413-82712014019003014>
- Bastianello, M. R., & Hutz, C. S. (2015). Do otimismo explicativo ao disposicional: A perspectiva da psicologia positiva. *Psico-USF, 20*, 237-247. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200205>
- Benito, J. G., Sireci, S., García, J. L. P., Montesinos, M. D. H., & Baena, I. B. (2018). Differential item functioning: Beyond validity evidence based on internal structure. *Psicothema, 30*(1), 104-109. <http://doi.org/10.7334/psicothema2017.183>
- Bera, L., Souchon, M., Ladsous, A., Colin, V., & Lopez-Castroman, J. (2022). Emotional and behavioral impact of the COVID-19 epidemic in adolescents. *Current psychiatry reports, 24*(1), 37-46. <https://doi.org/10.1007/s11920-022-01313-8>
- Boden, J. M., Sanders, J., Munford, R., Liebenberg, L., & McLeod, G. F. H. (2016). Paths to positive development: A model of outcomes in the New Zealand youth transitions study. *Child Indicators Research, 9*, 889-911. <http://doi.org/10.1007/s12187-015-9341-3>
- Bond, T., Yan, Z., & Heene, M. (2020). *Applying the Rasch model: Fundamental measurement in the Human Sciences*. Routledge.
- Boone, W. J. (2016). Rasch analysis for instrument development: Why, when, and how? *CBE Life Sciences Education, 15*(4). <https://doi.org/10.1187/cbe.16-04-0148>.

- Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: Dois caminhos possíveis. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de Desenvolvimento de Instrumentos Psicológicos* (pp. 15-38). Vetor.
- Brandseth, O. L., Håvarstein, M. T., Urke, H. B., Haug, E., & Larsen, T. (2019). Mental well-being among students in Norwegian upper secondary schools: The role of teacher support and class belonging. *Norsk Epidemiology*, 28(1-2), 49-58. <http://doi.org/10.5324/nje.v28i1-2.3050>
- Branje, S. (2018). Development of parent-adolescent relationships: Conflict interactions as a mechanism of change. *Child Development Perspectives*, 12(3) 139-214. <http://doi.org/10.1111/cdep.12278>
- Bravo-Andrade, H. R., Ruvalcaba-Romero, N. A., Orozco-Solís, M. G., & Macías-Espinoza, F. (2020). Factores individuales que protegen o favorecen el riesgo de suicidio adolescente: Estudio cualitativo con grupos focales. *Duazary*, 17(1), 36-48. <http://doi.org/10.21676/2389783X.3220>
- Brissette, I., Scheier, M. F., & Carver, C. S. (2002). The role of optimism in social network development, coping, and psychological adjustment during a life transition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(1), 102-111. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.82.1.102>
- Buijs, A., & Jacobs, M. (2021). Avoiding negativity bias: Towards a positive psychology of human–wildlife relationships. *Ambio*, 50(2), 281-288. <https://doi.org/10.1007/s13280-020-01394-w>
- Brown, B. B., & Prinstein, M. J. (Eds.). (2011). *Encyclopedia of Adolescence*. Elsevier.

- Carvajal, S. C. (2012). Global positive expectancies in adolescence and health-related behaviours: Longitudinal models of latent growth and cross-lagged effects. *Psychology and Health, 27*(8), 916-937. <http://doi.org/10.1080/08870446.2011.633241>
- Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and coping. *Annual review of psychology, 61*, 679-704. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100352>
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (2002). Optimism. In C. R. Synder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of Positive Psychology* (pp. 231–243). Oxford University Press.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (2014). Dispositional optimism. *Trends in Cognitive Sciences, 18*(6), 293-299. <http://doi.org/10.1016/j.tics.2014.02.003>
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (2019). Optimism. In M. W. Gallagher & S. J. Lopez (Eds.), *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures* (pp. 61-76). American Psychological Association. <http://doi.org/10.1037/0000138-005>
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Segerstrom, S. C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review, 30*, 879-889. <http://doi.org/10.1016/j.cpr.2010.01.006>
- Castro-Schilo, L., Ferrer, E., Taylor, Z. E., Robins, R. W., Conger, R. D., & Widaman, K. F. (2013). Parents' optimism, positive parenting, and child peer competence in Mexican-origin families. *Parenting: Science and Practice, 12*, 95–112. <http://doi.org/10.1080/15295192.2012.709151>
- Chen, Y., Su, J., Ren, Z., & Huo, Y. (2019). Optimism and mental health of minority students: Moderating effects of cultural adaptability. *Frontiers in Psychology, 10*, 1-24. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02545>
- Christensen, R., & Knezek, G. (2014). Comparative measures of grit, tenacity, and perseverance. *International Journal of Learning, Teaching and Educational Research, 8*(1), 16-30.

- Chui, W. H., & Wong, M. Y. H. (2015). Gender differences in happiness and life satisfaction among adolescents in Hong Kong: Relationships and self-concept. *Social Indicators Research, 125*(3), 1035-1051. <http://doi.org/10.1007/s11205-015-0867-z>
- Coelho, G. L. H., Vilar, R., Hanel, P. H. P., Monteiro, R. P., Ribeiro, M. G. C., & Gouveia, V. V. (2018). Optimism scale: Evidence of psychometric validity in two countries and correlations with personality. *Personality and Individual Differences, 134*, 245-251. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2018.06.030>
- Couto, M. C. V., & Delgado, P. P. G. (2015). Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: Inclusão tardia, desafios atuais. *Psicologia Clínica, 27*(1), 17-40. <https://doi.org/10.1590/0103-56652015000100002>
- Crawford, A. V., Green, S. B., Levy, R., Lo, W., Scott, L., Svetina, D., & Thompson, M. S. (2010). Evaluation of parallel analysis methods for determining the number of factors. *Educational and Psychological Measurement, 70*(6), 885-901.
- Curran, T., & Wexler, L. (2017). School-based positive youth development: A systematic review of the literature. *Journal of School Health, 87*(1), 71-80. <http://doi.org/10.1111/josh.12467>
- Damáσιο, B. F., & Dutra, D. F. (2017). Análise fatorial exploratória: Um tutorial com o software factor. In: B. F. Damásio & J. C. Borsa. (Orgs.), *Instrumentos Psicológicos: Manual de desenvolvimento* (pp. 241-266). Vetor.
- Damáσιο, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment, 11*(2), 213-228. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Damon, W. (2004). What is positive youth development? *The Annals of the American Academy of Political and social science, 591*, 13-23. <http://doi.org/10.1177/0002716203260092>

- Deng, Y., Yan, M., Henry, C., Sun, X, Zhang, P., Zeng, X., Liu, X., & Lye, Y. (2016). Attachment security balances perspectives: Effects of security priming on highly optimistic and pessimistic explanatory styles. *Frontiers in Psychology, 7*, 1269. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01269>
- Duan, L., & Zhu, G. (2020). Psychological interventions for people affected by the COVID-19 epidemic. *The lancet psychiatry, 7*(4), 300-302. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30073-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30073-0)
- Duckworth, A., & Gross, J. (2014). Self-control and grit: Related but separable determinants of success. *Association for Psychological Science, 23*(5), 319-325. <http://doi.org/10.1177/0963721414541462>
- Duckworth, A., Peterson, C., Matthews, M., & Kelly, D. (2007). Grit: Perseverance and passion for long-term goals. *Journal of Personality and Social Psychology, 92*(6), 1087–1101. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.92.6.1087>
- Dziuban, C. D., & Shirkey, E. C. (1974). When is a correlation matrix appropriate for factor analysis? Some decision rules. *Psychological bulletin, 81*(6), 358-361. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0036316>
- Esmaeeli, B., Esmaeili, S. E., Norooziasl, S., Shojaei, H., Pasandideh, A., Khoshkholgh, R., Benyamin, F., Farzaneh, B. A. (2021). The optimal number of choices in multiple-choice tests: A systematic review. *Medical Education Bulletin, 2*(3), 253-60. <http://doi.org/10.22034/MEB.2021.311998.1031>
- Ey, S., Hadley, W., Allen, D. N., Palmer, S., Klosky, J., Deptula, D., Thomas, J., & Cohen, R. (2005). A new measure of children's optimism and pessimism: The youth life orientation test. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 46*(5), 548–558. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00372.x>

- Fadda, D., Scalas, L. F., & Meleddu, M. (2015). Contribution of personal and environmental factors on positive psychological functioning in adolescents. *Journal of Adolescence*, *43*, 119-131. <http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.05.019>
- Fegert, J. M., Vitiello, B., Plener, P. L., & Clemens, V. (2020). Challenges and burden of the Coronavirus 2019 (COVID-19) pandemic for child and adolescent mental health: a narrative review to highlight clinical and research needs in the acute phase and the long return to normality. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, *14*, 1-11. <https://doi.org/10.1186/s13034-020-00329-3>
- Fenn, J., Tan, C. S., & George, S. (2020). Development, validation, and translation of psychological tests. *BJ Psych Advances*, *26*(5), 306-315. <http://doi.org/10.1192/bja.2020.33>
- Ferrando, P. J., Chico, E., & Tous. J. M. (2002). Propiedades psicométricas del test de optimismo Life Orientation Test. *Psicothema*, *14*(3), 673-680.
- Fleiss, J. L. (1981). Balanced incomplete block designs for inter-rater reliability studies. *Applied Psychological Measurement*, *5*(1), 105-112. <http://doi.org/10.1177/014662168100500115>
- Fonseca, M. G., Gontijo, C. H., & de Souza, J. C. S. (2015). O tratamento quantitativo e sua potencialidade para a construção de testes psicométricos em pesquisas de educação matemática. *Perspectivas da Educação Matemática*, *8*(18). <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/869/981>
- Fonseca, R. J. R. M. D., Silva, P. J. D. S. P. D., & Silva, R. R. D. (2007). Acordo inter-juízes: O caso do coeficiente kappa. *Laboratório de Psicologia*, 81-90. <http://doi.org/10.14417/lp.759>

- Forgeard, M. J. C., & Seligman, M. E. P. (2012). Seeing the glass half full: A review of the causes and consequences of optimism. *Pratiques Psychologiques, 18*, 107–120. <http://doi.org/10.1016/j.prps.2012.02.002>
- Franco, G. R., & Rodrigues, M. C. (2014). Programas de intervenção na adolescência: Considerações sobre o Desenvolvimento Positivo do Jovem. *Trends in Psychology/Temas em Psicologia, 22*(4), 677-690. <http://doi.org/10.9788/TP2014.4-01>
- Freitas, C. P. P., & Damásio, B. F. (2017). Evidências de validade com base nas relações com medidas externas: Conceituação e problematização. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 101-118). Vetor.
- García-Moya, I., Johansson, K., Ragnarsson, S., Bergström, E., & Petersen, S. (2018). School experiences in relation to emotional and conduct problems in adolescence: A 3-year follow up study. *European Journal of Public Health, 29*(3), 436-441. <http://doi.org/10.1093/eurpub/cky244>
- Gaspar, T., Ribeiro, J. L. P., Matos, M. G., Leal, I., & Ferreira, A. (2009). Optimismo em crianças e adolescentes: Adaptação e validação do LOT-R. *Psicologia Reflexão e Crítica, 22*(3), 439-446.
- Giacomoni, C. H., Bandeira, C. M., & Oliveira, C. M. (2018). Papel do otimismo na educação e no processo de aprendizagem. In T. C. Nakano (Org.), *Psicologia Positiva aplicada à educação* (pp. 99-112). Vetor.
- González, C., Inglés, C. J., Sanmartín, R., Vicent, M., Gisbert, B., García-Fernández, J. M. (2018). Youth Life Orientation Test-Spanish Version: Factorial invariance, latent mean differences, and effects on school refusal. *School Mental Health, 10*, 477-487. <https://doi.org/10.1007/s12310-018-9266-3>
- Guessoum, S. B., Lachal, J., Radjack, R., Carretier, E., Minassian, S., Benoit, L., & Moro, M. R. (2020). Adolescent psychiatric disorders during the COVID-19 pandemic and

- lockdown. *Psychiatry Research*, 291, 113264.
<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113264>
- Hambleton, H. K., & Swaminatham, H. (Eds.). (1985). *Item Response Theory: Principles and Applications*. Kluwer.
- Harris, A. J. L., & Hahn, U. (2011). Unrealistic optimism about future life events: A cautionary note. *Psychological Review*, 118(1), 135-154. <http://doi.org/10.1037/a0020997>
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1-55. <http://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Hutz, C. S. (Org.). (2014). *Avaliação em psicologia positiva*. Artmed.
- Jefferson, A., Bortolotti, L., & Kuzmanovic, B. (2017). What is unrealistic optimism? *Consciousness and Cognition*, 50, 3-11. <http://doi.org/10.1016/j.concog.2016.10.005>
- Kelberer, L. J. A., Kraines, M. A., & Wells, T. T. (2018). Optimism, hope, and attention for emotional stimuli. *Personality and Individual Differences*, 124, 84-90. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2017.12.003>
- Kline, R. B. (Ed.). (2005). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (2nd ed.). The Guilford Press.
- Kwok, S. Y. C. L., & Gu, M. (2017). The role of emotional competence in the association between optimism and depression among Chinese adolescents. *Child Indicators Research*, 10, 171-185. <http://doi.org/10.1007/s12187-016-9366-2>
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 159-174. <http://doi.org/10.2307/2529310>
- Laranjeira, C. A. (2008). Tradução e validação portuguesa do Revised Life Orientation Test (LOT-R). *Universitas Psychologica*, 7(2), 469-476.

- Lee, J. (2020). Mental health effects of school closures during COVID-19. *The Lancet Child & Adolescent Health*, 4(6), 421. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30109-7](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30109-7)
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., & Buckingham, M. H. (2023). The development of the developmental science of adolescence: Then, now, next-and necessary. In L. J. Crockett, G. Carlo & J. E. Schulenberg (Eds.), *APA handbook of adolescent and young adult development* (pp. 723–741). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000298-044>
- Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.). (2009). *Handbook of adolescent psychology, volume 1: Individual bases of adolescent development* (Vol. 1). John Wiley & Sons.
- Linacre, J. M., & Wright, B. (Orgs.). (1995). *Rasch measurement transactions*. MESA Press.
- Linacre, J. M. (2021). *Winsteps® Rasch measurement computer program User's Guide*. (Version 5.1.1) [Computer software].
- Liu, C., & Bates, T. C. (2014). The structure of attributional style: Cognitive styles and optimism–pessimism bias in the Attributional Style Questionnaire. *Personality and Individual Differences*, 66, 79-85. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2014.03.022>
- Lomas, T., & Ivtzan, I. (2016). Second wave positive psychology: Exploring the positive-negative dialectics of wellbeing. *Journal of Happiness Studies*, 17, 1753–1768. <http://doi.org/10.1007/s10902-015-9668-y>
- Lomas, T., Waters, L., Williams, P., Oades, L. G., & Kern, M. L. (2021). Third wave positive psychology: Broadening towards complexity. *The Journal of Positive Psychology*, 16(5), 660-674. <http://doi.org/10.1080/17439760.2020.1805501>
- Lowell, E., Tonnsen, B., Bailey, D. B., & Roberts, J. E. (2017). The effects of optimism, religion, and hope on mood and anxiety disorders in women with the FMR1 premutation. *Journal of Intellectual Disability Research*, 61(10), 916–927. <https://doi.org/10.1111/jir.12409>

- Luz, J. M. O., Murta, S. G., & Aquino, T. A. A. (2015). Programas de promoção de saúde mental em grupo para adolescentes. In C. B. Neufeld (Org.), *Terapia Cognitivo-Comportamental em grupo para crianças e adolescentes* (pp. 52-72). Artmed.
- Lynn, M. R. (1986). Determination and quantification of content validity. *Nursing Research*, 35(6), 382-385. <http://doi.org/10.1097/00006199-198611000-00017>
- Machado, F. A., Gurgel, L. G., & Reppold, C. T. (2017). Intervenções em Psicologia Positiva na reabilitação de adultos e idosos: Revisão da literatura. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(1), 119-130. <http://doi.org/10.1590/1982-02752017000100012>
- McKenna, F. P. (1993). It won't happen to me: Unrealistic optimism or illusion of control? *British Journal of Psychology*, 84(1), 39-50. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8295.1993.tb02461.x>
- Moreira, J. F. G., & Telzer, E. H. (2015). Changes in family cohesion and links to depression during the college transition. *Journal of Adolescence*, 43, 72-82. <http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.05.012>
- Morris, A. S., Houlberg, B. J., Criss, M. M., & Bosler, C. D. (2017). Family context and psychopathology: The mediating role of children's emotion regulation. In L. C. Centifanti & D. M. Williams (Eds.), *The Wiley handbook of developmental psychopathology* (pp.365-389). Wiley-Blackw. <http://doi.org/10.1002/9781118554470.ch18>
- Muniz, M., & Freitas, C. P. P. (2017). Padronização e normatização de instrumentos psicológicos. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 57-84). Vetor.
- Nes, L. S., & Segerstrom, S. C. (2006). Dispositional optimism and coping: A meta-analytic review. *Personality and social psychology review*, 10(3), 235-251. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1003_3

- Oliveira, C. M., Bandeira, C. M., & Giacomoni, C. H. (2019). Informatização e validação do instrumento Tarefas Predictoras de Otimismo em Crianças–TAPOC. *Avaliação Psicológica, 18*(2), 183-191. <http://doi.org/10.15689/ap.2019.1802.14242.09>
- Oliveira, C. M., Zanon, C., Bandeira, C. M., Heath, P. J., & Giacomoni, C. H. (2022). Evaluating optimism in children and adolescents: Adaptation, factor structure, convergent validity, and invariance of the Brazilian version of the Youth Life Orientation Test (YLOT). *Psychological assessment, 34*(1), e1–e14. <https://doi.org/10.1037/pas0001090>
- Orben, A., Tomova, L., & Blakemore, S. J. (2020). The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. *The Lancet Child & Adolescent Health, 4*(8), 634-640. [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30186-3](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30186-3)
- Ottati, F., & Noronha, A. P. P. (2017). Factor structure of the Life Orientation Test-Revised (LOT-R). *Acta Colombiana de Psicología, 20*(1), 32-39. <http://doi.org/10.14718/ACP.2017.20.1.3>
- Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira & C. M. Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 55-70). Artmed.
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de psiquiatria clínica, 25*(5), 206-213. <http://mpet.ifam.edu.br/wp-content/uploads/2017/12/Principios-de-elaboracao-de-escalas-psicologicas.pdf>
- Pasquali, L. (2009). Psicometria. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, 43*(SPE), 992-999. <http://doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>
- Pasquali, L. (2016). Princípios de elaboração de escalas. In C. Gorenstein, Y-P. Wang, I. Hungerbühler (Orgs.), *Instrumentos de avaliação em saúde mental*. (pp. 4-11). Artmed.
- Pasquali, L., & Primi, R. (2003). Fundamentos da teoria da resposta ao item: TRI. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment, 2*(2), 99-110. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5115864>

- Patton, G. C., Tollit, M. M., Romaniuk, H., Spence, S. H., Sheffield, J., & Sawyer, M. G. (2011). A Prospective study of the effects of optimism on adolescent health risks. *Pediatrics*, *127*(2), 308–316. <http://doi.org/10.1542/peds.2010-0748>
- Peixoto, E. V., & Ferreira-Rodrigues, C. F. (2019). Propriedades psicométricas dos testes psicológicos. In M. N. Baptista et al. (Orgs.), *Compêndio de Avaliação Psicológica* (pp. 29-39). Vozes.
- Perroca, M. G., & Gaidizinski, R. R. (2003). Avaliando a confiabilidade interavaliadores de um instrumento para classificação de pacientes-coeficiente Kappa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, *37*(1), 72-80. <http://doi.org/10.1590/S0080-62342003000100009>
- Peterson, C., Schulman, P., Castellon, C., & Seligman, M. E. P. (1992). CAVE: Content analysis of verbatim explanations. In C. P. Smith (Ed.), *Motivation and personality: Handbook of thematic content analysis* (pp. 383-392). Cambridge University Press.
- Peterson, C., Semmel, A., Baeyer, C., Abramson, L. Y., Metalsky, G. I., & Seligman, M. E. P. (1982). The attributional style questionnaire. *Cognitive Therapy and Research*, *6*, 287-299. <https://doi.org/10.1007/BF01173577>
- Peterson, C., & Steen, T. A. (2002). Optimistic explanatory style. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of Positive Psychology* (pp. 244–256). Oxford University Press.
- Pires, J. G., Nunes, M. F. O., & Nunes, C. H. S. S. (2015). Instrumentos baseados em Psicologia Positiva no Brasil: Uma revisão sistemática. *Psico-USF*, *20*(2), 287-295. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200209>
- Popov, S., Jakovljević, I., Radanović, J., & Biro, M. (2020). The effect of unconditional self-acceptance and explicit self-esteem on personal explanatory style. *International Journal of Cognitive Therapy*, *13*, 271-286. <http://doi.org/10.1007/s41811-020-00082-7>

- Primi, R. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: Fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(SPE), 25-35. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500003>
- Primi, R. (2012). Psicometria: Fundamentos matemáticos da Teoria Clássica dos Testes. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 297-307.
- Quiceno, J. P., & Vinaccia, S. (2014). Calidad de vida en adolescentes: Análisis desde las fortalezas personales y las emociones negativas. *Terapia psicológica*, 32(3), 185-200. <http://doi.org/10.4067/S0718-48082014000300002>
- Rajan, P. R. S., Nagalingam, S., & Arumugam, B. (2018). Behavioral and emotional changes among adolescent populace. *International Journal of Scientific Study*, 6(7), 131-134. <http://doi.org/10.17354/ijss/2018/26>
- Renaud, J., Barker, E. T., Hendricks, C., Putnick, D. L., & Bornstein, M. H. (2019). The developmental origins and future implications of dispositional optimism in the transition to adulthood. *International Journal of Behavioral Development*, 43(3), 221–230. <https://doi.org/10.1177/0165025418820629>
- Reppold, C. T., Gurgel, L. G., & Almeida, L. S. (2018). Intervenções de psicologia positiva no contexto da psicologia escolar. In T.C. Nakano (Org.), *Psicologia positiva aplicada à educação* (pp. 7-18). Vetor.
- Ribeiro, J. L. P., Pedro, L., & Marques, S. (2012). Dispositional optimism is unidimensional or bidimensional? The Portuguese Revised Life Orientation Test. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(3), 1259-1271.
- Rodríguez-Naranjo, C., & Cano, A. (2010). Development and validation of an attributional style questionnaire for adolescents. *Psychological Assessment*, 22(4), 837. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0020426>

- Salazar, J., Sempere, E., Pérez, S., Tabarés, R., & Gómez, M. (2018). Five interpersonal factors are predictive of response to treatment of major depression with antidepressants in primary care. *Frontiers in Psychiatry, 9*, 1–9. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2018.00416>
- Sanjuán, P., & Magallanes, A. (2006). Estudio del efecto del optimismo disposicional em el bienestar físico y psicológico desde una perspectiva longitudinal. *Acción Psicológica, 4*(1), 47-55.
- Santos, L., Faro, A., & Baptista, M. N. (2019). *Effect of optimism, self-esteem, and self-efficacy to cope with depression in adolescence*. (Manuscript submitted for publication).
- Santos, M. C. (2018). *Construção e Validação de uma Escala de Otimismo para Adultos* (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas). <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1073>
- Santos-Vitti, L., & Nakano, T. C. (2021). Avaliação do otimismo: Revisão dos instrumentos disponíveis no Brasil. *Revista de Psicologia da IMED, 13*(1), 230-245. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.3983>
- Santos, M. C., & Wechsler, S. M. (2015). Análise das publicações científicas sobre otimismo em saúde no último triênio. *Psicologia Argumento, 33*(83), 470-482 <http://doi.org/10.7213/psicol.argum.33.083.AO03>
- Santos, M. C., & Wechsler, S. M. (2020). Escala de Otimismo para Adultos: Construção e validação. *Psico-USF, 25*(1), 89-100. <http://doi.org/10.1590/1413-82712020250108>
- Sawyer, S. M., Azzopardi, P. S., Wickremarathne, D., & Patton, G. C. (2018). The age of adolescence. *The Lancet Child & Adolescent Health, 2*(3), 223-228. [http://doi.org/10.1016/S2352-4642\(18\)30022-1](http://doi.org/10.1016/S2352-4642(18)30022-1)
- Schaefer, R., Barbiani, R., Nora, C. R. D., Viegas, K., Leal, S. M. C., Lora, P. S., Ciconet, R., & Micheletti, V. D. (2018). Políticas de saúde de adolescentes e jovens no contexto luso-

brasileiro: Especificidades e aproximações. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9), 2849-2858.

<https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.11202018>

Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem): A reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 1063. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.67.6.1063>

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1985). Optimism, coping, and health: Assessment and implications of generalized outcome expectancies. *Health Psychology*, 4(3), 219–247. <http://doi.org/10.1037//0278-6133.4.3.219>

Scheier, M. F., & Carver, C. S. (2018). Dispositional optimism and physical health: A long look back, a quick look forward. *American Psychologist*, 73(9), 1082-1094. <http://doi.org/10.1037/amp000038>

Schrank, B., Brownell, T., Tylee, A., & Slade, M. (2014). Positive psychology: An approach to supporting recovery in mental illness. *East Asian Archives of Psychiatry*, 24, 95-103. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25316800>

Schwaba, T., Robins, R. W., Sanghavi, P. H., & Bleidorn, W. (2019). Optimism development across adulthood and associations with positive and negative life events. *Social Psychological and Personality Science*, 10(8), 1092-1101. <http://doi.org/10.1177/1948550619832023>

Schweizer, S., Gotlib, I. H., & Blakemore, S. (2020). The role of affective control in emotion regulation during adolescence. *Emotion*, 20, 80-86. <http://doi.org/10.1037/emo0000695>

Segerstrom, S. C., Carver, C. S., & Scheier, M. F. (2017). Optimism. In M. Robinson & M. Eid (Eds.), *The Happy Mind: Cognitive Contributions to Well-Being* (pp.195-212). Springer. http://doi.org/10.1007/978-3-319-58763-9_11

- Seibel, B. L., & Poletto, M. (2016). Psicologia Positiva: História e futuro. In B. L. Seibel, M. Poletto & S. H. Koller (Orgs.), *Psicologia Positiva* (pp. 9-12). Juruá Editora.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychological Association*, 55(1), 5-14. <http://doi.org/10.1037//0003-066x.55.1.5>
- Seligman, M. E. P., Kaslow, N. J., Alloy, L. B., Peterson, C., Tanenbaum, R. L., & Abramson, L. Y. (1984). Attributional style and depressive symptoms among children. *Journal of Abnormal Psychology*, 93(2), 235-238. <http://doi.org/10.1037/0021-843x.93.2.235>
- Seligman, M. E. P. (2004). *Authentic Happiness: Using the new Positive Psychology to realize your potential for lasting fulfillment*. Atria Paperback.
- Seligman, M. E. P. (2008). Positive health. *Applied psychology*, 57, 3-18. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00351.x>
- Seligman, M. E. P. (2019). Positive Psychology: A personal history. *Annual Review of Clinical Psychology*, 15, 1-23. <http://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050718-095653>
- Seligman, M. E. P., Peterson, C., Kaslow, N. J., Tanenbaum, R. J., Alloy, L. B., & Abramson, L. Y. (1984). Attributional style and depressive symptoms among children. *Journal of Abnormal Psychology*, 83, 235-238.
- Shek, D. T., Dou, D., Zhu, X., & Chai, W. (2019). Positive youth development: Current perspectives. *Adolescent health, medicine, and therapeutics*, 10, 131-141. <http://doi.org/10.2147/AHMT.S179946>
- Shepperd, J. A., Klein, W. M., Waters, E. A., & Weinstein, N. D. (2013). Taking stock of unrealistic optimism. *Perspectives on Psychological Science*, 8(4), 395-411. <http://doi.org/10.1177/1745691613485247>

- Shepperd, J. A., Pogge, G., & Howell, J. L. (2017). Assessing the consequences of unrealistic optimism: Challenges and recommendations. *Consciousness and Cognition*, *50*, 69-78. <http://doi.org/10.1016/j.concog.2016.07.004>
- Strauss, R. (2007). A positive perspective on adolescent mental health. *Continuing Medical Education*, *25*(5), 232-235. <https://www.ajol.info/index.php/cme/article/viewFile/43764/27287>
- Tamres, L. K., Janicki, D., & Helgeson, V. S. (2002). Sex differences in coping behavior: A meta-analytic review and an examination of relative coping. *Personality and Social Psychology Review*, *6*(1), 2–30. https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0601_1
- Teixeira, M. R., Couto, M. C. V., & Delgado, P. G. G. (2017). Atenção básica e cuidado colaborativo na atenção psicossocial de crianças e adolescentes: facilitadores e barreiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, *22*, 1933-1942. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017226.06892016>
- Thomson, K. C., Schonert-Reichl, K. A., & Oberle, E. (2015). Optimism in early adolescence: Relations to individual characteristics and ecological assets in families, schools, and neighborhoods. *Journal of Happiness Studies*, *16*(4), 889-913. <http://doi.org/10.1007/s10902-014-9539-y>
- Tolan, P., Ross, K., Arkin, N., Godine, N., & Clark, E. (2016). Toward an integrated approach to positive development: Implications for intervention. *Applied Developmental Science*, *20*(3), 214-236. <https://doi.org/10.1080/10888691.2016.1146080>
- Uribe, F. A. R., Espejo, C. A. N., & Pedroso, J. S. (2022). The role of optimism in adolescent mental health: A systematic review. *Journal of Happiness Studies*, *23*, 815–845. <https://doi.org/10.1007/s10902-021-00425-x>

- Valentini, F., & Laros, J. A. (2012). Métodos atuais de estatística aplicada e psicometria. In C. S. Hutz (Org.), *Avanços em avaliação psicológica e neuropsicológica de crianças e adolescentes* (pp. 7-40). Casa do Psicólogo.
- Valentsia, G. K. D., & Wijono, S. (2020). Optimisme dengan problem focused coping pada mahasiswa yang sedang mengerjakan tugas akhir. *Edukatif: Jurnal Ilmu Pendidikan*, 2(1), 15-22. <https://doi.org/10.31004/edukatif.v2i1.74>
- Vautier, S., Raufaste, E., & Cariou, M. (2003). Dimensionality of the Revised Life Orientation Test and the status of the filler items. *International Journal of Psychology*, 38(6), 390-400.
- Vegada, B., Shukla, A., Khilnani, A., Charan, J., & Desai, C. (2016). Comparison between three options, four option and five option multiple choice question tests for quality parameters: A randomized study. *Indian Journal of Pharmacology*, 48(5), 571-575. <http://doi.org/10.4103/0253-7613.190757>
- Villarroel, P. B., Rubio, N. C., & Atenas, K. C. (2009). Evaluación del optimismo: Un análisis preliminar del Life Orientation Test version revisada (LOT-R) en población chilena. *Universitas Psychologica*, 8(1), 61-68.
- Vinagre, M. G., & Barros, L. (2019). Preferências dos adolescentes sobre os cuidados de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(5), 1627-1636. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018245.04362019>
- Waid, J., & Uhrich, M. (2020). A scoping review of the theory and practice of positive youth development. *The British Journal of Social Work*, 50(1), 5-24. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcy130>
- Wang, C., Pan, R., Wan, X., Tan, Y., Xu, L., Ho, C. S., & Ho, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of Coronavirus Disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. *International*

- Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5), 1729.
<http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17051729>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). Avaliação da validade do Questionário de Estilo de Atribuição para crianças (CASQ). *Psicologia Escolar e Educacional*, 7(2), 161-170. <http://doi.org/10.1590/S1413-85572003000200006>
- Weinstein, N. D. (1980). Unrealistic optimism about future life events. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(5), 806–820. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.39.5.806>
- Wissing, M. P. (2022). Beyond the “third wave of positive psychology”: Challenges and opportunities for future research. *Frontiers in Psychology*, 12, 795067. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.795067>
- Wong, P. T. P. (2011). Positive psychology 2.0: Towards a balanced interactive model of the good life. *Canadian Psychology*, 52(2), 69–81. <http://doi.org/10.1037/a0022511>
- Yang, Y., Li, W., Zhang, Q., Zhang, L., Cheung, T., & Xiang, Y. T. (2020). Mental health services for older adults in China during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 7, e19. [https://doi.org/01016/S2215-0366\(20\)30079-1](https://doi.org/01016/S2215-0366(20)30079-1)
- Zenger, M., Finck, C., Zanon, C., Jimenez, W., Singer, S., & Hinz, A. (2013). Evaluation of the Latin American version of the Life Orientation Test-Revised. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 13(3), 243-252. [http://doi.org/10.1016/s1697-2600\(13\)70029-2](http://doi.org/10.1016/s1697-2600(13)70029-2)
- Zhang, Y., Li, H., & Zou, S. (2011). Association between cognitive distortion, type D personality, family environment, and depression in Chinese adolescents. *Depression Research and Treatment*, 2011, 1-8. <http://doi.org/10.1155/2011/143045>
- Zou, R., Zhang, D. J., Niu, G. F., Xie, X. C., Fan, C. Y., Tian, Y., & Zhou, Z. K. (2016). Cross-sectional age differences in dispositional optimism in Chinese Children and adolescents.

Personality and Individual Differences, 102, 133–138.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.06.063>

World Health Organization. (2017). *Global accelerated action for the health of adolescents (AA-HA!): Guidance to support country implementation*.

<https://www.who.int/publications/i/item/9789241512343>

World Health Organization. (2022). *Mental health and COVID-19: Early evidence of the pandemic's impact: scientific brief*. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/352189>

World Health Organization. (2022). *World mental health report: Transforming mental health for all*. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/356119>

ANEXOS

Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para juízes

Prezado(a) Avaliador(a),

O otimismo é um traço de personalidade o qual se refere às crenças de resultados futuros positivos. Dessa forma, otimistas tendem a esperar mais coisas positivas para o seu futuro do que os pessimistas. Estima-se que o efeito positivo do otimismo tem se mostrado associado a melhores resultados em saúde física e mental e, conseqüentemente, ao menor adoecimento geral. Tendo em vista os efeitos positivos do otimismo, bem como a importância de estratégias de prevenção e promoção de saúde voltadas para a adolescência, o estudo em questão objetiva construir e investigar evidências de validade de uma Escala de Otimismo para Adolescentes de 14 aos 19 anos de idade. Este estudo faz parte da minha tese de doutorado, desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a orientação da Professora Doutora Tatiana Nakano.

Gostaria de convidá-lo(a) para participar da etapa que corresponde à avaliação das evidências de validade baseadas no conteúdo do referido instrumento, realizada por meio da análise de juízes especialistas na temática em questão e/ou em temas relacionados à Psicologia Positiva. Assim, a sua tarefa será analisar os itens de acordo com as definições propostas, a fim de agrupar cada um deles em um dos três fatores previamente estabelecidos. Além disso, você deverá também identificar qual o estilo (otimista/pessimista) melhor define o conteúdo descrito em cada item. Estima-se que essa atividade terá duração aproximada de 50 minutos.

Acredita-se que os riscos psicológicos são mínimos, os quais poderão relacionar-se ao cansaço ocasionado pelo processo de avaliação dos itens. Caso seja necessário, você poderá interromper a sua avaliação e retomá-la em um momento apropriado sem que haja nenhum tipo de prejuízo. Do mesmo modo, salientamos que você poderá desistir da tarefa a qualquer momento, ainda que já tenha sido iniciado o processo de avaliação do conteúdo dos itens. A sua contribuição é voluntária, sendo assim não haverá nenhum tipo de ônus ou recompensa financeira devido a sua participação ou o interrompimento dela.

Assegura-se o sigilo quanto a sua identidade e avaliação realizada, visto que os resultados serão redigidos e apresentados de maneira generalista em comunicações públicas. Caso aceite participar deste estudo, você deverá assinar o presente termo. Serão entregues duas vias, uma deverá ser devolvida à pesquisadora responsável e a outra ficará com o respondente. Salienta-se que somente participarão desta etapa os juízes que aceitarem contribuir ativamente com ela, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Este projeto foi aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Em caso de dúvidas, entrar em contato por meio do telefone (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, ou pessoalmente no endereço: Rua Professor Doutor Euclides de Jesus Zerbini, 1516 – Campus I – prédio A02 – térreo - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 – Campinas - SP. Horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 - 12h00 e das 13h00 às 17h00. O mesmo poderá ser consultado para quaisquer esclarecimentos relacionados aos aspectos éticos da pesquisa. Esclarecimentos de outra natureza poderão ser realizados diretamente com a pesquisadora responsável pelo telefone (79) 99939-4578 ou e-mail lais.s2@puc-campinas.edu.br.

Desde já agradeço a sua colaboração e disponibilidade.

Laís Santos Vitti

Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas

lais.s2@puc-campinas.edu.br

Nome do juiz (a): _____

Titulação: _____

Ocupação: _____

Telefone (s): _____

E-mail: _____

Quero receber atualizações sobre a pesquisa: () SIM () NÃO

Local: _____

Data: ___ / ___ / ___

ASSINATURA DO(A) JUIZ(A)

LAÍS SANTOS VITTI
PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Anexo 2. Formulário para juízes

Prezado(a) Avaliador(a),

Você foi convidado para participar da pesquisa intitulada “Escala de Otimismo para adolescentes: construção de instrumento e investigação de suas qualidades psicométricas”, realizada por Laís Santos Vitti, doutoranda do curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, orientada pela Professora Doutora Tatiana Nakano.

A sua participação consistirá na avaliação do conteúdo e pertinência dos itens que compõem a primeira versão da Escala de Otimismo para Adolescentes de 14 aos 19 anos de idade, a qual é composta por 60 itens. Para tanto, você deverá avaliar os itens a partir de dois critérios. O primeiro deles diz respeito à identificação da dimensão à qual o item se refere. Para tal, salienta-se que o instrumento é composto por três dimensões (expectativas, coping e Persistência). A seguir são apresentadas as definições detalhadas de cada uma delas.

Dimensão	Definição
Persistência	corresponde à característica de não desistir facilmente diante de adversidades, continuar se esforçando e focar nos objetivos e ações para o alcance de metas.
Expectativa	diz respeito às expectativas positivas e negativas sobre a obtenção de um objetivo. Estima-se que os otimistas, em comparação aos pessimistas, esperem mais resultados positivos do que negativos para o seu futuro
<i>Coping</i>	Se refere às estratégias de coping utilizadas por otimistas e pessimistas. Em geral, as pessoas otimistas tendem a utilizar estratégias com foco no problema e foco na emoção adaptativa. Por sua vez, os pessimistas tendem a usar estratégias de negação e evitação, assim como estratégias que diminuem a consciência do problema, tais como: dormir, comer, beber, evitar o contato social e/ou se distanciar)

Você deverá ler os itens e avaliar qual das dimensões melhor caracteriza o conteúdo apresentado. Para tanto, você deverá assinalar com um “X” a dimensão a qual, na sua opinião, o item pertence. Ressalta-se que todo o processo de avaliação deverá ser realizado tendo como base as definições teóricas preestabelecidas.

O segundo critério diz respeito à identificação do estilo de crenças (otimista/pessimista). Assim sendo, você deverá identificar qual estilo condiz com a crença apresentada na frase em questão. Para tal, você deverá assinalar sua escolha marcando um “X” na coluna referente ao estilo escolhido. Ao final dessas duas avaliações, haverá um espaço para sugestões e críticas que você deseje fazer no que tange ao conteúdo, estrutura e linguagem dos itens.

Anexo 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais/responsáveis dos adolescentes de 14 aos 17 anos

Prezados pais e/ou responsáveis,

Seu filho(a) ou menor sob a sua responsabilidade está sendo convidado(a) para participar de um estudo de doutorado cujo objetivo é construir e investigar as evidências de validade de uma Escala de Otimismo para adolescentes de 14 aos 19 anos. Essa escala foi desenvolvida tendo como base a ideia de que o otimismo diz respeito às crenças positivas em relação aos resultados futuros.

Para participar desse estudo, os adolescentes com 14 anos deverão apresentar uma carta de autorização assinada pelos pais e/ou responsáveis. Além da carta de autorização, os adolescentes devem confirmar o aceite em participar dessa pesquisa mediante a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Após a autorização dos pais/responsáveis e o aceite do adolescente, os participantes deverão responder a Escala de Otimismo para Adolescentes. Ela é composta por 60 frases que abordam questões relacionadas ao otimismo. Além disso, o adolescente deverá responder um questionário sociodemográfico que contém três questões, a saber: (1) gênero (masculino ou feminino), (2) idade (em anos) e (3) escolaridade (1º, 2º ou 3º). A duração estimada para o preenchimento dos instrumentos é de aproximadamente 15 minutos. Os adolescentes responderão os instrumentos de modo *online* mediante o acesso a um formulário disponível em uma plataforma digital (*Google Forms*).

Considerando-se que a atividade a ser desenvolvida é bastante simples, pressupõe-se que a pesquisa envolva riscos psicológicos mínimos como, por exemplo, uma possível dificuldade para responder algum item e/ou cansaço ou aborrecimento ao responder questionário.

A pesquisadora responsável e sua orientadora serão as únicas pessoas que terão acesso às informações coletadas. Tomaremos todas as providências necessárias para garantir o sigilo sobre os dados obtidos, mas sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei. Os dados impressos serão guardados em uma gaveta com chave. Já os dados digitais serão armazenados em uma nuvem *online* (*Google Drive*). O material coletado será guardado por cinco anos, sendo posteriormente destruído. Os resultados serão analisados e apresentados na minha tese de doutorado, bem como poderão fazer parte de artigos e comunicações científicas, de modo a sempre garantir o anonimato dos participantes.

Contamos com a sua colaboração e nos colocamos à disposição para qualquer esclarecimento, antes, durante e depois da realização da coleta de dados, tanto para os responsáveis quanto para os alunos. Caso concorde com a participação de seu filho(a), solicito que, por favor, assine a ficha abaixo. Observe que o termo apresenta duas vias iguais, portanto, você deve guardar uma com você e devolver-nos a outra.

Este projeto foi aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Em caso de dúvidas, entrar em contato por meio do telefone (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, ou pessoalmente no endereço: Rua Professor Doutor Euclides de Jesus Zerbini, 1516 – Campus I – prédio A02 – térreo - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 – Campinas - SP. Horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 - 12h00 e das 13h00 às 17h00. O mesmo poderá ser consultado para quaisquer esclarecimentos relacionados aos aspectos éticos da pesquisa. Esclarecimentos de outra natureza poderão ser realizados diretamente com a pesquisadora responsável pelo telefone (79) 99939-4578 ou e-mail lais.s2@puc-campinas.edu.br.

Desde já agradeço a sua colaboração e disponibilidade.

Laís Santos Vitti
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
Orientadora: Professora Doutora Tatiana Nakano
lais.s2@puccampinas.edu.br

Eu, _____, declaro estar
ciente do estudo a ser realizado, e autorizo a participação de meu(a) filho(a) na mesma.

Nome do aluno: _____

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do pai e/ou responsável

Anexo 4. Termo de Assentimento para adolescentes de 14 anos

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa que visa construir uma escala para avaliar o otimismo em adolescentes, a qual faz parte do meu projeto de doutorado, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Professora Doutora Tatiana Nakano.

Se você tiver entre 14 anos, se seus pais e/ou responsáveis autorizarem a sua participação, bem como você aceitar contribuir com esta pesquisa, você poderá participar desta pesquisa. A sua participação consistirá em responder à Escala de Otimismo para Adolescentes, bem como uma ficha sociodemográfica. A respeito dos dados sociodemográficos, serão coletadas apenas três informações, a saber: (1) gênero (masculino ou feminino), (2) idade (em anos) e (3) escolaridade (1º, 2º ou 3º). A duração estimada para essa atividade é de 15 minutos. A coleta de dados será realizada de forma *online*, mediante o acesso a um formulário disponível em uma plataforma digital (*Google Forms*).

Considerando-se que a atividade a ser desenvolvida é bastante simples, pressupõe-se que a pesquisa envolva riscos psicológicos mínimos como, por exemplo, uma possível dificuldade para responder algum item e/ou cansaço ou aborrecimento ao responder questionário.

A pesquisadora responsável e sua orientadora serão as únicas pessoas que terão acesso às informações coletadas. Tomaremos todas as providências necessárias para garantir o sigilo sobre os dados obtidos, mas sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei. Os dados impressos serão guardados em uma gaveta com chave. Já os dados digitais serão armazenados em uma nuvem *online* (*GOOGLE DRIVE*).

Os resultados obtidos serão analisados e apresentados na minha tese de doutorado, bem como poderão fazer parte de artigos e comunicações científicas. É importante ressaltar que a sua participação é voluntária. Com isso, ainda que você tenha aceitado participar deste estudo, se durante ou após a sua realização você desistir de participar, não haverá nenhum prejuízo para você. Além disso, não haverá nenhuma forma de gratificação financeira pela participação desta pesquisa.

Esperamos contar com a sua participação e nos colocamos à disposição para eventuais dúvidas e esclarecimentos. Caso aceite participar, por favor preencha a ficha abaixo. Observe que há duas cópias. Assim, uma via deve ficar com você e a outra deverá ser devolvida para a pesquisadora responsável.

Este projeto foi aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Em caso de dúvidas, entrar em contato por meio do telefone (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, ou pessoalmente no endereço: Rua Professor Doutor Euclides de Jesus Zerbini, 1516 – Campus I – prédio A02 – térreo - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 – Campinas - SP. Horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 - 12h00 e das 13h00 às 17h00. O mesmo poderá ser consultado para quaisquer esclarecimentos relacionados aos aspectos éticos da pesquisa. Esclarecimentos de outra natureza poderão ser realizados diretamente com a pesquisadora responsável pelo telefone (79) 99939-4578 ou e-mail lais.s2@puc-campinas.edu.br.

Caso aceite participar desta pesquisa, preencha e assine o presente termo, elaborado em duas vias iguais, devendo, uma delas, ser devolvida ao pesquisador e a outra, ficar em seu poder, para consulta posterior caso seja necessário.

Laís Santos Vitti
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas

Orientadora: Professora Doutora Tatiana Nakano
lais.s2@puccampinas.edu.br

Declaro que recebi todas as informações a respeito desta pesquisa e que aceito participar da mesma.

Nome: _____

Assinatura do aluno: _____

Anexo 5. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para adolescentes de 19 anos

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa que visa construir uma escala para avaliar o otimismo em adolescentes, a qual faz parte do meu projeto de doutorado, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Professora Doutora Tatiana Nakano. A pesquisa pressupõe a participação de adolescentes com idades de 14 aos 19 anos. Os participantes de 18 e 19 anos que concordarem participar deste estudo, deverão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A sua participação consistirá em responder à Escala de Otimismo para Adolescentes, bem como uma ficha sociodemográfica. A respeito dos dados sociodemográficos, serão coletadas apenas três informações, a saber: (1) gênero (masculino ou feminino), (2) idade (em anos) e (3) escolaridade (1º, 2º ou 3º). A duração estimada para essa atividade é de 15 minutos. A coleta de dados será realizada de forma *online*, visto as medidas de prevenção associadas à COVID-19, mediante o acesso a um formulário disponível em uma plataforma digital (*Google Forms*).

Pressupõe-se que a pesquisa envolva riscos psicológicos mínimos como, por exemplo, uma possível dificuldade para responder algum item e/ou cansaço ou aborrecimento ao responder questionário. Sua participação é voluntária, não havendo nenhum tipo de custo ou pagamento, e você poderá interromper ou retirar sua participação a qualquer momento, sem que haja qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

A pesquisadora responsável e sua orientadora serão as únicas pessoas que terão acesso às informações coletadas. Tomaremos todas as providências necessárias para garantir o sigilo sobre os dados obtidos, mas sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei. Os dados impressos serão guardados em uma gaveta com chave. Já os dados digitais serão armazenados em uma nuvem *online* (*Google Drive*). O material coletado será guardado por cinco anos, sendo posteriormente, destruído. Os resultados serão analisados e apresentados na minha tese de doutorado, bem como poderão fazer parte de artigos e comunicações científicas. Estarei à disposição em qualquer momento da pesquisa para responder dúvidas sobre o estudo, e poderá entrar em contato com a doutoranda Laís Santos Vitti pelo telefone (79) 99939-4578 ou e-mail lais.s2@puc-campinas.edu.br.

Este projeto foi aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Em caso de dúvidas, entrar em contato por meio do telefone (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, ou pessoalmente no endereço: Rua Professor Doutor Euclides de Jesus Zerbini, 1516 – Campus I – prédio A02 – térreo - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 – Campinas - SP. Horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 - 12h00 e das 13h00 às 17h00. O mesmo poderá ser consultado para quaisquer esclarecimentos relacionados aos aspectos éticos da pesquisa. Esclarecimentos de outra natureza poderão ser realizados diretamente com a pesquisadora responsável pelo telefone (79) 99939-4578 ou e-mail lais.s2@puc-campinas.edu.br. Caso aceite participar, preencha e assine este termo, elaborado em duas vias de igual teor, devendo, uma delas, ser devolvida ao pesquisador e a outra, ficar em seu poder, para consulta posterior caso seja necessário.

Laís Santos Vitti
Doutoranda em Psicologia pela PUC-Campinas
Orientadora: Professora Doutora Tatiana Nakano
lais.s2@puc-campinas.edu.br

Declaro que recebi todas as informações a respeito desta pesquisa e que aceito participar da mesma.

Nome: _____

Assinatura: _____

Anexo 6. Termo de consentimento para adolescentes de 14 a 19 anos (Coleta *Online*)

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa que visa construir uma escala para avaliar o otimismo em adolescentes, a qual faz parte do meu projeto de doutorado, desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação da Professora Doutora Tatiana Nakano. A sua participação consistirá em responder à Escala de Otimismo para Adolescentes, bem como mais quatro instrumentos: uma escala de autoestima, escala de ansiedade, escala de otimismo e questões sociodemográficas.

Considerando-se que a atividade a ser desenvolvida é bastante simples, pressupõe-se que a pesquisa envolva riscos psicológicos mínimos como, por exemplo, uma possível dificuldade para responder algum item e/ou cansaço ou aborrecimento ao responder questionário. A pesquisadora responsável e sua orientadora serão as únicas pessoas que terão acesso às informações coletadas. Tomaremos todas as providências necessárias para garantir o sigilo sobre os dados obtidos, mas sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei. Os dados digitais serão armazenados em uma nuvem online (*Google Drive*).

Os resultados obtidos serão analisados e apresentados na minha tese de doutorado, bem como farão parte de artigos e comunicações científicas. É importante ressaltar que a sua participação é voluntária. Com isso, ainda que você tenha aceitado participar deste estudo, se durante ou após a sua realização você desistir de participar, não haverá nenhum prejuízo para você. Além disso, não haverá nenhuma forma de gratificação financeira pela participação desta pesquisa. Esperamos contar com a sua participação e nos colocamos à disposição para eventuais dúvidas e informações. Este projeto foi aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. O mesmo poderá ser consultado para quaisquer esclarecimentos relacionados aos aspectos éticos da pesquisa. Esclarecimentos de outra natureza poderão ser realizados diretamente com a pesquisadora responsável pelo e-mail lais.s2@puc-campinas.edu.br

Anexo 7. Escala de Otimismo para Adolescentes (EO-A)

Por favor, leia cada frase com atenção. Para cada uma delas, você deve marcar um **X** em apenas uma das opções apresentadas, indicando o quanto você concorda com a afirmação.

-
1. Eu procuro a melhor solução para resolver os meus problemas
 2. OMITIDO
 3. OMITIDO
 4. OMITIDO
 5. OMITIDO
 6. OMITIDO
 7. OMITIDO
 8. Eu aceito quando as coisas dão errado na minha vida
 9. OMITIDO
 10. OMITIDO
 11. OMITIDO
 12. OMITIDO
 13. OMITIDO
 14. OMITIDO
 15. OMITIDO
 16. OMITIDO
 17. OMITIDO
 18. Eu vou conseguir realizar os meus objetivos
 19. OMITIDO
 20. OMITIDO
 21. OMITIDO
 22. OMITIDO
 23. OMITIDO
 24. Eu acredito que o meu sucesso vai acontecer independente dos meus problemas
 25. OMITIDO
 26. OMITIDO
 27. OMITIDO
 28. OMITIDO
 29. Eu supero as barreiras em busca do meu objetivo
 30. OMITIDO
 31. OMITIDO
 32. OMITIDO
 33. OMITIDO
 34. OMITIDO
 35. OMITIDO
-

Anexo 8. Questionário sociodemográfico

Gênero:

- Feminino
- Masculino

Idade (em anos): _____

Escolaridade:

- 1º ano do Ensino Médio
- 2º ano do Ensino Médio
- 3º ano do Ensino Médio